Mário da Costa

Peças de Teatro para Jovens Alunos pouco Aplicados mas não muito Rebeldes

bibRIA

Efémero Edições
- Fora de Cena -

bibRIA

bibRIA

Mário da Costa

Peças de Teatro para Jovens Alunos pouco Aplicados mas não muito Rebeldes

bibRIA

Efémero Edições
– Fora de Cena –

FICHA TÉCNICA

Colecção	Fora de Cena
Título	Peças de Teatro para Jovens Alunos pouco Aplicados mas não muito Rebeldes
Autor	Mário da Costa
Data	Outubro de 1998
Edição	Efémero Edições Companhia de Teatro de Aveiro
Produção	Laboratório de Expressão Dramática de Oliveira do Bairro
Tiragem	2000 Exemplares
Depósito Legal	127031/98
ISBN	972-9199-07-8
Composição Gráfica	Publionda (Audiovisuais e publicidade) Tel.: 601472 - Fax: 621131 - ÁGUEDA
Execução Gráfica	ARTIPOL - Artes Tipográficas, Lda. Tel.: 644435 - Fax: 645600 - ÁGUEDA

bibRIA

NOTA DO AUTOR:

Naturalmente que esta obra é dedicada à **Associação Cultural dos Encontros de Teatro na Escola**, como não podia deixar de ser.

(...) (o teatro é) um lugar de exaltação, mistério e liberdade,
onde a gente pode amar, sofrer, rir e chorar, fingir à vontade,
mascarar-se, declamar, correr atrás dos outros e
perder-se invariavelmente na confusão das cordas e dos bastidores,
das lonas e armações, baldes de água e serradura, até se sentir angustiado,
sem saber o caminho lá para fora
(...) excita, comove, amedronta, duplica a vida.
Sente-se a gente com a alma à solta"

In A ESCOLA DO PARAÍSO
de José Rodrigues Miguéis

bibRIA

bibRIA

Introdução

O teatro de Mário da Costa reunido neste volume corresponde a uma teatroteka antológica de escritos ou escrituras de um teatro oral que no palco já tinha ganho um estatuto exemplar de oratura.

Alguns ensaístas podem considerar que o teatro não nasce oral e por isso consideram Gil Vicente como o 1º dramaturgo português, esquecendo dois pressupostos:

- o teatro português nasceu com o Condado Portucalense muito antes de Gil Vicente
- o teatro português nasce, como diz o cantor, sempre que "o homem quiser" hoje, amanhã e depois

Mário da Costa faz parte deste segundo grupo, dos escritores de hoje e amanhã, de escritores de teatro, desta novíssima geração de escritores de palco ou no palco ou sobre o palco como Luís Mourão, José Geraldo, José Azevedo, Joaquim Paulo Nogueira e tantos, tantos outros que não chegaria esta Introdução para os enumerar.

Não são ditadores do texto teatral mas escritores de teatro... um pouco como Moliére, Shakespeare ou Gil Vicente que escreviam e representavam e re-escreviam e re-encenavam.

Na linha de Virgílio Martinho no Teatro de Almada, de Helder Costa no Teatro Operário de Paris e na Barraca, de Abel Neves na Barraca, para citar só alguns, Mário da Costa tem realizado nas suas teatrotekas escolares aquilo que se julga ser a caminhada inexorável para o prazer do espírito e para a formação da cidadania, através da Arte. Mário brinca com seriedade utilizando todas as habilidades técnicas que o teatro propõe, através da improvisação, do jogo de circo, malabarismo e exercícios de fogo, da teatralização histórica, da História ao Vivo, da sátira social, do humor constante, muitas vezes brutal, desapiedado, corrosivo, mas lucidamente construtivo.

Portugal é, sem sombra de dúvidas, um país em que o Teatro tem tradição e épocas de excelência.

Não podemos esquecer o período da 1ª República e os últimos 100 anos com Bento Mântua, Alfredo Cortez, Jorge de Sena, Almada Negreiros, Marcelino Mesquita, Bernardo Santareno, Luís Francisco Rebelo, Costa Ferreira, Luís Stau Monteiro, Natália Correia, António Torrado, Norberto Ávila, Helder Costa, Fernando Dacosta, Augusto Sobral, Jaime Salazar Sampaio, Teresa Rita Lopes, Miguel Rovisco e Fernando Augusto entre tantos outros, foram, de forma descentralizada, quase pulverizada, fundamentais na ocupação preferencial das colectividades, do associativismo popular em cada lugar, aldeia ou vila.

biblRIA

Largamente ultrapassados em número, os quatrocentos grupos amadores registados, a Associação de Amadores APTA filiada na IATA, por tantos e tantos grupos que germinavam, cresciam e morriam por falta de apoios, deparamos hoje com uma vitalidade extraordinária da parte das colectividades e quase cem grupos activos de teatro na escola e a Associação dos ETEs (Encontros de Teatro na Escola) presidida pelo Mário da Costa.

A maioria ou como agora se diz "a maior minoria" em Portugal, país de poetas e de actores, escolheu, em determinadas épocas da vida, um momento mesmo que efémero, uma teatroteka familiar, um teatro doméstico, uma festa de amigos ou mesmo uma festividade comunitária como o Carnaval ou a Paixão, para ser e representar o Outro.

Esta "subida" ao estado breve, à alegria breve do efémero praticante do teatro, é apenas um estádio ou um dos níveis do trabalho do espectador que melhora a sua fruição dos espectáculos e por momentos cria um novo temporizador.

E ainda dizem que o Teatro português não existe!

SETE SENTIDOS

O primeiro sentido que se detecta no conjunto da obra de Mário da Costa é a linha histórica - os descobrimentos - cientistas, frades, marinheiros, homens do povo, poetas... criadores na via que **abre a direcção de uma outra apreensão de um mundo em transformação** e ao qual a criação teatral se terá que adaptar, reorganizando inevitavelmente o novo sistema.

Um segundo sentido, o que se ressalva do trabalho do(s) colectivo(s) que Mário da Costa lidera - laboratórios e oficinas (eu prefiro dizer teatrotekas de escrita teatral) em que as palavras fazem, têm acção, são a acção que o corpo dos seus jovens "endeusa".

Um terceiro sentido, regista-se nos seus textos, privilegiando sempre a contemporaneidade, que coloca no centro do teatro, o espectador destronando o actor, o encenador ou mesmo o autor.

Teatro de intervenção, provocação, envolvimento dos espectadores - por isso também e sempre, escola do espectador.

O quarto sentido, depreende-se pelo gozo que emana dos actores em palco, pelo prazer de representar, pela postura de alegria que envolve toda a dinámica de cena.

O quinto sentido é aquele em que se afirma a interculturalidade, a presença constante de África, o resultado da confluência de várias culturas em que a ideia das pontes ou das interferências entre culturas e práticas devem ser feitas de "modene a modene" o que implica, num **sexto sentido**, que para que a **interferência entre culturas seja efectiva é necessária uma atitude de total abertura e disponibilidade em relação ao outro e aos outros**.

O que nos leva a reflectir, no **sétimo sentido**, sobre se essa abertura deve ter como base o sensível ou o racional – "resensorialisation" (...) "Au lieu de formuler des discours sur les choses à partir des idées (un théâtre du logos, du discours rationnel), nos artistes ont repensé la langage théâtral en laissant parler les choses, en les explorant sans a priori." (Peter Brook).

biblRIA

Podemos colocar, por último, uma única questão :

Será que o teatro escolar continua a ser o motor da inquietação ou neste ano de comemorações, o teatro coloca aos jovens o pressuposto brechtiano - "celui Qui vit encore ne doit pas dire: jamais!/ Ce Qui est assuré n' est pas sûr/ Les choses ne restent pas comme elles sont/ Quand ceux Qui règnent en maître auront parlé/ Ceux sur Qui régnaient parleront/ Qui ose dire: Jamais?"

José Gil
Encenador, ensaista e investigador
Coordenador da Escola do Espectador
Teatro da Trindade / Inatel
Professor na Escola Superior de Educação de Setúbal
Comissário do Projecto TEATROTEKAS

bibRIA

bibRIA

Histórias de arremedilhos e de histriões que não sabem arremedar

Palco nu. O público está sentado normalmente.
Na banda sonora, um coro masculino do Tibete.
Do fundo do palco surge, na penumbra, uma bola negra. Enorme.
Mudança de ritmo musical. Congas africanas.
À medida que a bola negra avança para a boca de cena e a luz vai clareando, o público apercebe-se que a bola é uma enorme cabeça (olhos verdes e boca redonda, vermelha) bamboleando ao som da música.
Durante algum tempo a cabeça dança.
Dois frades surgem com archotes nas mãos. Saltitam, enquanto executam estranhos passes com os archotes.
Frente a frente com a cabeça, parecem medir forças, ora avançam um pouco (a cabeça recua) ora recuam (a cabeça avança).
Postando-se um de cada lado, encurralam a cabeça e, chegando os archotes próximo das bocas, cospem fogo contra ela, a qual recuando, dá uma volta sobre ela própria, desfazendo--se no chão.
Uma dezena de actores emerge de entre as dobras do tecido. Estão vestidos como saltimbancos com roupas coloridas e chapéus de guizos.
Música alegre.
Cantares transmontanos (Brigada Vitor Jara).
Os actores dividem-se em dois grupos e começam a dançar.
Um grupo no palco, outro na plateia.
No final da dança, outra música (Arraial mexicano).
Os actores vêm buscar o público para dançar.
A pouco e pouco, todos os espectadores acabam por integrar as duas rodas de dança.
Alguns actores, discretamente, desarrumam as cadeiras e dispoêm-nas em círculo no centro da sala. No meio fica um espaço circular, vazio. Quando a música termina, os actores vão convidando os espectadores a sentarem-se novamente, sentando-se também os actores.
Música árabe. Alegre. Dois actores desafiam-se e saltam para o espaço circular, dançando e lutando em jeito de "capoeira".
Outros actores vão substituindo os contendores.
A música pára.
Um actor faz malabarismos com bolas.

bibRIA

A1 – Histórias de arremedilhos, comédias, sátiras, farsas, entremezos, piadas e brejeirices, forjadas e treinadas na esplêndida arte de troçar, bem ou mal amar e com uns cornos grandes de espantar...

A2 – Histórias de arremedilhos com saltimbancos e maltrapilhos, mendigos luxuosos, outros andrajosos, ciganos atrevidos, bobos tortos, defeituosos, vidas de vagabundos, reis das praças públicas a cruzarem-se nas esquinas das casa de vossas senhorias.

A3 – Viemos de longe
de muito longe.
Estamos aqui
para arremedar.

A4 – Bem ou mal arremedaremos
os grandes e os pequenos da
terra de vossas senhorias.

A5 – Histórias de Reis, Fadas, Floripes e Dulcineias.

A6 – O Sancho Pança sempre dois passos atrás do notável visionário D. Quixote.

A7 – A verdadeira história do castelo de Alveizarão e do verdadeiro mapa do tesouro do Zé do Telhado.

A8 – E a singela e triste história da moura encantada de Montemor-o-Velho.

A9 – Zuleida de seu nome, trespassada pelas espadas dos seus dois amantes.

A10 – E a incrível história dos piratas fenícios a subirem pelo Mondego até à Estrela.

A1 – Basta de intróitos.
Vamos ao que tem que ser...

(O actor que fazia malabarismos com as bolas, interrompe a sua actividade e, fazendo uma vénia ao público, posiciona-se para falar. Os outros sentam-se em círculo, de costas voltadas uns para os outros e de frente para o público).

A2 – Por uma radiosa manhã de Primavera, Sancho Pança cavalgava o seu burricoque pelas lezírias do Ribatejo.

(Um actor levanta-se e poê-se a cavalgar em círculo).

A3 – À frente, Quixote de la Mancha seguia, impávido e sereno, na peugada dos gigantes e dos invencíveis moinhos.

(Outro actor posiciona-se à frente de Sancho Pança. A sua figura hirta e rígida contrasta com o saltitante Sancho. Este coloca-lhe uma corda sobre os ombros e usa-a como rédeas. Ambos se deslocam em círculo. Sempre que alguém fala, imobilizam-se).

bibRIA

A4 – A radiosa manhã de Primavera deu em soalheira tarde de Verão. Os nossos heróis, cansados da dura cavalgada, arrearam debaixo de uma frondosa árvore.

(A4 imobiliza-se de braços abertos, como se fosse uma árvore. Os outros dois sentam-se debaixo da árvore).

A5 – Meu amo e senhor, ainda falta muito para chegarmos a Aveiro?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Puxando de um saco com pão, queijo e vinho)* - Tendes fome?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Encolhendo os ombros)* - Também não quereis beber?

A6 – *(Saca-lhe a garrafa, bebe e mantêm-se calado).*

A5 – E achais que falta muito para chegarmos a Aveiro?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – Sendo assim, Vossa Alteza, - *(faz uma vénia)* - de pé que se faz tarde.

(Erguem-se e continuam a cavalgar, um rígido e o outro saltitante).

A4 – Para terem esta conversa, como decerto, deveis ter reparado, não havia necessidade de fazer teatro. Vamos então fazê-los parar debaixo de outra árvore para que possam ter uma conversa que se entenda.

(A9 faz de árvore e a mesma cena repete-se na íntegra).

A5 – Meu amo e senhor, ainda falta muito para chegarmos a Aveiro?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Puxando de um saco com pão, queijo e vinho)* - Tendes fome?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Encolhendo os ombros)* - Também não quereis beber?

A6 – *(Saca-lhe a garrafa, bebe e mantém-se calado).*

A5 – E achais que falta muito para chegarmos a Aveiro?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – Sendo assim, Vossa Alteza, - *(faz uma vénia)* - de pé que se faz tarde.

(Erguem-se e continuam a cavalgar, um rígido e o outro saltitante).

biblRIA

A9 – E lá vão eles a galope - *(prescruta o horizonte)*. - Há personagens assim. Por mais que se lhes diga não conseguem sair das deixas impostas por outrem.

A10– Há personagens assim. Se insistirmos, continuarão a representar o mesmo guião e a dizer as mesmas palavras de árvore em árvore até à eternidade botânica.

A1 – Resta uma esperança. É que com os incêndios do Verão, as árvores irão rareando e eles terão que parar um dia, à míngua de árvores, debaixo do dedo em riste de um qualquer herói metamorfoseado em estátua de bronze, algures numa qualquer praça pública.

A2 – Só que assim não temos história.
Atentemos em Dulcineia. Onde estará a Dulcineia expectante e ansiosa, esperando que a venham cortejar?

A3 – A Dulcineia vive neste castelo.

(Os outros actores formam um círculo de pé, mantendo as costas viradas uns para os outros e fazendo malabarismos com lenços).

O castelo de Alveizarão.
Uns descobrem-no.
Outros não.

(Música do Afeganistão).

A4 – As muralhas do castelo são intransponíveis.

A7 – Poderosos guardas armados até aos dentes patrulham ferozmente as ameias.

A8 – Os crocodilos no fosso estão sempre esfomeados.

A9 – Engenho algum inventado pelo homem poderá trespassar as grossas paredes.

A10– Só uma palavra. Uma palavra mágica.

A1 – Só uma palavra mágica conseguirá atravessar o granito dos muros e fazê-los desabrochar.

A2 – Fazê-los desabrochar em flor pondo à vista a tão desejada Dulcineia.

A3 – Tantos e tantos a amá-la e a desejá-la...

A4 – E contudo nunca a viram

A7 – Nunca lhe puseram a vista em cima

A8 – Nem sabem se é loira se é morena, se tem sardas ou se entorta os olhos.

A9 – Os miolos de cavaleiros outrora ardentes e apaixonados servem de argamassa aos contrafortes do castelo.

bibRIA

A10– Sancho! Tens a palavra mágica que fará desabrochar o castelo?

A5 – Não! Não tenho! Mas o meu amo tem de certeza!
(Virando-se para o amo) - Falareis agora?
Direis a palavra mágica?

A6 – *(Silêncio).*

A5 – É assim desde que começou esta representação. Mudo que nem uma rocha.
Perdeu o siso e faz-me perder o meu.

A9 – Procurai-lhe nos bolsos. Vêde se tem alguma palavra oculta nas roupas interiores.

A5 – *(Procurando nas roupas de Quixote)* - Nada! Nem para mandar cantar um cego.

(Um cego ergue-se de entre os espectadores).

Cego - Eu cantarei se é para o bem de todos. - *(Canta).*
Já passei a roupa a ferro
Já passei o meu vestido.
Amanhã vou-me casar.
E o Quixote é meu marido.

Coro – Todos me querem.
Eu quero alguém.
Quero o meu Quixote.
Não quero mais ninguém.

A5 – Como estava a dizer: Nada, nem para mandar cantar um cego.

A10– Então vamos ter que dar uma ajuda. *(Viram-se uns para os outros e parecem confabular. Voltam às posições em que se encontravam antes)* Pronto... vamos dizer.
A palavra mágica encontra-se debaixo da língua do Quixote.

A5 – *(Abrindo a boca do Quixote de onde extrai um longo fio de seda)* - Ah! Encontrei!
A palavra mágica começa por... e acaba em...

A1 – Qual flor do deserto que recebeu a gota de orvalho o castelo vai abrir em lótus.

(O castelo abre, curvando-se os actores para a frente e surgindo a Dulcineia, no centro, praticando "Devil stick").

A2 – Aí está a Dulcineia!

A3 – A mui formosa e jovem Dulcineia com as suas agulhas de "crochet."

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO
OFERTA

A5 – Amo! Chegámos ao castelo e já avistamos a nossa Dulcineia.

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Implorando, de joelhos)* - D. Quixote de la Mancha, por quem sois vos esconjuro a que faleis à Dulcineia e assim possa terminar esta nossa malfadada viagem em roda .

A6 – *(Silêncio).*

A5 – D. Quixote, suplico-vos que faleis à coitadinha da Dulcineia que nem ela nem eu aguentamos mais este vosso silêncio.

A6 – *(Silêncio).*

A5 – *(Perdendo a paciência)* - Pois se não falais vós, falarei eu. A mim, Dulcineia...

(Sancho entra no castelo. Os muros voltam a fechar-se formando uma abóbada. Uma ou duas peças de roupa são atiradas para fora do castelo. Ouve-se gemer ou gritinhos nervosos. Cá fora, Quixote ensaia passes de esgrima e sopra um moínho de vento. Os muros do castelo voltam a abrir e surge Sancho).

A5 – *(Compondo o vestuário)* - O meu amo tem de ser visto por um médico... um físico... um barbeiro... ou uma bruxa... sei lá! Nós já voltamos. *(Vira-se para Dulcineia).*
Doce Dulcineia, nós já voltamos. Aguardai um instante, um minuto, umas horas, uma vida, que nós vamos em demanda de um curandeiro e voltamos já.

(Vão saindo).

A7 – *(Acenando comovida e lembrando-se de algo, de repente)* - Mas... Mas... Eu não sou a Dulcineia... Eu sou a moura Zuleida de Montemor-o-Velho.

A4 – O quê?

A3 – Tens a certeza do que dizes?

A2 – Mostra os teus papéis.

(Dulcineia exibe o B. I.).

A9 – É mesmo a Zuleida...

A8 – Enganámo-nos no castelo.

A10 – Fechem o castelo, novamente...

(Os muros voltam a fechar-se, mas os braços formam colunas e arcos).

A1 – Vamos continuar. Segue-se já com a história de Zuleida e depois caça-se o Quixote num intervalo.

LIBRIA

A2 – Estava a bela moura Zuleida no seu jardim assentada.

(Zuleida penteia-se languidamente).

A3 – Veio um cavaleiro cristão espreitá-la por entre os pórticos do seu castelo altaneiro...

(Um cavaleiro espreita a moura por entre os braços erguidos dos outros actores).

A4 – A linda moura Zuleida ao sentir-se contemplada por entre os pórticos do seu castelo altaneiro, levantou-se e dançou.

(A moura levanta-se e dança. Música árabe).

A8 – Dançou e bailou como só ela sabia dançar e bailar.

A9 – O cavaleiro embeveceu-se na muda contemplação da linda Zuleida.

A10– Mas sentindo passos que se aproximavam, temendo que fosse a guarda do altaneiro castelo, foi-se embora sem mais tardança.

A1 – Os passos que se aproximavam eram de outro cavaleiro, seu irmão de armas, que vinha à sua procura.

A2 – Mas não o encontrando, ao seu irmão de armas, quedou-se de boca aberta, olhando para a linda Zuleida enquanto esta dançava.

A3 – A linda Zuleida, pensando tratar-se do mesmo cavaleiro, dançava e volteava, procurando acender as chispas do amor no coração do jovem guerreiro.

A4 – E esta cena pode acabar por aqui. - *(A música pára).*
Convencida já está a moura Zuleida da sua paixão pelo cavaleiro que só entreviu por entre os pórticos do seu altaneiro castelo.

A1 – Convencidos já estão os dois cavaleiros do seu amor pela linda dançarina.

A2 – Mas eis que tempos de rijas guerras se avizinham.

A3 – O duque de Coimbra decidiu conquistar, de uma vez por todas, o castelo sarraceno encravado na linha do Mondego.

A4 – Monte Mor, o Monte Maior dos campos de arroz será conquistado com bravura e denodo.

(Os dois cavaleiros investem contra o castelo e, lutando durante algum tempo, deitam abaixo os muros do castelo, quedando-se Zuleida no meio, atónita).

1º Cavaleiro – Meu amor!

2º Cavaleiro – Minha paixão!

bibRIA

A7 – *(Surpreendida)* - Dois? Como dois? "el magrheb el arabi Ketama Marrakeche choukrane essalame Moustapha Abdula Ibraihm in ach Allah"

(Faz contas com os dedos, perplexa).

A3 – Que cruel destino o destes dois cavaleiros...

A4 – Que cruel destino o destes dois companheiros de armas...

A8 – Amarem a mesma mulher...

A9 – Amarem o mesmo sonho...

A10 – Tudo desfeito em pó...

A1 – Que cruel destino o desta jovem moura ...

A2 – Que história tão mal imaginada...

A3 – Amar dois homens julgando tratar-se de um...

1º Cavaleiro – Traidor!

2º Cavaleiro – Cabrão!

A4 – Um deles deve morrer!

A8 – Um deles tem que morrer!

A9 – Aprazarão uma luta até à morte!

A10 – Até à morte de um deles!

A1 – Ao soarem as badaladas da meia noite...

A2 – Ao soarem as doze badaladas da meia noite...

A3 – Encontrar-se-ão estas duas almas sofredoras...

(Doze badaladas de sino. Na penumbra, os dois cavaleiros lutam entre si. Um vulto ergue-se entre eles e é trespassado pelas espadas. Acendem-se as luzes).

A1 – Ó Infortúnio!

A2 – Ó tristeza imensa e sem fim!

A3 – Os dois cavaleiros, como Vossas Senhorias podem constatar, acabam de matar a mulher amada.

A4 – Neste momento de dor e desolação, vamos passar o mealheiro entre a assistência. Sejam generosos.

(Os dois cavaleiros choram sobre o corpo da moura que é coberta com um pano).

A8 – Já nada resta a estes dois infelizes.

bibRIA

A9 – Abandonarão esta vida de enganos, desilusões e traições...

A10 – Far-se-ão monges mendicantes...

(Os cavaleiros vestem um hábito de frade e evoluem em círculo. Coro tibetano. Os outros actores estão sentados em círculo, numa atitude de contrição. A moura continua ao centro, coberta com um pano. Sancho e Quixote regressam. Desta vez, Sancho é o cavalo e está calado. Quem fala é Quixote. O coro tibetano desce até deixar de se ouvir).

A6 – Ó da casa!

1º monge – Quem vem lá?

A6 – Gente de paz!

2º monge – Ao que vindes?

A6 – Buscar a cura ou buscar consolo para o meu cavalo que deixou de falar...

1º monge – *(Dando-lhe um papel)* - Este é o endereço de um conhecido e famoso psiquiatra. Ide depressa sem mais tardança...

A6 – Não! Não me estão a entender... Eu procuro a minha dama Dulcineia...

2º monge – E como é ela?

A6 – O problema é que não sei! Nunca a vi!

1º monge – *(Destapando a moura)* - Será esta?

A6 – Não! Essa conheço-a eu...

2º monge – Quem é então?

A6 – Essa é Zuleida, a que vós matasteis por disputa de amor.

1º monge – Vade Retro Satanás que nos estás a tentar...

(Quixote e Sancho vão saindo).

A1 – E sem querer antecipar o desfecho desta história, melhor será que mudemos o cenário.

A2 – Ainda temos para contar a célebre história do tesouro escondido do José do Telhado.

(Os monges despem o hábito e sentam-se).

A3 – José do Telhado foi um salteador de estradas e caminhos.

A4 – Capaz dos feitos mais espectaculares em matéria tão específica como era a sua.

(O actor que fará de José do Telhado levanta-se, jogando o "Diabolo").

bibRIA

A8 – José do Telhado roubava aos ricos para dar aos pobres.

A9 – Não só era exímio na sua arte como era aquele que visava mais alto.

A10– Tão alto que à noite se perdia nas estrelas.

A1 – E era pelas estrelas que se guiava José do Telhado...

A2 – Guiado pelas estrelas, José do Telhado foi o terror de mercadores e avarentos.

A3 – Nem ferrolhos nem fechaduras tinham segredos para José do Telhado.

A4 – E as riquezas eram distribuídas pelos pobres e pelos miseráveis nas feiras e nos mercados.

A1 – Menos a última riqueza roubada.

A2 – Os patrulheiros da polícia prenderam José do Telhado, à traição, numa noite escura como breu!

A3 – E quase em segredo, de madrugada, José do Telhado embarcou a ferros para cumprir o degredo em África.

A4 – E a última riqueza roubada não chegou a ser consolo e pão para tantos infelizes...

A1 – A última riqueza roubada e que dava para fazer a felicidade de uma vida inteira, está escondida algures.

A2 – É um tesouro que ainda ninguém descobriu...

A3 – Está posto a bom recato...

A4 – Nunca ninguém o viu...

A8 – Nem sabe onde está...

A9 – Já muitos tentaram...

A10– Uns melhor, outros pior, todos procuraram encontrar...

(Surge Sancho com Quixote às cavalitas).

A5 – Senhores! Já não sei o que hei-de fazer ao meu amo.
Agora recusa-se a andar pelo seu próprio pé. Diz que eu sou o seu cavalo.
E estou a ficar cansado.

A1 – Hei! Vocês aí! Parem....

A2 – Não podem interromper constantemente as histórias dos outros.

A3 – Façam uma coisa. Vão para um sítio incerto e só voltam quando vos chamarmos.

bibRIA

(Sancho sai arrastando Quixote).

A4 – Bem! Vamos continuar a procurar o tesouro do José do Telhado.

A9 – Achei! Achei o tesouro...

Todos – Onde?

A9 – *(Destapando a moura)* - Aqui... O tesouro do José do Telhado está a dormir. É Floripes, a bela adormecida.

A4 – Beija! Beija!

Todos – Beija! Beija!

A9 – Se vocês acham... - *(baixa-se e beija a moura)* - Não aconteceu nada...

A3 – Despe! Despe!

Todos – Despe! Despe!

A9 – Concerteza! Evidentemente! - *(Música. Despe-se lentamente).*

A4 – Tapem os olhos às criancinhas...

(Os outros tapam-lhe os olhos a ele).

A3 – A Floripes levantou-se! Está de pé. Viva! Viva!

Todos – Viva! Viva!

A7 – Olá! Eu sou a Dulcineia...

Todos – Quixote! Ó Quixote! Já podes vir...

(Quixote traz Sancho ao colo).

A6 – Cá estamos! Onde está a Dulcineia?

Todos – Ali!

A7 – Aqui! - *(pisca os olhos).*

A6 – Quixote... É esta a tua Dulcineia?

A5 – Eu não sou o Quixote...

A4 – Pois não! És o Sancho...

Todos – És o Sancho Pança.

A5 – Eu não sou o Sancho Pança...

A2 – Quem és tu, então?

A3 – Quem és tu, Romeiro?

bibRIA

A5 – Ninguém...

A6 – Se ele diz que é ninguém, eu acredito...

(Retiram-se abraçados. Enquanto um continua a choramingar dizendo que não é ninguém, o outro consola-o, dizendo que acredita nele).

A1 – Ao que parece, chegámos a um impasse...

A2 – Isto não estava previsto.

A3 – As personagens apoderaram-se da história e ultrapassaram o que estava previamente definido no guião.

A4 – Vamos pedir ajuda ao público.

A8 – É uma boa ideia...

A9 – Algum dos espectadores quer tentar dar continuação a isto?

A10 – Você aí, importa-se de atravessar a fronteira e vir cá? Obrigado...

A1 – Tem alguma ideia do que se pode fazer agora? Não?

A2 – Talvez pudesse dizer: Eu sei onde está o tesouro.

Espectador – Eu sei onde está o tesouro.

A3 – Diga com mais convicção.

Esp. – Eu sei onde está o tesouro.

A4 – Está melhor! Mas ainda pode dizer com mais entoação. Assim: Eu sei onde está o tesouro.

Esp. – Eu sei onde está o tesouro.

A3 – Muito bem! Onde está então o tesouro?

A4 – *(Segreda ao ouvido do espectador)* - Tenho aqui o mapa.

Esp. – Tenho aqui o mapa. - *(A4, subrepticiamente faz aparecer um mapa enrolado de dentro do vestuário do espectador).*

A1 – Viva! Um mapa do tesouro. Vamos abri-lo...

A2 – Leia o mapa... Leia o mapa...

Esp. – Dois passos para Norte de Dulcineia...

A3 – Dois passos para norte de Dulcineia... ora o norte...o norte... é para ali... e depois?

Esp. – Mais dois passos para Oeste...

biblRIA

A3 – Dois passos para oeste... e mais?

Esp. – Mais dois passos para Sul...

A3 – Dois passos para sul... já está... e agora?

Esp. – Dois passos para Este...

A3 – Dois passos para este... voltei à Dulcineia... e agora?

Esp. – Não há mais...

A3 – Não há mais? Como assim?

Esp. – *(Talvez encolha os ombros).*

A3 – Então o tesouro... o tesouro é... a Dulcineia...

A4 – O tesouro é a Dulcineia?

(Sancho e Quixote, de longe).

A6 – Dulcineia, meu tesouro...

A5 – Dulcineia, meu tesouro...

A7 – *(Correndo para o espectador)* - Zézito, meu amor!

A9 – Dulcineia ama o José
Quixote ama Sancho
Sancho ama Dulcineia
Dulcineia não ama Quixote
Dulcineia ama os espectadores
Quixote ama Dulcineia
Sancho ama Quixote
e vice versa e vice versa
só o José não ama Dulcineia
nem o Quixote ama José
nem José ama Sancho...
Desisto...

A10– Histórias de arremedilhos, comédias, sátiras, farsas, entremezos, piadas e brejeirices, forjadas e treinadas na esplêndida arte de troçar, bem ou mal amar e com uns cornos grandes de espantar...

A1 – Siga a contradança! Já só nos falta apresentar a incrível história dos piratas fenícios a subirem pelo Mondego até à Estrela.

A2 – Música, Saltimbancos! Vamos a despachar que estamos quase na Quaresma...

bibRIA

A3 – Só o tempo de circular a panelinha dos tostões e vamos já dar início à mais impressionante farsa da Península Ibérica.

(Os actores regressam às posições originais).

A4 – Ora, por uma aprazível tarde de outono, conhecida entre nós por Verão de S. Martinho, por causa do milagre do referido S. Martinho que despiu a capa e com a espada a cortou em duas, por compaixão para com o pobre pedinte enregelado de frio que...

(A3 puxa pela manga de A4 e segreda-lhe ao ouvido).

"Tá" bem! "Tá" bem!
Ora, por uma aprazível tarde, dizia eu, estavam as lavadeiras a lavar a roupa no rio Mondego...

(Actores de joelhos, como se lavassem a roupa no rio, cantam: Coimbra tem mais encanto se a roupa está despida).

A2 – Eis senão quando, de repente, se avistam barcos no horizonte, subindo o rio...

A3 – Vêm aí os fenícios!

A1 – Como é que sabes que são fenícios?

A3 – Com perguntas dessas não vamos a lado nenhum.
(Vira-se para os barcos) - Oiê! Oiê!

(Dois actores surgem, de andas, puxando vários barcos em miniatura, presos por um cordel. As lavadeiras compoêm as saias, ajeitam os cabelos, acenam para os marinheiros)

A1 – Vês? Não são nada fenícios. Ainda acabam mas é a roubar-nos as mulheres...

A3 – Yo no creo en brujas pero que las ay ay...

A1 – Olé!

(Reviravolta brusca e todos os actores cantam e dançam um bolero rápido).

A3 – Então vocês não deviam subir o Mondego até à Estrela?

A4 – Até à Serra da Estrela?

A5 – Nossotros no!

A6 – Eso son los fenicios...

A5 – Nossotros somos nada más que los vecinos de ustedes...

A6 – Venimos aqui a demandar a vuestro rey...

A5 – El rey don Duarte de Bragancia...

bibRIA

A6 – Queremos adorar al niño...

A3 – Quê ninho?

A6 – A su hijo...

A5 – El futuro rey de Portugal y de los Algarbes...

A3 – Então vocês são...

A5 – Los Reys Magos...

A6 – Si! Melchior y Baltazar al vuestro servicio...

A5 – Gaspar se quedó más abajo cagando en una roca del mar...

A3 – Então eu devo ser o Herodes... Ou te vais já daqui ou te...

A5 – Mas é que nossotros no nos vamos daqui sen ver al rey...

(As mulheres agarram-se a eles e não os querem largar).

A9 – Ainda nos levam as mulheres...

A10 – Não! não é nada disto! Parem!

(Imobilizam-se todos).

Ora bem! Se não temos fenícios, vamos fazer a coisa com a mão de obra que há.
Vá! Vamos repetir! Mulheres a lavar e espanhóis a chegar...

(As mulheres recomeçam a lavar e cantam: Água fresca na ribeira... sete fraldas, um lençol...).

A3 – Oiê! Oiê!

A5 – Buenas tardes! Adonde estamos?

A3 – Em Aveiro.

A5 – Si? Y que hacen estas mujeres?

A3 – Estão a lavar a roupa suja...

A6 – Pero, esso no se faz en Coimbra?

A3 – Fazia-se em Coimbra...

A1 – Agora também se faz aqui.

A2 – Aveiro também já tem Universidade.

A5 – Ah! Bueno!

bibRIA

A6 – Nossotros queremos ver al niño...

A3 – Al ninho?

A1 – Pois o menino está na Nazaré...

A5 – Si, claro...

A1 – Na Gafanha da Nazaré...

A5 – Y como se vá?

A3 – É apanhar a ponta da IP5 e ir sempre em frente.

A5 – Muchas gracias!
Sancho Pança, vamo-nos!

A3 – Sancho Pança?

A6 – Soy yo!

A5 – Mi caballo y mi criado y mi amigo...

A6 – Olé!

A4 – Assim não vale... Estão a dar cabo da história toda...

A5 – Porquê? Si Dulcineia parió, nos vamos a ver al niño. Puede ser que por la pinta se pueda mirar se es mi hijo ou hijo de Sancho ou hijo de Cervantes ou hijo de lo que séa...

A1 – Nós somos os filhos.

A2 – Nós somos os filhos de Dulcineia.

A3 – Nós somos os filhos de Zuleida.

A4 – Nós somos os filhos de Floripes.

A7 – Nós somos os filhos do Zé do Telhado.

A8 – Nós somos os filhos de alguém.

A9 – Nós somos os filhos dos nossos pais.

A10 – Nós somos os filhos da nação.

*(Cantam e dançam: **os filhos da nação**; fazem um círculo, de costas voltadas uns para os outros).*

Todos – Nós somos aqueles contra quem os nossos pais nos preveniram.

(Curvam-se e deixam pender a cabeça).

Todos – Contra quem os nossos pais nos preveniram.

bibRIA

(Curvam-se completamente e ficam agachados).

Todos – Nos preveniram.

A1 – E estamos a crescer.

(Levantam-se ligeiramente).

A2 – A expandir-nos.

(Levantam-se mais um pouco).

A3 – Num rápido desenvolvimento.

(Oscilam os braços como asas).

A4 – Chega!

(Descaiem os braços).

Se continuassemos assim seguia-se a história do Fernão Capelo Gaivota a voar cada vez mais alto. E não queremos nada disso, pois não?

Todos – Não!

A4 – Então chega! Muito obrigado.

(Música dos Gaiteiros de Lisboa. Fazem malabarismos com aros, arcos, swings, sticks, massas, bolas e lenços).

Fim

. Ou precipitam-se para o palco, enfiam-se debaixo do pano preto (cabeça) e afastam-se até desaparecerem

(O malabarista do "devil stick" pode ficar no círculo a varrer, tocando na vassoura só com os sticks)

O. do B.
Jan. 96

bibRIA

bibRIA

Desmemórias de um alquimista passado dos carretos

Dedicado a um tal de Luís Caetano, fotógrafo virtual
e impressor de cadeiras na linha do horizonte

A verdadeira história da mancha de azeite que só atacava ao anoitecer ou as dioptrias perdidas de um pirilampo fêmea que, por ser míope, se julgava feliz

Aconselha-se vivamente, durante a ocorrência desta tragédia, a só se baterem palmas para matar moscas e a só se levantarem para se irem embora.

Avisos ao público em geral e a ninguém em particular

Avisam-se todos aqueles que se sentarem nas filas da frente de que distribuiremos protecções civis para as cenas de fogo real.

Avisam-se as últimas filas de que os preservativos molhados são tão perigosos como as cascas de banana no chão. Há um caixote de lixo itinerante à disposição do público.

Avisam-se igualmente todos os restantes espectadores de que não nos responsabilizamos pelos danos causados por arremessos involuntários de objectos desprovidos de asas.

Último e derradeiro aviso do género: No átrio funcionará um posto de primeiros socorros requisitado na estrada nacional número um, na segunda cortada para Fátima.
Os voluntários de serviço estão especializados em ligaduras para pés, tornozelos e meniscos, pelo que aconselhamos os espectadores a nunca tirarem os óculos de sol.

No caso de ainda não terem percebido, aconselhamos os cardíacos e outros facilmente influenciáveis, a não terem a veleidade de quererem assistir a este apocalipse.

Nota da Direcção: Como nota de alegria e bem estar entre o pessoal, publicamos os resultados de uma pequena sondagem interna - os nossos actores não trocariam os seus papéis nesta peça por um regresso à estiva nas docas.

Placard sindical: Companheiros de luta! Vitória! A Organização Internacional do Trabalho reconheceu o nosso direito aos subsídios de alto risco e perigo permanente até agora só concedido aos homens rãs no activo em zonas sísmicas.

bibRIA

Atenção: O funeral do actor desconhecido que morreu carbonizado ainda não se realizou porque o vento espalhou as cinzas.

Aviso da polícia montada: Os quatro actores desaparecidos no último ensaio, telefonaram de Espanha (Olivença) a dizer que estão quase bem mas que não desistem da queixa crime.

Desmemórias de um alquimista passado dos carretos

Dos Jornais:

JN – "Ainda não está provado que a intoxicação alimentar que vitimou 48 espectadores, tenha tido origem no cloreto de amónio e no sulfato de éter."

DN – "Os espectadores internados no Instituto de doenças mentais começam agora a regressar às suas casas."

Críticas:

JN – "... comovedor ver tanto disparate em tão curto espaço de tempo... (...) ... nunca a minha inteligência fora insultada de tanta forma e feitio..."

DN – "... tive a sorte de ter ficado atrás de uma coluna..."

Tal e qual – "... quando tentei sair para vomitar fui atropelado pela fuga dos outros..."

Boas críticas:

Corriere dela Sera – "...va fare un culo..."

Jornal do Fundão – "... consta que sim..."

Figaro – "Il pleut comme une vache qui pisse..."

Pedimos desculpa pelo incómodo.
Tentaremos ser breves.
Obrigado.

Tentaremos ser breves.
Obrigado.

A peça propriamente dita:

Palco nu. Ao fundo, panos velhos, pardos, rotos, esfarrapados, estão pendurados em esguias estruturas de madeira. Penumbra. Música dos Dead Can Dance. Um actor magro e alto, envergando uma djellaba ampla, entra com um lampião.
Vem à boca de cena e, hesitante, procura reconhecer a sala, levantando o lampião e prescrutando o horizonte. Sai. Regressa com uma mesa desmontável, monta-a e vai buscar mais luminárias.

bibRIA

Arrasta um pesado malão. Abre-o e retira vários frascos, provetas e caixas, dispondo-os na mesa. Mistura vários líquidos e, com sódio na água, provoca uma pequena explosão. Cai de costas. Levanta-se e foge.
Regressa a medo. Aproxima-se do malão e retira um boneco em tamanho natural. Ergue-o. Este cai. Volta a ergue-lo. Este descai. Segura-o. Este escorrega. Encosta-o ao malão, apoiando-o numa vassoura. Acendem-se as luzes gerais. O actor pisca os olhos e dirige-se ao público.

Aprendiz – Senhoras e senhores! Fez-se a luz. Fizeram-se os sóis e as estrelas. E eis-me aqui. Nascido do amor entre Deus e o Diabo. Eu sou o teatro do mundo.
Nascido do fogo, a água deu-me a vida, a terra é o meu sustento e o meu juízo é um ar que lhe deu.

Alquimista – *(Entrando)* Pois! pois! pois! Toma lá a vassoura e limpa-me esta bagunça toda.

Meia luz. Triste, o aprendiz faz sticks com a vassoura. O alquimista ri-se enquanto mexe nas provetas e procura nas páginas de um enorme livro que retirou do malão.

Alq – *(Lendo)* - Tome-se a medula do pé de um cachorro preto, desses de raça pelada e encha-se com ela um agulheiro de pau. Envolva-se depois o agulheiro num pedaço de veludo encarnado e encha-se os braços e pernas com algodão retirado do colchão mijado de uma velha virgem...

Ap – ... E encha-se os braços e pernas com algodão retirado do colchão mijado de uma velha virgem...

Alq – Tome-se depois o coração de um pombo e a cabeça de um sapo e depois de bem secos e reduzidos a pó encha-se um saco de serapilheira de mistura com caganitas de rato almiscarado. Aperte-se tudo muito bem e deixe-se ao relento durante três noites de orvalho.

Ap – Aperte-se tudo muito bem e deixe-se ao relento durante três noites de orvalho...

Alq – Espere-se pela lua cheia de Agosto e à noite coza-se o saco ao agulheiro no lugar da cabeça. Estará feito o boneco. De seguida, é preciso dar-lhe um sentido de vida.

Ap – De seguida, é preciso dar-lhe um sentido de vida.

Alq – Busque-se terra de cemitério a uma sexta feira e misture-se com água de azeitonas. Convém que sejam azeitonas pretas.
Faz-se uma infusão e dá-se a beber ao boneco depois de se lhe esfregar a cabeça de trás para a frente, soprando-lhe palavras mágicas na nuca. E o boneco estará pronto a obedecer.

DORIA

Ap – E o boneco estará pronto a obedecer.
Mas para que queres tu mais bonecos?

Alq – Para me obedecerem. Contigo a experiência falhou. Não prestas.

Ap – Não presto?

Alq – Foi numa época má para as azeitonas pretas. Tinha nevado todo o Inverno e as azeitonas pretas queimaram-se com o gelo. Tive que usar caganitas de cabra que são parecidas mas não produzem o mesmo efeito.

Ap – Eu sou filho do amor entre Deus e o Diabo. Eu sou o teatro...

Alq – Pois, não prestas... és um borrabotas...

Ap – *(Sentando-se a analisar as botas)* - Um borrabotas, eu?

O alquimista prepara uma poção e prova-a. Faz uma careta e dá a poção a beber ao boneco. O boneco ganha vida.

Bonifácio – Papá... - *(virando-se para o aprendiz)* - Mamã...

Ap – Lindo menino... Toma lá esta vassoura e mostra como se varre bem, mostra lá, queridinho da mamã....

Alq – Agora que este saiu bem, vou vender-te.

Ap – Eu não tenho preço... Ou por outra, até tenho... sou barato e quero comprar-me a mim próprio...

Alq – Não estás à venda para ti próprio... Dizem os livros que...

Ap – Mostra lá o que dizem os livros... Pode ser que eu aprenda...

O alquimista tenta esconder o livro grande mas o aprendiz tira-lho e foge enquanto folheia as páginas.

Ap – Deixa cá ver... deixa cá ver... Antiga maneira de hipnotizar um mestre de alquimia segundo o livro de S. Cipriano... Ah! Basta dizer escarafunchar três vezes... Escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar... Ah ah ah! Estás hipnotizado, meu! Agora tu és o aprendiz borrabotas e eu sou o grande mestre alquimista... - *(trocam de personagens)*

Alq – Vou vender-te ao primeiro que te queira...

Diabo – Eu quero...

Alq – Quanto dás?

Dia – Nada! Ele já é meu...

Ap – Eu sou o teatro do mundo...

bibRIA

Alq – Quanto dás?

Dia – Dou-te Portugal...

Alq – Estás a brincar... eu quero alguma coisa de valor... nem quero refugo nem estamos ainda em saldo.

Dia – Não tenho tempo para ninharias. E ainda tenho outras compras a fazer... *(Mudando de tom)* - Tu... não queres nada de mim?

Alq – Quero a tua alma para comigo a levar...

Dia – Vade retro Satanás que já me estás a chatear...

Ap – Deu um estouro o demónio, acalmaram vento e mar, e à noite a Nau Catrineta estava em terra a varar...

Alq – Pelo poder de Lucifer, de Satanás, Barrabás, Caifás, Belzebu e do diabo manquinho te esconjuro a revelar o teu sexo que pressinto seja feminino.

Dia – Ganhaste. Sou mulher... Chamo-me Maria dos Prazeres. Quanto queres pelo borrabotas?

Alq – Nada! Leva-o contigo e que te faça bom proveito...

Dia – Vem, querido... Em nome do Senhor eu te baptizo com o nome de João Ratão.

Ap – Eu não gosto de sopa com feijão... Eu não gosto de sopa com feijão... Eu não gosto de sopa com feijão... etc.

Dia – Vem que eu te amansarei...

Ap – E se não gosto de sopa com feijão não caio no caldeirão.... E se não gosto de sopa com feijão não caio no caldeirão.... E se não gosto de sopa com feijão não caio no caldeirão.... etc.

Dia – S. Manso te amanse como um cordeiro para que não possas comer nem beber nem descansar enquanto não fores meu legítimo companheiro...

Ap – Manso! Sinto-me manso... Ui como me sinto manso... méééé... - *(de gatas, roça-se pelas pernas do diabo)*

Dia – Vem, meu amor, procuremos um padre, um bispo, um frade, qualquer coisa que nos possa casar...

Bru – Sirvo eu?

Dia – Podes casar?

Bru – Aristóteles achava que se o fumo de uma lâmpada apagada faz abortar as éguas malhadas também uma bruxa no seu perfeito juízo pode casar...

bibRIA

Dia – Casa-nos, então...

Bru – In nomine... in nomine... in nomine...

Dia – Desembucha, bruxa...

Bru – Rás parta o teu encantamento, diaba carunchosa...

Ap – Se um homem comer favas sem casca pode tornar-se invisível ao meio dia...

Bru – Já não caso... Ainda nem sequer era a minha vez de entrar em cena... Retiro-me para o meu camarim...

O diabo persegue o aprendiz, atirando-se sobre ele e encurralando-o, como se o violasse. Música de Paulo Bragança - Interlúdio.

Dia – Se aplicares um rato peçonhento sobre a mordedura de um escorpião, a dor transforma-se em comichão...

Ap – Está escrito no livro da Cleópatra que a uma mulher que não esteja contente com o seu marido, faça-se benzer com azeite a ferver sobre as partes em desgraça...

Dia – Faço melhor do que isso. Alquimista! Devolvo-te o borrabotas. Não me parece de grande préstimo... Fica-te com ele para as tuas diabólicas experiências.

Alq – És uma mulher muito exigente...

Dia – Sou o diabo... Aqui me transformo e daqui me vou...

Ap – Onde estou? O que faço aqui? Que horas são? Em que ano estamos?

Alq – Ai que se está a acabar o efeito... ai, ai, ai... E agora não me lembro da palavra... aiaiai... escanhoar... não, não é esta... espingardar, também não, o melhor é devolver-lhe o chapéu e disfarçar... - *(trocam de personagens, novamente)*

.....

Ap – Já a pele de um burro tingida com verdete de limoeiro serve para chamar o sono nas noites de insónia... Duas infusões e um cataplasma...

Alq – Cala-te e varre... - *(o aprendiz manda varrer o Bonifácio)* - Tenho que decidir o que fazer... deste emplastro... Deixa ver aqui no alfarrabário... Ah! Os dois testículos de uma toupeira macho atados ao pescoço de um imbecil poderão dar-lhe inteligência... Mas eu também não o quero muito inteligente... Deixa cá ver... Se alguém fizer beber os pêlos que estão à volta do umbigo de um morcego desfeitos em vinho, essa pessoa peidar-se-á toda a noite...

Ap – Uma feijoada dará o mesmo resultado...

bibRIA

Alq – Cala-te e varre... Ora aqui está... Quem se esfregar com leite de burra fará reunir à sua volta todos os mosquitos...

Ap – Quem cagar ao ár livre atrairá as moscas...

Alq – Cala-te e varre...

1º Frade – Alguém pediu um frade?

Ap – Maria dos Prazeres, meu amor, porque me abandonaste?

Alq – Não! Ninguém pediu um frade...

1º Frade – Ora essa! Estava escrito no guião: "...O frade entra indevidamente..." ou seja, entra fora do contexto, entra na altura menos própria, entra quando não deve. Este é um desses momentos?

Alq – Não, não é um desses momentos...

2º Frade – Alguém pediu um frade?

Ap – Maria dos Prazeres, meu amor, porque me abandonaste?

Alq – Não! Ninguém pediu um frade...

2º Frade – Ora essa! Estava escrito no guião: "...O frade entra indevidamente..." ou seja, entra fora do contexto, entra na altura menos própria, entra quando não deve. Este é um desses momentos?

Alq – Não, não é um desses momentos...

1º Frade – *(Para o outro)* Frei Augusto de Santa Apolónia?

2º Frade – *(Para o outro)* Frei Bernardo de Santa Margarida?

1º Frade – Há quanto tempo... Permite que te abrace, meu irmão...

2º Frade – Creio que vamos ser expulsos...

Alq – Sim, estão a ser expulsos...

Ap – Ouviram o meu amo? Fora... Xó... Xó...

Frades – *(Cantando)* Perdoai-lhes senhor porque eles não sabem com quem falam...

O aprendiz, aproveitando a distração do alquimista, pega no livro e folheia as páginas.

Ap – Ah! está aqui... Escarafunchar ao cubo... Escarafunchar mil vezes... E agora, meu querido ex-mestre, mudarás definitivamente de ramo... Já não há mais trocas... Eu tomo conta da loja e tu vais ser o meu boticário. Farás mezinhas com os pós e as plantas para sossego da minha pessoa... A minha pessoa é um verdadeiro alquimista...

biblRIA

.....

Boticário. – Aplicação do princípio de le Chatelier na prevenção da cárie dentária... O insecticida D.D.T. (C14H9 Cl5) é preparado a partir do clorobenzeno e do cloral sendo a equação química que traduz esta reacção, a seguinte: 2C6H5Cl + C2HCl3O — C14H9Cl5 + H2O, o que dá uma análise gravimétrica capaz de fazer cair os dentes podres à razão proporcional da destruição da camada de ozono na atmosfera, através de uma reacção catalisada...

Alq – Onde é que eu terei deixado os outros protótipos? Tinha-os arrumado por aqui, algures... Ah! Estão aqui... - *(levanta um pano que ocultava 5 bonecos com diávolos)* Ora a fórmula, a fórmula está aqui numa destas páginas... Cá está... *(pega fogo a uma tina com éter)*
Alakazam, Alakazar! Ponham-se todos a andar.
(Os bonecos movem-se)
Muito bem! A ver se estes fazem melhor do que varrer.
Alakazam, Alakazar! Estiquem o pescoço e de nariz no ar.
Muito bem... Agora vou dar-lhes alguma esperteza.
Reduzir a pó o corno de um veado, misturar com excremento seco de vaca, molhar tudo com terra vermelha da mais húmida dos pântanos e... beber tudo até ao fim... - *(bebe)* - ... Puah! Já sentem alguma esperteza? Muito bem! Mostrem as vossas habilidades... - *(os bonecos praticam diávolo)*

Bon. – *(Aproximando-se)* Posso? Também posso?

Alq – Não! Não podes... tenho outros designíos para ti... tarefas muito mais sublimes. - *(Para o público)* - Este também deve ser produto da crise de azeitonas pretas. - *(virando-se para ele)* - Meu irmão das caganitas de cabra, tu vais ser o meu homem invisível. O meu cobrador de impostos preferido. Vou esfregar-te com gordura de galinha de pescoço pelado e ficarás de todo invisível. Já está. Ei! Onde é que estás que não te vejo? Anda cá cabrão... não te afastes muito... Toma esta moca e procura um boticário que me esteja a dever dinheiro. Se não te quiser pagar dá-lhe com a moca na cabeça...

Bon. – Está bem! Sou então invisível e tenho uma moca...

Alq – Completamente invisível e tens uma moca...

Bot. – A fórmula química da aspirina traduz-se nos danos que provoca na mucosa do estômago... Com a ajuda das enzimas, os iões...

Bon. – O Senhor é boticário?

Bot. – Ao seu dispôr... Quer enxofre, um antiácido, um remédio para as chuvas ácidas? Ei! Não me bata... aiaiaiaiai!

UBRIA

Bon. – Quero um pozinho de espirrar...

Bot. – Ai Ai Ai! Já podia ter dito... não precisava bater... Tome lá o pozinho de espirrar...

Bon. – Muito obrigado... Escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar... Agora toma lá esta moca e vai bater em quem apanhares a espirrar...

Bot. – A espirrrar... *(desce para a plateia)* Desculpe, o senhor espirra?

Bon. – *(Acercando-se do alquimista)* - Mestre, aqui lhe trago o dinheiro do boticário... - *(abre o pacote do pó e atira-o ao alquimista)*

Alq – Atchim Atchim...

Bot. – Atchim? - *(Farejando à volta)* - Onde? Chiu... chiu...

Alq – Atchim...

Bot. – Aha! - *(Corre ao palco e bate desenfreadamente no Alquimista)*

Alq – Ai Ai Ai Ai Ai... Ui!

Bon. – *(Esfregando as mãos uma na outra)* - Escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar... Tu, seu alquimista de meia tigela, passas a aprendiz e eu, esta excelência aqui, promovo-me a Mestre. Quanto a ti, - *(vira-se para o Boticário)* - vai lá dentro ver o que é que eu estou a fazer...

(Trocam de personagens e de chapéus)

.....

Alq – Mas se ele vai lá dentro ver o que é que eu estou a fazer, eu tenho de lá estar... Aprendiz, vai ver se eu já lá cheguei dentro.

Ap – Sim, mestre, vou já.

Alq – Assim está tudo resolvido... Mas espera... Eu ainda aqui estou... como é que posso já lá estar dentro? Tenho que lá ir ver o que é que se passa... Mas que criados tão estúpidos eu havia de arranjar. - *(sai)*

Bonecos:

1 – Li

2 – Ber

3 – Da

4 – De

5 – Liberdade

1 – Fi

biblRIA

2 – Nal

3 – Men

4 – Te

5 – Finalmente

1 – Vi

2 – Va

3 – Vi

4 – Va

5 – Viva! Viva!

(Enrolam os diávolos, poisam-nos e dirigem-se para o público)

Alq – *(Regressando)* Ei! Quietos... Lindos meninos, onde é que pensavam que iam?

Bonecos:

1 – Que

2 – Cha

3 – Ti

4 – Ce

5 – Que chatice!

Alq – Aprendiz... Puxa a rede e traz-me esses peixes... - *(O aprendiz faz semblante de puxar uma corda e os bonecos vão recuando, contrariados)*

Alq – Ovos escalfados em cerveja preta e quando estiverem no ponto levam com molho de natas azedas até ficarem cor de alface. Isto não é uma fórmula química mas é uma boa receita contra a impotência da meia idade.

Bot.– Não te encontrei lá atrás. Procurei-te durante bastante tempo para que pensasses que eu te procurava mas já sabia que não estavas lá.

Alq – Estás a ficar esperto... Sabes como é que se mata uma pulga?

Bot.– Depende... Há várias maneiras...

Alq – Pois é da maneira que eu quero... . Da minha maneira...

Bot.– E como é essa maneira? - *(O boticário bate com a moca na mão, ameaçadoramente)*

bibRIA

Alq – *(Sem se aperceber do crescente mau modo do outro)* - Nunca tentes agarrar uma pulga sem antes a adormeceres. Mal a sintas ou pressintas no corpo, mete-lhe um dedo em cima e fricciona com força durante bastante tempo. Se o corpo se esborrachar é porque não era pulga. Azar do bicho. Mas se depois de algum tempo o corpo se mantiver inteiro, é porque é pulga. Continuas a friccionar até adormeceres a pulga. Quando ela estiver a dormir amarra-a com um fio de cabelo e poisa-a no chão. Pegas então na moca e dás umas valentes mocadas no chão. Tem cuidado para não acertares na pulga. Na terceira ou quarta pancada no chão, a pulga não podendo fugir, morre com um ataque de coração. Fatal como o destino.

Bot.– *(Batendo com a moca na cabeça do outro)* - Assim?

Alq – Ai ai ai ai ai... Mas o que é que te deu?

Bot.– O que é que me deu? Deu que me passou o efeito... Por isso, já sabes: Escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar... e agora regressa à tua miserável condição e dá-me cá o chapéu...

(Trocam de personagens)

.....

Alq – Ora vamos lá a ver o que é que se passa com estes peixinhos...

Ap – Dá-mos e farei deles actores. Representarão as farsas e as comédias desta vida de enganos.

Alq – Estava a pensar fazer deles um exército de imortais. Ou talvez fundar uma nova religião...

Ap – Posso treiná-los para ti... Uma nova legião religiosa ou um exército de religiões ou o que tu quiseres... Mas onde eu sou mesmo bom é a fazer troupes de saltimbancos... Sair por aí, pelas praças e feiras...

Alq – Cala-te e varre...

Ap – Varrer? Agora? Porquê? Escarafunchar...

Alq – Escarafunchar... Ahahah...

Ap – Ah Ah Ah! Desculpa, foi um lapso...
(Som de telemóvel) - Um telemóvel! Quem é que vem para um sítio destes com o telemóvel ligado?

bibRIA

Alq – *(Levantando as saias e tirando um telemóvel)* Shim? Toucinho? - *(Vira-se para o outro)* - É o Diabo. - *(Volta-se para o bocal)* - Deixar o aprendiz fazer das suas?
Qual deles? Ah! Empresto-lhe os outros cinco? Nunca! Ouviste? Vai dar ordens para o Inferno... - *(Para o outro)* - Era o diabo a perguntar-me as horas... O parvo... - *(Novo som de telemóvel)* - Sim? Pára de me chatear... Ah! Desculpe. *(Para o outro)* - É Deus. - *(Volta-se para o bocal)* - Sim? Uma representação com os cinco bonecos? Nada de exércitos nem religiões? Concerteza. Às suas ordens. Disponha sempre. *(Para o outro)* Andaram a meter cunhas para ti. Estás cheio de sorte. Vais ser encenador. Quanto a mim vou fazer uma sopinha de urtigas com carqueija e poejo.

Ap – Encenador! O sonho de uma vida. Produção! Limpem-me o salão. Levem essa cangalhada toda para os bastidores.

Alq – *(Irónico)* Sim, mestre... sim mestrezinho! AhAhAh! Nunca ouviste dizer que o feitiço também se vira contra o feiticeiro? Escarafunchar, escarafunchar, escarafunchar... Promovo-te a Alquimista, mesmo sem teres feito toda a iniciação e serei eu o Aprendiz. Ahahah... Pensavas que te ia deixar andar a mexer com os meus humanóides?

(Trocam de personagens)

.....

Ap – Encenador! O sonho de uma vida. Produção! Limpem-me o salão. Levem essa cangalhada toda para os bastidores. - *(Mudando de tom)*
E agora vamos aos meus meninos.
(Sobe para as costas do outro aprendiz e mexe cordelinhos como se os bonecos fossem marionetes) - ... Ora bem! Primeiro precisamos de coordenar os vossos movimentos... Ora cantem...

Bonecos – Ai estes são os filhos da nação...

Frades – Chamaram? Alguém pediu um frade?

Ap – Não. Não pedimos nenhum frade...

1º Frade – Que sorte! Acertámos no momento...

2º Frade – Ya, meu... - *(Batem com as mãos um no outro)*

1º Frade – Portanto... Chega de emoções... O que é que não nos queriam?

2º Frade – Em que é que nós não estamos a fazer falta?

Ap – Olha a minha sina... Aiaiai..

bibRIA

1º Frade – Ler a sina? Pois bem... A linha de Marte é irmã da linha da cabeça... começa na base do polegar e contorna o monte de Vénus... Comprida e grossa? Inteligência e Saúde... Comprida e fina? Sucesso na vida militar, gosto pelas orgias, brutalidade... etc... etc...

2º Frade – Também podemos deitar as cartas... as cartas do Tarot, as cartas espanholas, as cartas de amor e as outras... Dois ases? Felicidade nas intrigas amorosas...

Ap – E da grossura de uma mão? Também sabem?

1º Frade – Claro... Concerteza... Mão mole? Preguiça, avareza e egoísmo... Mão macia sem ser mole? Firmeza, precisão e sorte ao jogo...

2º Frade – Mão dura sem ser rija? Irritabilidade, nervosismo... Mão dura e seca? Mão perigosa e traiçoeira...

Ap – *(Puxando da moca)* E mão a segurar uma moca? Hem? Hem?

Frades – Ai ui Ai ui Ai ui... - *(Vão saindo)*

Ap – Ele há cada um. Bem... Agora vamos tratar de vos autonomizar... Cada um de vocês deve interiorizar uma personagem específica... vestir-lhe a pele... Senti-la como sua... habitá-la... Ora bem, libertem-se...
(Os bonecos caminham, apalpam os pulsos, a cabeça, as pernas, saltam, correm, dançam)... - Eu sou o teatro do mundo. E de vocês, bonecos amorfos, farei actores... - *(Abre os braços e imobiliza-se)*

1 – Das virtudes e propriedades das várias espécies de excrementos...

2 – Da saliva e das suas propriedades para rogar pragas...

3 – Da melhor maneira de hipnotizar segundo os manuscritos...

4 – Tratado de farmacopeia para que as unhas e os cabelos cresçam pouco...

5 – Das infusões de caspa para seduzir mulheres e encaminhar paixões...

(Os bonecos circulam pelo palco, dirigindo-se ao público como se fossem saltimbancos numa feira)

Ap – Continuem... continuem... Sinto-me capaz de produzir uma nova religião...

Bon. – E eu serei o tesoureiro...

1 – Galeno estimava que os excrementos do homem curavam as amigdalítes... Bastava comer cascas de tremoço durante três dias com pão de centeio mal cozido. Ao terceiro dia, os excrementos, misturados com mel faziam desinchar as amígdalas. Esta poção também serve para arear panelas, pistolas e fivelas dos cintos.

biblioteca

2 – Arranjem-se sapatos velhos que se queimam e reduzem a pó num almofariz. Acrescente-se outro tanto de sal e depois de misturado à meia noite, espalhe-se na soleira da porta. Afastará o mau olhado, as cobras e os cobradores de dívidas...

3 – Arranje-se sebo de porco de cobrição e depois de fundido, tempere-se o ferro na forja com ele. Obter-se-á um aço de extraordinária qualidade capaz de cortar pedra, cobre e diamante. Espetado no coração de um lobisomem, poderá mantê-lo em sossego, pelo menos até à lua cheia.

4 – Arranja-se uma onça de sal amoníaco, outra de tártaro calcinado, uns pés de salsa e metade da cabeça de um alho. Destila-se tudo num alambique de vidro e depois de exposto ao sol durante um dia, esfrega-se vigorosamente nos joelhos até passar a dor do reumático. Também é bom para a ciática e para as dores dos ossos em geral.

5 – Uma barba bem arranjada e fornecida de pêlos, marca um homem de boa natureza e compleição viril...

2 – Eu poderia amar-te...

5 – Estás a tempo de o fazer...

2 – Não! O amor exige demasiada atenção e eu não me posso dar a esses luxos...

4 – Será que estamos a ir bem?

Ap – Não! represente-se a farsa e deixemo-nos de comédias...

1 – Para nos obedecer é preciso dar-lhe vida. Busque-se terra de cemitério a uma sexta feira e misture-se com água de azeitonas. Convém que sejam azeitonas pretas...

4 – Caganitas de cabra?

1 – Maljeitoso! Vou vender-te ao primeiro que te queira...

2 – Eu quero...

1 – Quanto dás?

2 – Nada! Ele já é meu...

4 – Eu sou o teatro do mundo...

1 – Quanto dás?

2 – Dou-te Portugal...

5 – Casa-nos então...

bibRIA

3 – Aristóteles achava que se o fumo de uma lâmpada apagada faz abortar as éguas malhadas, também uma bruxa no seu perfeito juízo pode casar.

4 – Quem cagar ao ar livre pode atrair as moscas...

1 – Cala-te e varre...

Ap – Posso interromper? Porra para vocês mais a vossa estupidez...

4 – Posso interromper? Porra para vocês mais a vossa estupidez...

Ap – Não me repitas...

4 – Não me repitas...

Alq – Vês o que provocaste?

1 – Vês o que provocaste?

Bru – Despertaste as nossas sombras...

3 – Despertaste as nossas sombras...

Dia – O meu lado feminino revela-se no amor...

2 – O meu lado feminino revela-se no amor...

5 – Eu sou o seu lado feminino a revelar-se no amor...

Dia – Em contrapartida, o meu lado masculino é verdadeiramente satânico...

2 – Em contrapartida, o meu lado masculino é verdadeiramente satânico...

Ap – Isto tem que ter um fim...

4 – Isto tem que ter um fim...

Alq – Só há um fim... Precipitar o fim deles...

Bonecos (recuando):

1 – Não!

2 – Cruel...

3 – Sacana...

4 – Cabrão...

5 – E contudo, eu poderia amar-te...

Bruxa – Não sejam tão reais... Cantem a vossa dor...

Ap – Sim! Outra vez... Alquimista dá a tua deixa...

Alq – Só há um fim... Precipitar o fim deles...

bibRIA

Bonecos (cantando) :

1 – Não!

2 – Cruel...

3 – Sacana...

4 – Cabrão...

5 – Sinto-me a desmaiar... - *(desfalece)*

1 – Segurem-na que se descai...

2 – Tragam um copo de água...

3 – Um médico? Não há um médico?

4 – Serve uma bruxa ou um frade...

5 – Estou desmaiada...

1 – Já sabiamos...

2 – Então esse copo de água?

3 – Eis o copo de água...

4 – Despejem-lho na cabeça...

5 – E contudo eu poderia amar-te...

Dia – *(Disfarçado de Frade)* Pediram um frade? Finalmente pediram um frade?

Todos – *(Cantando)* Nãoooooooo!

Dia – Amen... Que pena...

Bru – Te esconjuro daqui...

Dia – *(Despindo o hábito)* – Foi uma brincadeira... ahahah... Sabem como é com o meu lado masculino...

(Surgem dois personagens de andas, com tochas acesas)

A – "Uótesse épeningue iére?"

B – "Vásse iste lôsse?"

Alq – Quem são vocês?

A – Los dueños...

B – La voz del patron...

Ap – Mais frades?

bibRIA

A – No. Arcanjos...

B – Si. Arcanjos...

Alq – E que querem daqui?

A – Cambiar la farsa...

B – Esto está una mierda...

Alq – Ai sim?

Ap – Já sabiamos...

Alq – Cala-te e vai bater no boticário...

Ap – Eu?

Alq - Acaso já te esqueceste que estás invisível?

Ap – *(Como um autómato)* – Bater no boticário... bater no boticário... bater no boticário... - *(Desce para a plateia)*

Bru – Eu poderia continuar por aqui mas não me dá gozo nenhum não ter um maldito de um papel nesta porcaria de peça...

Dia – Essa voz... Eu poderia amar-te...

Bru – Segundo o pensamento de Avicena sobre a natureza do esperma, o homem que ejacula mais do que deve torna-se seco, enfraquecendo a saúde e minando as defesas do corpo. Aqueles que se servem muitas vezes do coito não vivem muito tempo... É por isso que eu sou vegetariana...

Dia – Olha lá, ó rançosa, eu só disse por dizer... E depois, é da minha natureza apaixonar-me assim... Mas é tudo platonismo... Já o meu lado feminino quando se desperta... é outra coisa... mais sensual...

Bru – Retiro-me para o meu camarim... Vem, Fifi...

Dia – Chamáste-me Fifi?

Bru – Fifi é o meu criado de quarto... Para diabo estás a ficar demasiado estúpido...

(Bonifácio segue-a de gatas)

Alq – Actores! Nem Deus nem o Diabo me metem noutra...

Ap – Chamáste? Eu sou o Teatro do Mundo...

Alq – Só me faltava este... Tu deves estar avariado... Ou com as pilhas gastas...

Ap – E contudo, eu poderia amar-te...

bibRIA

Alq – Tirem-me deste filme...

Dia – Chamáste, querido?

Alq – Esta voz? Se calhar eu poderia amar-te...

Dia – Sempre me amáste, querido... Vem, meu amor, senão a produção chateia-se...

A – Mon ami, est-ce qu' il va pluvoir?

B – Quê?

A – Est-ce qu'il va "chouvêr"?

B – Ah! Non, il va "pinguer" seulement...

A – Alors, on va "estabilizer" cette "Chinfriniére"...

B – Oui.

A – Vocês aí... Sim, vocês cinco... deixem de ser parvos...

B – "Dificile dificulté"

A – Abram a alma ao vosso corpo e abram o corpo à vossa alma...

B – Vice versa...

A – Para fazer cair cinco frutos de uma laranjeira, arranjem-se cinco partes de enxofre e besunte-se o tronco...

B – E não se esqueçam: Quem besuntar a cara com sangue de morcego conseguirá ler tão bem de noite como de dia...

A – AH AH AH AH...

B – AH AH AH AH...

A – Vamo nos companero...

B – Vamo nos hermano...

Ap – Exmos espectadores, senhoras, senhores e respeitável público em geral... Lamento profundamente terem vindo aqui para nada pois se vieram ver teatro vão-se embora desiludidos e magoados connosco.
Posso pedir perdão em nome da Companhia...
Vou pôr-me de joelhos e insistir no meu pedido de perdão...
Vou mesmo arrastar-me no chão para que nos perdoem...
Até faço mais... Vou chicotear-me um bocado para verem que eu também sofro e estou solidário com a vossa desilusão... Vou deitar-me numa cama de pregos... ai ai ai... ui ui ui... - *(som de telefone)*

bibRIA

Bon – *(Trazendo um telefone na mão, cujo fio está preso na braguilha, estende-o ao outro)* - É de lá de cima...

Ap – Uma última oportunidade aos bonecos? Para quê? Não há história... Deixá-los à solta? Bom, se insistem... Está bem.... - *(Entrega o telefone ao outro)* - Vai chamar o Mestre... Que venham todos ao palco...

(Bonifácio regressa de monociclo, seguido pelos outros; o Alquimista toca viola e todos cantam)

Música de a "Minha Tia" dos Lunáticos:

Foi pela primeira vez
que eu vi aquela mulher
foi na sessão das três
do cinema Lumiere
a partir daí
não a consegui esquecer
fui para casa
para me recolher
e não sabendo o que fazer
fui ao cinema
para a esquecer
Apaixonado assim
a malta não atina
não sabendo o que fazer
fui à bruxa ler a sina
fui à bruxa ler a sina
e ela disse que era mau
fui a correr para casa
e comprei um berimbau
e comprei um tamborzinho
mais tarde saí de casa
para tomar um cafezinho
para tomar um cafezinho
para ver se espairecia
não me sai da cabeça
a imagem da minha tia

Ap – Senhoras e senhores... Tragam os vossos problemas do coração... venham ter connosco... venham até nós...
Se não tiveremos a solução, pelo menos teremos conversado um pouco sobre o assunto...

bibRIA

(Bruxa e Bonifácio estão nos rolos em equilíbrio, fazendo sticks; Alquimista e Aprendiz fazem diávolo de fogo e stick de fogo; Diabo faz swings)

1 – *(Abrindo um guarda chuva com o interior estrelado fluorescente)* A cabalística dos astros e a conjugação estrelar concederam-me a capacidade de ver mais além... Estamos aqui para vos aliviar o sofrimento e a carteira... Quem se segue?

4 – Eu quero ser amado por uma mulher que não me ama.

1 – Esta é fácil. Traz três cabelos do sovaco direito dessa mulher e enrola-os no dedo mindinho da mão esquerda. À meia noite mija-lhe em cima e cospe contra a tua sombra numa parede de cal. Serás amado. O seguinte.

5 – Eu não quero ser amada por quem me ama e quero ser amada por quem não me ama.

1 – Ainda mais fácil. Procura juntar dois gramas de cotão do umbigo da pessoa que não amas, mistura com a tua saliva e esconde essa matéria no ninho de uma coruja. A pessoa que queres que te ame sentirá um grande formigueiro nas sobrancelhas. Manda-lhe dizer por outra pessoa que a amas e a comichão desaparecerá. Quem se segue?

3 – Eu amo contra vontade uma pessoa que me lançou um feitiço.

1 – Não tem nada que saber. Quebras o feitiço à meia noite, roçando os teus seios num pinheiro manso e se disseres a oração ao S. Cipriano de trás para a frente. Outra?

2 – Eu não tenho ninguém que me queira. Dá-me uma poção para ficar bonita.

1 – Esta é difícil... Ainda não dominamos a técnica das plásticas. Só tiramos verrugas. Se tu te contentasses com a beleza interior...

2 – *(Uiva)* - auauauuuuuuuuuuuuu...

1 – Pede-me outra coisa. Ouves? Pede-me outra coisa... Dou-te um bónus.

2 – Quero um micro-ondas.

1 – *(Fechando o guarda chuva)* - Pronto! Estavamos a ir tão bem e tinha de haver um desatino... Cambada de proto-capitalistas consumidores desenfreados... -

(Os outros apagam o material de fogo; Alquimista, Aprendiz e Bruxa saiem de cena).

Bon – Então, então... um pouco de moderação... convenhamos...

1º Frade – Moderação?

2º Frade – Pedisteis moderação?

DIBRIA

Bon – *(Dando-se ares de importância)* - Na ausência do Mestre e do seu Aprendiz, é claro que cabe ao seu moço de recados assumir a direcção dos acontecimentos. Eu peço moderação...

1º Frade – Eu acho justo.

2º Frade – E eu não vou discordar do meu parceiro, não é?

Bon – Também não são para aqui chamados, não é?

Diabo – Ah ah ah ah ah ah ah!

Bonecos – A A A, não tem piada nenhuma...

Diabo – A A A, vocês nem existem...

Bonecos – Olha quem fala...

Diabo – Os únicos humanos aqui são os espectadores ali...

Frades – Estás a blasfemar...

Dia – Vocês frades, são a encarnação dos mitos que escondem as verdadeiras crenças, os bonecos não passam de uma mera busca da pedra filosofal,este parvo é do mesmo sal, enxofre e mercúrio com que vocês foram arquitectados, a bruxa é feita de matéria pasmaceira, bolor, estrumeira e pús, o alquimista esse, já nem sabe se nasceu de pai e mãe ou se foi fabricado por pacto ou partes com as forças do vapor sulfuroso, o seu aprendiz pateta é o verdadeiro filho proveta do velho alquimista mas também é o seu verdadeiro pai e esposa infidelíssima.

E eu, Diabo, Belzebu, Satanás, o que me quiserem chamar... Sou o Eros e Tanatos dos vossos sonhos... Hermafrodita por natureza, sou filho dos amores entre Hermes e Afrodite, entre o claro do Céu e a sombra da Terra, entre o sopro do Ar e a rajada de Fogo, entre a pestilência da merda e a frescura do orvalho na Primavera... Eu, meus queridos, sou o fruto do ventre de Vénus ao ser inundada pelo repuxo de Mercúrio...
É claro que eu sou o Diabo para os amigos...
Pintem-me como quiserem porque só a Arte me pode tornar visível aos vossos olhos...

(Os outros começam a retirar-se de cena)

Perderam o pio? Acabou-se a brincadeira?
Ah ah ah ah... Há em mim dois remédios para os espíritos e para os corpos: A substância e o veneno. O bem e o mal . O bem que é masculino e feminino e o mal que é masculino e feminino. Ambos curam. Ambos matam. Ambos são necessários e ambos são superflúos.
Eu já vos disse que sou o Diabo para os amigos?

obra

(Está sózinho em cena).

E Deus, hã? Não me perguntam por Deus?

(Afasta-se até ao fundo do palco e antes de sair, vira-se para trás).

E contudo, eu poderia amar-vos... Amar-vos, ouviram bem?

(O Diabo sai de cena; silêncio; ao fundo do palco, surgem o Alquimista e a Bruxa, de perfil; têm as bocas unidas, aparentemente; sempre de perfil, aproximam-se lentamente da boca de cena; aí, começam a afastar-se um do outro, surgindo um pequeno pano entre eles onde está escrito FIM; preso ao pano, de cada lado, está um lenço de seda que se vai desenrolando a partir da boca de cada um deles, à medida que se afastam até às laterais; eventuais aplausos do público; os dois actores deixam cair os lenços, aproximam-se do centro, dão as mãos e afastam-se de costas; surge o aprendiz, de andas, envergando um manto aberto para além dos braços, com varas, como se fossem asas).

Ap – *(Entrando com andas muito altas e vestido como se tivesse umas longas asas e um comprido bico)* - ... A Fénix renascida... o pássaro de fogo que morre e ressuscita a partir das suas próprias cinzas...
(Repara no palco vazio) – Ei? Onde estão os outros? Isto já acabou?
Então e a minha deixa?
E tudo aquilo que eu ainda tinha para dizer?
Que raio de porcaria é esta?
Andamos a brincar, é?
Ó pessoal? Onde é que se meteram?
(Sai, correndo e batendo as asas)

Fim

22 Jan. 97

UBRIA

Algumas histórias de puxar as orelhas a meninos e meninas bem comportados

Palco nu. Música de fundo, minimalista. Luz crua.
Os actores vestem fatos macacos com calções e "tops" por cima. Óculos de protecção para trabalhos metalúrgicos e protectores de gase na boca. Individualistas, evoluem pelo palco, concentrados nas suas tarefas particulares, indiferentes aos outros. Emitem sons mecânicamente ritmados. Os movimentos são lentos e pausados.
Cada um parece ter uma tarefa específica a cumprir.
A pouco e pouco vão descendo para a plateia, espalhando-se por entre o público. Ao todo, são 10 actores.

Algumas das tarefas: estender laboriosamente uma corda grossa a todo o comprimento da sala; tecer uma escada em corda e tentar subir por ela; atar várias peças de roupa de forma a fazer uma corda; espalhar milho pela sala; procurar algo por entre as pernas das pessoas, com uma lanterna; procurar algo, acendendo fósforos; contar as cabeças das pessoas e fazer contas com os dedos; arrastar uma corrente de ferro e chicoteá-la de vez em quando; apanhar pulgas e matá-las com os dedos; varrer a sala, cuidadosamente, etc.

A música de fundo dá lugar ao silêncio. Os actores imobilizam-se e olham, expectantes, uns para os outros.
Um deles está pendurado na parede, auxiliado pela escada de corda.
Uiva. Outro, uma mulher corre para junto dele.

H – Au! Auuuuuuuuuuuuuuu!

M – Procuro um homem armado. Tem uma faca...

H – Au! Auuuuuuiuuuuuu!

M – Esta voz... só pode ser ele.... - *(procura em volta e olha para cima)*
Ah! Estás aí empoleirado no tecto do comboio... Bandido...
Desgraçado...

H – Allons enfants de la connerie
le jour de merde est arrivé

M – Salta cá para baixo, cabrão...

Voz off – Atenção, senhores passageiros. Pede-se a fineza de abandonarem a estação. Há uma bomba no terminal B.

LIBRIA

M – Vem-te embora. Não ouviste? Há uma bomba na estação.

H – Au! Auuuuuuuuu!

M – Desce e devolve-me a faca...

H – Do alto desta pirâmide... Ah! ah! ah!

M – Desce daí que eu prometo não te castigar...

H – Só troco esta faca por umas cuecas de marca inglesa...

M – *(De joelhos, implorando)* - Desce daí que eu não corto. Prometo. Desce... anda, desce... desce... desce... - *(chora)*

H – *(Escorregando lentamente pela escada)* - Prometes? Prometes? Prometes?

M – *(levantando-se, lesta)* - O quê? O quê? O quê?

H – *(Fazendo beicinho)* - Prometeste... prometeste....

M – Dá cá a faca e vamos embora para casa. Temos umas contas a ajustar...

H – Prometeste... prometeste...

M – Vá, vamos embora, que a porcaria da bomba deve estar mesmo a rebentar...

Afastam-se abraçados e sobem ao palco. Param à boca de cena para um longo beijo, saindo depois pela esquerda alta. Estrondo de explosão, ao longe.

Um actor vem fazer um truque de ilusionismo: apresenta uma corda, tenta cortá-la em vários pedaços, não consegue, tira pedaços já cortados dos bolsos, tenta uni-los, não consegue, tira uma corda já unida do bolso, tenta limpar os nós, não consegue, tira outra corda já sem nós e agradece os aplausos.

Vários actores espalhados pelo público, ocupam-se nas suas actividades, enquanto dizem:

1 – Olhaste para a criança recém nascida e babado de gozo, anteviste a nobre missão que te iriam confiar.

2 – Era a cara chapada do pai.

3 – Pegaste-lhe ao colo e enquanto o rebento choroso te mijava os braços, anunciaste-te como tutor espiritual.

2 – Era a cara chapada do pai.

4 – A mãe da mãe, solicita, veio limpar-te da urina com uma serapilheira.

2 – Era a cara chapada do pai.

biblRIA

5 – Devolveste o embrulho à procedência e deste alguns passos no quarto, orgulhoso da obra que outros haviam feito pela tua esterilidade.

2 – Era a cara chapada do pai.

6 – Mais tarde, na pia baptismal, deste-lhe o teu nome e comprometeste-te a bla, bla, bla, bla...

2 – Era a cara chapada do pai.

7 – Deixaste de o ver há mais de 20 anos.

2 – Era a cara chapada do pai.

8 – Também não deixaste saudades.

2 – Era a cara...

Todos – *(Interrompendo o 2)* - Já sabemos, já sabemos: era a cara chapada do pai.

2 – Tudo somado, gastaste 20 folares na páscoa e alguns pares de peúgas no natal...

Todos – Era a cara chapada do pai.

Ouve-se chorar uma criança no palco. Penumbra. Dois corpos no chão, imóveis. A criança cala-se. Sons de tambor crescem. Os actores na plateia deslocam-se ao ritmo do tambor. Em voz off, ouve-se a locução dos combates americanos de luta livre e os comentários televisivos. Os corpos, lentamente, contorcem-se, enroscando-se um no outro. Os movimentos tanto se assemelham a uma luta como a uma relação sexual.
Um projector varre a cena, em diagonal.
Ouve-se chorar a criança.
Homem e mulher imobilizam-se. Os outros actores também.

M – Não ouves? Vai lá tu, agora...

H – Vou já... vou já...

O homem levanta-se, aparentemente estremunhado. Dirige-se à esquerda baixa e urina. Som de pressão da água no zinco. Volta a deitar-se, cambaleando. A criança continua a chorar.

M – Então, não a calaste?

H – Sabes bem que tenho dificuldade em adormecer à noite...

M – Porra! Vai lá...

H – E quem é que se levanta para trabalhar, quem é?

M – E quem é que te abre as pernas à noite?

H – A dificuldade que tenho em adormecer à noite dá cabo de mim...

bibRIA

A criança continua a chorar. A mulher levanta-se, dirige-se à esquerda alta, agacha-se e a criança cala-se. Volta a deitar-se. O homem tenta enroscar-se nela.

M – Está quieto. Não quero nada contigo.

H – Nem sabes a tesão que me dá quando a criança se cala...

A criança volta a chorar.

H – Porra! Tinha de ser...

M – Vai lá tu, anda...

H – Regaste os alhos? Com o calor que esteve durante o dia, os alhos murcham, de certeza...

M – Vai calar a criança...

H – E amanhã tenho de levar o carro à revisão...

A criança redobra a intensidade do choro. A mulher levanta-se e vai sossegar a criança. Volta a deitar-se. Soergue-se ligeiramente e olha em frente.

M – Este homem dá comigo em doida...

O homem procura-a com as pernas, tentando deitá-la.

M – Está quieto... Tarado!

H – *(Erguendo-se)* - Tarado, eu? "Qu´essa" merda? *(Noutro tom)*. - Sabes aquela da galinha que dava cabeçadas na parede para arranjar galos? Ah! ah! ah! ah! - *(ri-se sózinho)*

M – *(Afastando-se dele, com crescente repugnância)* - Vou-te rifar... vou-te rifar... vou-te rifar...

A criança volta a chorar. A mulher levanta-se, a criança cala-se. A mulher senta-se, a criança chora. A mulher levanta-se, a criança cala-se. Várias vezes. Por fim, a mulher fica junto da criança, enrodilhada, chorando.

O homem, sentado à boca de cena, de braços cruzados, repete monocordicamente:

H – Frígida. Frígida, é o que tu és. Frígida. Frigideira. Fufa... fufa... fufa... fufa... fufa...

2 – Era a cara chapada do pai.

3 – Quem tem filhos tem cadilhos.

4 – Mais vale uma na mão do que duas a voar...

5 – Mais vale uma na mão do que não ter mão...

bibRIA

6 – Mais vale uma com preservativo do que dar nisto.

7 – Mais vale não valer nada...

8 – Perdoai-lhes senhor, porque eles não sabem o que fazem...

Os actores sobem ao palco e constroem uma estátua. Ajoelham-se e dizem:

Todos – Paiiiiiiiiiiii...

A estátua foge para o meio do público, gritando:

Estátua – Ainda não! Ainda não é a minha hora... Deixem-se disso.

Os actores perseguem-na. O pretenso ilusionista faz o truque das cartas espalhadas no chão. Como o truque falha, tenta fazer o do jornal rasgado. Os outros apupam-no. Pega numa vassoura e varre o lixo, meticulosamente.
Coloca uma cadeira no centro do palco. Um projector incide na cadeira. Os outros trazem uma velha ao colo e sentam-na na cadeira.
Afastam-se em bicos de pés. A velha parece dormir.
Silêncio. Duas mulheres (A e B) entram, carregadas de embrulhos.

A – A velha está a dormir?

B – Não a ouves resmungar?

A – Raio de velha...

B – Não fales assim da tua mãe...

A – Mãe, porque me pariu... Mais nada...

B – Sempre é tua mãe...

A – E tua... mas isso não te impede de fazer o que vais fazer...

B – O que vamos fazer, mana... Não te esqueças que é o que vamos fazer...

A velha tosse, roucamente.

Velha – Filhas...

A e B – *(Aproximando-se da velha)* - O que é mãezinha?

Velha – Deixem-me... deixem-me... não é nada...

A e B afastam-se da velha.

B – No funeral, havemos de contratar um pianista. Ela sempre gostou de música suave...

A – Não sejas parva. Eu não quero gastar um tostão em luxos. Só o essencial e acabou-se...

bibRIA

B – Ao menos, umas flores. Podiamos fazer coroas e corações...

A – E fígados, rins, pâncreas, intestinos grosso e delgado...

B – Não sejas assim, mana, sempre é a mãe.

A – Vamos mas é a despachar isto. Até às cinco, já só temos duas horas e eu ainda tenho que passar no cabeleireiro.

As mulheres desembrulham as caixas. Tiram charutos e acendem dois. Tossem.

B – Nunca fumei desta porcaria... Kafum, kafum...

A – Não engulas o fumo. Deita tudo para fora...

Aproximam-se da velha. Deitam-lhe o fumo para a cara. A velha tosse.

Velha – Deixem-me... Kafum, kafum... deixem-me... kafum...

A – Mãezinha, não grites...

B – Sopra mas é o fumo para a cara e deixa-te de conversa...

A – Lá estás tu a dar ordens... tens a mania de ser a mandona...

B – Sou a mais velha, mando eu...

Velha – Filhas... filhas... por amor de Deus...

B – E por amor de mãe, velha carcassa?

A – Não fales assim para a mãe...

B – Cala-te e sopra, minha parva...

Velha – *(gritando)* - Parem com essa gritaria. Ao menos deixem-me morrer em paz...

A – Mãezinha, não fale assim...

Velha – Não querem matar-me? Não é isso que querem?

B – Tu nunca foste minha mãe...

Velha – Querida filha, os sacrifícios que eu fiz por ti...

A – Não nos parisses.

A velha tosse novamente.

B – Não sejas cruel com a mãe...

A – A vida é que foi cruel. Comigo... contigo... connosco...

Uma de cada lado da cadeira, ficam de joelhos, absortas, fumando os charutos.

bibRIA

Velha – *(levantando-se e avançando para a boca de cena)* - Saímos todas para a rua... Fechámos a fábrica... Barricámos os portões... Alguém, no governo, dera cabo da economia portuguesa... Na barriga, já te levava comigo - *(olha para A, com ternura)* -, cá dentro de mim, com quatro meses bem escondidos... A Europa deixara de nos mandar dinheiro... A C.E.E. falira... O filho do senhor engenheiro deixou de me procurar quando se apercebeu do inchaço na minha barriga...
Nessa tarde, nessa desgraçada tarde, a polícia de choque carregou brutalmente sobre as operárias. Houve feridos graves e alguns mortos ligeiros... Eu escapei, já nem me lembro bem como...
Fomos todas despedidas. Psicologicamente.
Quando nasceste, tive que sair para a rua para te dar de comer...

A – *(Chorando)* - Mãe! Não digas mais...

B – Alto! Parem! Parem! O guião é uma porcaria, mas isso não é razão para ficarmos aqui a chafurdar no melodrama.

2 – Eram a cara chapada do pai.

3 – Eram a cara chapada do pai.

4 – Eram a cara chapada do pai.

A – Mãe! E o pai ? Onde está o pai?

Velha – *(Apontando para o meio do público)* - Ali!

A e B olham interrogativamente para o público, procurando com o olhar, agarradas às saias da velha, suplicantes.

Os actores, na plateia, apontam com o indicador direito - (em várias direcções) - e dizem, em uníssono: - Ninguém...

5 – Elas são a cara chapada do pai...

6 – Chapada do pai...

7 – Do pai...

8 – *(Correndo para o palco)* - Elas querem dar uma chapada na cara do pai...

1 – *(Declamando, no meio do público)* - TAO, Princípio Universal da Simultaneidade entre o Bem e o Mal!

2 – A galinha come a espiga de milho...

3 – É bom para a galinha que assim se alimenta...

4 – É mau para a espiga de milho que deixa de existir...

bibRIA

1 – TAO, TAO, TAO, TAO...

2 – A raposa come a galinha...

3 – É bom para a raposa que assim se alimenta...

4 – É mau para a galinha que assim desaparece...

1 – TAO, TAO, TAO, TAO...

2 – O raposo come a raposa...

3 e 4 – Deve ser muito bom para ambos!

1 – TAOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO...

Os actores correm de um lado para o outro , na plateia e no palco.

5 – Você precisa de licenças e habilitações para tudo.

6 – Para tirar a carta de condução...

7 – Para arranjar emprego...

8 – Para transportar batatas, vinho, azeite, telhas, tijolos, morangos, alfaces, agriões, púcaros de barro...

9 – Para levar um cão ao estrangeiro...

3 – Para mudar a cor da casa...

4 – Para mudar de sexo...

4 – Para montar um espectáculo de teatro...

5 – Só não precisa de licença para fazer filhos...

6 – Basta um tolo e uma tola...

7 – Passados nove meses... Pimba...

8 – Têm uma criança cá fora...

9 – E não percebem nada de nada...

O pretenso ilusionista sobe ao palco, afasta os outros e faz o número da corda à volta do pescoço. O truque falha e o ilusionista sufoca com falta de ar. Repete o número. Resulta. Pela esquerda alta, surge um cego, com óculos escuros e bengalinha.
Vai tacteando o espaço até chegar á boca de cena. Imobiliza-se.
Um dos actores pendura uma jarra de barro numa corda que atravessa a boca de cena. Bate palmas. O pretenso cego tacteia o ar com a bengala tentando acertar na jarra. Os outros actores encorajam-no e dão-lhe pistas sobre o alvo. Finalmente, o cego acerta na jarra, partindo-a. Todos aplaudem ruidosamente. O cego tira os óculos e diz, com satisfação:

biblRIA

Cego – Com a Reforma Educativa podemos fazer o que quisermos!

Os actores – *(Em uníssono)* - Nós estamos com a Reforma Educativa.

O cego volta a pôr os óculos. Os actores, da plateia, convidam o cego a juntar-se a eles.
O cego continua a caminhar e estatela-se no chão.
Os actores correm de um lado para o outro, com os olhos vendados, rindo muito e jogando à cabra cega. Tacteiam a cara das pessoas, não reconhecem ninguém e seguem em frente.
A pouco e pouco vão-se concentrando junto ao palco. Tacteando, voltam a construir uma estátua. Ficam de costas para o público, de pé, com os cotovelos apoiados na linha das luzes da ribalta, apreciando a estátua, já sem vendas nos olhos.

2 – A nossa torre de Babel.

3 – A nossa estátua da Liberdade.

4 – O nosso Centro Cultural de Belém.

5 – O nosso satélite no espaço.

6 – Portugal rumo ao 3º milénio depois de Cristo.

7 – Anda um pai a criar um filho para dar nisto.

Os actores afastam-se e começam a recolher as cordas e o material espalhado pela plateia.
Sempre que se encontram dão grandes abraços e trocam os adereços.

1 – *(Reparando no público)* - Ainda aí estão? - Façam favor de ir para casa educar os vossos filhos...

Fim

bibRIA

bibRIA

Quem sou eu?

Peça de teatro feita a partir de várias velhas peças de bicicleta

(os actores vestem uniformes esfarrapados que lembrarão, indistintamente, hospícios, prisões, quartéis, etc).

Um projector convergente varre a cena em diagonal. Palco nu. Ouvem-se cavalos a galopar: ***clop...clop...clop...***
Um actor vem da direita alta, aproxima-se da boca de cena e espreita ao longe, fazendo pala com as mãos sobre os olhos.

1 – Não vejo nada. Nada. Absolutamente nada. - *(passeia pelo palco).*
E contudo pareceu-me ouvir ainda agora... - *(encolhe os ombros e regressa à direita alta, desaparecendo).*

Ouvem-se novamente os cavalos: **clop...clop...clop...**
Um actor vem da esquerda alta, aproxima-se da boca de cena e espreita ao longe, fazendo pala com as mãos sobre os olhos.

2 – Não vejo nada. Nada. Absolutamente nada. - *(passeia pelo palco).*
E contudo pareceu-me ouvir ainda agora... - *(encolhe os ombros e regressa à esquerda alta, desaparecendo).*

Ouvem-se os cavalos galopando: **clop...clop...clop...** *e relinchando:* **iiiiiiiiiiiiiiiiiii.....** **boooof... boooof...** *Um actor atravessa a plateia saltitando como se galopasse. Nas mãos leva dois pedais de bicicleta com os quais produz o som dos cascos do cavalo. Relincha e trava o cavalo à boca de cena.*

3 – Aí cavalinho! Eia, eiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii... está quedo bicho! Queres palha ou queres chibata? Criados! Aqui, depressa... Ajudem-me a descer do cavalo. - *(os actores 1 e 2 acorrem à boca de cena).*
Segura no pé, anda... - *(um actor simula ajudar a descer do cavalo, enquanto o outro (nº2) se afasta batendo com os pedais de bicicleta um no outro).*

Dois actores entram a correr, com raquetes na mão, simulando atirar uma bola um ao outro. Parecem muito divertidos. O nº 3 grita.

3 – Alto... parem... parem... tenho uma coisa para vos dizer... - *(os outros param e esperam, atentos)* - tenho uma coisa para vos dizer... só que esqueci... esqueci... perdão ... perdão... - *(cai de joelhos, chorando).*

DIBRIA

O actor nº 2 regressa com um ramo de flores que desfaz, uma a uma, sobre a cabeça do nº 3, enquanto se ri à gargalhada. Os nº 4 e 5 retomam o jogo com as raquetes, por entre o público sentado.
O actor nº 1 ajoelha-se e reza com aparente fervor. O nº3 ergue repentinamente a cabeça e grita, elevando-se do chão.

3 – Aahhhhhhhhh... lembrei-me... lembrei-me... - *(os outros param e olham-no com atenção)* - lembrei-me do que tinha para vos dizer...
A revelação... a grande revelação... Deus revelou-se-me... - *(corre por entre os outros, tocando-lhes)* - Eu podia ser Moisés... ou Abraão... ou David... ou mesmo S. João Baptista... foi esse tipo de revelação que eu tive... Deus disse--me tudo o que devo fazer para construir a Máquina do Tempo... tudo ... tudinho... só precisamos de bicicletas...
Graças a Deus... - *(entram os nº 6 e 7, vestidos de frades, levantam o nº 3 no ar e levam-no, esperneando, enquanto todos cantam)*

Frades – Demos graças ao Senhor...
Todos – Ele está no meio de nós...

O nº 2 acaba de esboroar as flores e fica a olhar, idiotamente, para o público. O nº 1 aproxima-se dele.

1 – Não podemos desiludir o Mestre.
2 – ... O Mestre.

1 – Vamos construir a Máquina do Tempo.
2 – ... O Tempo.

Os nº 1 e 2 dão as mãos e rodopiam lentamente repetindo: ... o tempo... o tempo... o tempo...
Os dois frades regressam. Aproximam-se da boca de cena.

6 – O TEMPO.

7 – BOLETIM METEOROLÓGICO.

6 e 7 cantarolam: ó tempo volta para trás, traz-me tudo o que eu perdi... *enquanto um deles ajuda o outro a despir o hábito, ficando sómente de tanga.*

bibRIA

6 – Previsões para as próximas 24 horas... - *(aponta para o peito do outro)* - O interior montanhoso pode sofrer a influência das nuvens concentradas mais acima, o que dará chuva na meia encosta - *(aponta para a boca)* - e neve nas terras altas - *(aponta para a cabeça)* - como consequência da crista de alta pressão - *(aponta para a testa).*
Mais abaixo, no Alentejo - *(aponta para a barriga)* - as altas temperaturas poderão provocar seca, tremores de terra e ruídos subterrâneos, enquanto que no Algarve - *(aponta para o baixo-ventre)* - devido à grande amplitude térmica, se prevêm inundações na ponta de Sagres.
Assim, para as próximas 24 horas - *(o outro vira-se de costas)*, - as costas portuguesas apresentam o mar "flete" a norte - *(aponta os ombros)*, - com ligeiras ondulações na Ericeira - *(aponta as nádegas)*
e vento soprando em rajadas fortes, o que, pelo menos, afastará as nuvens para Espanha. Foram as previsões do estado do Tempo para as próximas 24 horas.

7 – Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, a única que sabe o que o homem deseja.

1 e 2 – Atenção aos prazos de validade.

4 – Com a Secretaria de Estado da Cultura, a loiça brilha, brilha e volta a brilhar.

1 e 2 – Atenção aos prazos de validade.

5 – Super-concentrada e muito mais económica do que todas as outras.

1 e 2 – Atenção aos prazos de validade.

7 – Com ela, os tachos e panelas duram muito mais.

1 e 2 – Atenção aos... - *(o nº 6 cobre-os com um lençol)*

4 – Não ofende a Natureza e é biodegradável.

5 – Com a Secretaria de Estado da Cultura o trabalho doméstico deixou de ser um fardo para a mulher moderna.

7 – Leve o lote todo e receberá como bónus um Ministério da Educação. Além de terem muito geito para as crianças, o que é um alívio enquanto você está no cabeleireiro, resultam muito decorativos e embelezam qualquer marquise...

1 e 2 saiem do lençol. 1 fica de joelhos agarrado à mão do 2.

1 – Ó mãe! Eu também quero um Ministério da Educação para levar para casa.

2 – Credo, filho! Ao preço a que estão as coisas não posso gastar dinheiro com bugigangas...

bibRIA

1 – *(Chorando)* - Mãe... mãe... compra... compra...

4 – Pode pagar a prestações...

5 – Óptimas facilidades de pagamento...

7 – Leve agora e pague depois...

6 – Utilize a nossa espantosa linha de crédito...

1 – *(Chorando)* - Compra... compra...

Todos – Compra... compra... compra...

2 – Não sei... tenho de falar com o meu marido... não sei se ele está de acordo...

4 – Faça-lhe uma agradável surpresa...

5 – Confronte-o com o facto já consumado...

6 – Se quer algo ainda mais barato pode levar uma Drec, um Cae, uma ou duas delegações escolares...

7 – E alguns professores para o seu filho brincar? Pintados à mão, podem cair no chão que não quebram...

4 – E estará a ajudar o artesanato regional a desenvolver-se...

5 – Viva o desenvolvimento!

Todos – VIVA! VIVA!

Saiem todos menos o 1 e 2.

1 – Temos de cumprir a palavra do Mestre.

2 – ... do Mestre...

1 – Vamos construir a Máquina do Tempo.

2 – ... do tempo...

Saiem também, cruzando-se já com os outros que transportam, azafamadamente, toda uma série de adereços, com os quais montarão a Máquina do Tempo. 1 e 2 regressam com quatro rodas de bicicleta, as quais, integradas na estrutura já montada giram enquanto se acendem e apagam luzes multicolores. Os actores circulam em redor do aparato.
O número 3 entra em cena. Todos se curvam.

Todos – Mestre!

3 – Ainda me falta uma cadeira para acabar o Mestrado. Só então fundarei o Sindicato dos Mestres e Afins. Até lá, quero manter o anonimato. Tratem-me só por DIVINA ENTIDADE, uma vez que recebi a revelação.

bibRIA

Todos – Divina Entidade, uma vez que recebeste a revelação!

3 – Assim está melhor. Bem! Vamos experimentar a Máquina do Tempo. Até onde querem viajar?

Todos – Futuro... futuro... futuro...

3 – Muito bem... vamos para o futuro... em que ano querem aterrar?

4 – No ano 2015...

5 – 2065...

6 – 2234

7 – 2068

2 – 2009

1 – 2994

3 – Calem-se! Eu é que decido... Vamos até ao ano 2 mil e picos... - *(liga a máquina e dá-se uma explosão. Os actores caiem no chão)* - Cá estamos... estamos no Futuro... no glorioso futuro... - *(olha atentamente para o público)* - Ah! ah! ah! ah! essas pessoas aí estão vestidas de uma maneira muito esquisita... parece que vivem no passado... completamente fora de moda... ah! ah! ah! "demodés"... *(os actores riem-se sonoramente do público)* - Bem, vamos mas é ao que interessa. Tu, ó criado, pergunta aí a um desses parolos mal vestidos, quem é que manda nesta terra. - *(um actor simula perguntar a alguém da frente e vem dizer ao ouvido do nº 3)* - O quê? Será possível? Esse? Então o gajo não desgruda? Não descola?
Nem no ano 2 mil e picos? Olha lá, ó criado, pergunta aí quanto é que é o salário mínimo. Quanto? Então, mas isso era o que se ganhava em 1995. E a gasolina? Ah! Ao menos essa não aumentou... está ao mesmo preço... Viva o desenvolvimento...

Todos – VIVA! VIVA!

3 – Pronto! pronto! Agora acalmem-se... relaxem... descontraiam... Vamos mergulhar novamente no Tempo. Ao passado remoto... Atenção... ligar a ignição... então, não explode? Mas isto devia explodir! Sem explosão não temos impulso suficiente para furar as paredes do ziber-espaço e viajar no tempo... Vá, vocês aí, expludam, se faz favor... com a boca... expludam todos ao mesmo tempo... assim não... ao mesmo tempo... 1, 2, 3, todos, PUM!

Os actores estatelam-se no chão, exaustos com a força despendida.
Ao fundo, na plateia, ouve-se uma gaita de foles, acompanhada de tambores.

OBRA

3 – Conseguimos... a máquina funcionou novamente... Pelo barulho ambiente, estamos mesmo no passado remoto... Em que época estaremos? Criado! pergunta aí aos indígenas quem é que manda nesta terra.
O quê? Esse? Mas isto é castigo de Deus... - *(o nº 2 pergunta-lhe algo ao ouvido)* - Quero lá saber do preço da gasolina ou dos salários mínimos... eu quero é sair deste filme... guardas, levem-me de volta para dentro, que está a ficar uma aragem fresca no pátio...
Guardas, olhem a minha sinusite... Mais respeito pela minha pessoa...
Não sabem quem eu sou? Pois sou o próprio... é preciso dizer o meu nome? pois eu sou o próprio 1º ministro... Levem-me para dentro antes que apanhe um resfriado...

6 e 7 levam-no para dentro. Ao longe ainda se ouve:

– Ó caramelo, anda brincar comigo cá para dentro...

2 – Sou maluco mas não sou parvo... E depois eu já não me chamo caramelo... Isso foi ontem no jogo do Monopólio. Hoje eu sou o menino jesus...

1 – Com essa cara não enganas ninguém... o menino jesus é louro e tem os olhos azuis...

2 – Tenho um segredo para te contar...

1 – Diz lá...

2 – Mas não contas a ninguém?

1 – Não...

2 – Prometes?

1 – Prometo...

2 – Então, eu conto. Eu sou louro e tenho os olhos azuis, mas ando disfarçado por causa de coisas...

1 – Chiuuuuu... não precisas de contar tudo... até porque esse segredo já fui eu que te contei.

2 – Lembro-me perfeitamente...

1 – Lembras?

2 – Lembro.

1 – Pois eu esqueci.

2 – De quê?

1 – Sei lá!

bibRIA

2 – Ah!

Os actores 1 e 2 ficam a olhar para o horizonte, com um ar absorto.

4 – Temos de cumprir a palavra do Mestre...

5 – ... do mestre...

4 – Construir uma Máquina do Tempo...

5 – ... do tempo...

O nº 3 entra a correr, saltando de alegria.

3 – Olá cambada, já estou curado! Agora sei quem sou. Finalmente lembrei-me da minha verdadeira identidade. Eu sou sua Excelência, o Presidente da República. Venham a mim as criancinhas porque delas é o Reino de Deus...

1 – *(Continuando a fixar o horizonte)* - Abençoados os pobres de espírito pois não sentem as dores do parto...

2 – *(Continuando a fixar o horizonte)* - Abençoados os humildes e os que nada têm pois quase nem pagam IRS...

4 – Temos de cumprir a palavra do Mestre...

5 – ...do mestre...

4 – Construir uma Máquina do Tempo...

5 – ... do tempo...

3 – Afinal, eu sou o Arcebispo de Castelo Branco... A minha diocese é a mais bonita do país... Ou serei a Isabel de Herédia? Como o meu filho não haverá igual em Portugal...

1 – Mãe, mãezinha! O que é que queres ser quando fores grande?

2 – Estou farta de te explicar que se não lavas os dentes, assim, para cima, para baixo, para os lados... ficam amarelos como os do lobo mau...

1 – Eu quando for grande, bem grande, quero poder mexer no sexo à vontade... e ter os dentes amarelos à vontade... e meter os dedos no nariz à vontade... e dizer nomes feios à vontade... e... e...

3 – Agora é que sei quem sou... está decidido e não se fala mais nisso... Sou o Pedro Abrunhosa do Porto...

Todos – E nós somos o Bandemónio, carago!

bibRIA

Cantam – Não posso mais / viver assim / olhar para ti / sem te ter ao pé de mim / não posso mais / viver tentado/ olhar para ti / sem te ter a meu lado - *(a várias vozes)*

6 e 7 regressam ao palco.

6 – Acabou o recreio, meninos... Voltem todos para dentro...

7 – Hoje não se ouve o toque de entrada, porque há uma avaria no computador. - - *(Atentam na máquina do tempo)*

6 – Mas que bandalheira é esta?

7 – O que é que fizeram com as bicicletas?

6 – Vamos já a desmontar tudo antes de irem para a aula de Matemática.

7 – x + 3 é igual a x z qualquer coisa ao quadrado, enquanto que a Hipnotusa dos catetos já pouco deve ter a ver com a raíz quadrada que eleva a potência à décima...

Os actores desmontam a maquineta.

3 – Ou serei a Padeira de Aljubarrota?

4 – Pãezinhos frescos acabados de sair do forno...

5 – Espanhóis à vista!

6 – Espanhóis quentinhos a sair do forno...

3 – E se eu fosse mesmo um perigoso bandido, daqueles que roubam por computador e fazem assaltos via satélite?

4 – SIS, SIS, chamem a SIS! Tragam as polícias todas que estão a difamar a autoridade... qualquer autoridade...

5 – E se eu fosse a autoridade? Quem é que me está a difamar?

6 – Este actor reles e amador! Com a peça a acabar e ainda não atinou com uma personagem definida. Está a ofender a Pátria!

5 – Mostre a sua licença! - *(Examina papéis)* - Está caducada! Perdeu a validade... Ai é nova? Então ainda não entrou em vigor... só amanhã.
Renda-se... ou vou ter que chamar a autoridade...

6 – A autoridade és tu!

5 – Sim? Sou eu? Hum! Adoro que me digam coisas bonitas como esta.
Faz-me pensar em botas altas e mãos amarradas na barra da cama. Este pensamento excita-me... Estou a ficar excitado... Depressa, desliga-me o 2º botão aí atrás... ufa... já está... ia dando cabo da minha planificação mensal...

bibRIA

3 – Afinal eu devo ser mesmo eu... Começo a ter muito menos dúvidas...

4 – Ainda bem, porque a Verdadeira e Autêntica Padeira de Aljubarrota tem demasiadas semelhanças físicas com a Isabel de Herédia

5 – Ya, meu...

6 – Na estrada, no café, à noite na praia, qualquer um vê que sou eu a geração do futuro. - *(pode ser cantado)*

Ouve-se novamente a gaita de foles e os tambores. Atravessam a plateia e sobem ao palco. Todos cantam:

Viva o rei / viva a rainha / viva tudo com prazer
que uma festa como esta / nunca mais voltamos a ter

Viva a terra / viva o país / viva a alegria de viver
que s'as tristezas não pagam dívidas / nós ficamos a dever

Viva a gaita de foles / viva a desbunda / viva o tintol
que s'os sacanas voassem/ já não podíamos ver o sol

Viva o público/ viva o teatro / viva nós
que mais vale mal acompanhados / que tristes e sós

bibRIA

FIM

Lua cheia ou quase. Noite de 22 para 23 de Agosto, em O. do B. 94

bibRIA

Os 10 cobrimentos

"Quase todos têm por averiguado que a conversão destes bárbaros não se alcançará por amor senão depois que por armas forem sujeitos a vassalos del Rei Nosso Senhor"

Carta do padre Garcia Simões ao provincial dos Jesuitas, a 20 de Outubro de 1575

Penumbra.
Música gregoriana.
6 actores envergando hábitos de frade - (em serapilheira) - evoluem em círculo pelo palco nu.
Cantam e rezam em coro.
À boca de cena, ardem dois archotes - (previamente acesos por um arlequim que entrou cabriolando e se retira de seguida)
Um dos actores estaca.
Grita, berra, espuma pela boca.

Diz-se acometido pelo demónio.
Rasga as vestes e corre para a boca de cena.
Aponta com o dedo para o público.
(está todo nú, só com uma fralda de bébé e um babete)

A1 – Ali... Ali... é para ali que devemos ir...
Tragam cordas... tábuas... panos e velas...
Faça-se um barco... um galeão... ou mesmo uma jangada... – *(tosse)*

A2 – Henrique! Henriquinho, infante querido...
Vem tomar o xarope para a tosse, filho...

Vamos desvendar novos mundos...
Conhecer novas terras... novas gentes...

Henrique! Se tu não tomas o xarope não te deixo ir a Marrocos com os manos...

A1 – Levaremos a civilização aos ignorantes e aos incultos...

bibRIA

Música gregoriana.
Os frades atiravam-se ao A1 e trazem-no de rastos... Um deles exorciza-o: vade retro satanás, que este corpo é só de Deus...

A1 – *(Gritando)* - Maiiiiiii...

Os frades vestem-no novamente e continuam a andar em círculo.
Ouve-se o ribombar do trovão e os actores caiem no chão!
Black out.
Surge Deus no meio do palco, de costas para o público e de braços abertos.
Enverga uma túnica branca.

Deus – Abençoados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus.

Todos – Queremos ser pobres de espírito...

Deus – Continuem a votar na maiororia e tereis o céu garantido...

Todos – Amén !

Deus – Nunca refilem, nunca protestem, nunca deixem de obedecer...

Todos – Faça-se a vossa vontade assim na terra como no céu.

Deus – Crescei e multiplicai-vos...

A5 – Mas como, se somos frades?

Deus –Crescei em obras e multiplicai-vos em trabalhos para servir os meus insondáveis desígnios...

Todos – Amén!

Um dos actores tenta afastar-se do palco, descendo à boca de cena.

Deus – Onde vais tu, Henrique, que assim te afastas da minha presença?

A1 – *(Gemendo e torcendo-se)* - Ai meu Deus, ia mudar a água ao canário que já estou à rasquinha...

Deus – Espera mais um bocado que ainda não acabei a minha intervenção...

Todos – Amén!

Deus – Aos mouros e a todos os outros...

A6 – Amén?

Todos – *(distraídos)* - Amén... e ao pai... e aos filhos...

bibRIA

Deus –Silêncio! - *(Noutro tom)* - E tu, Henrique, Infante assexuado farei de ti Grão--Mestre da Ordem de Cristo...
Terás riquezas sem igual em todo o reino de Portugal e dos Algarves...
Enviarás marinheiros destemidos e soldados vigorosos que sulcarão os mares à cata de ouro e escravos...
Metade do ouro será para ti, Henrique, assim como um quinto de todos os escravos. Afortunado Henrique, de ti só quero o seguinte:chamarás padres e missionários de boa vontade para que baptizem os selvagens e se tornem cristãos.

A1 – Se não for a bem vai a mal, pois então...
Se é para bem deles...

Todos – Paz na terra aos homens de boa vontade...
Cantam todos enquanto andam em círculo:
Tomai e recebei as horas do meu dia
Alegrias e penas, dores e trabalhos
Blackout.
Deus desaparece no meio de trovões e relinchos de cavalos.
Os actores interrogam-se e olham para o alto.

A4 – É Deus a cavalo nas nuvens...

Os monges despem os hábitos, abrem um guarda sol com que cobrem A1 enquanto este vai recitando:

A1 – *(Depois de se benzer espalhafatosamente)* - Começaram os jogos sem fronteiras...
Costa Africana... sigam as setas... ponham Cruzeiros... coloquem padrões...

(Os actores correm pelo palco) - (COREOGRAFIA)

...mais padrões... Tragam tudo o que se parecer com dinheiro... riquezas... tesouros... ouro... prata... tudo... ataquem... arrasem... pilhem... massacrem... mostrem que somos os maiores... mostrem que somos os melhores... Ganhámos... Ganhámos... viva Portugal...

Os actores, depois da corrida, estão exaustos no chão. Ouve-se rufar um tambor. Entra um arauto. Os actores levantam as cabeças.

Arauto – Por ordem de El-Rei D. João II manda-se perdoar a todos os condenados à morte que queiram embarcar para as Índias...
A todos os sobreviventes da viagem serão dadas honrarias e riquezas...
Sua Santidade o Papa, concede o perdão eterno sem mais missas ou orações...
As inscrições acabam hoje à meia-noite...

bibRIA

(som do tambor novamente)

A10 – Se és jovem e tens o 9º ano vem alistar-te nas Forças Armadas
poderás continuar os teus estudos
poderás praticar desporto
poderás viajar por todo o mundo
e melhorarás consideravelmente o teu estatuto social

Novo rufar dos tambores. Os actores dispoêm-se em forma de barco e remam enquanto cantam.
(COREOGRAFIA)

CANTIGA:

Somos marinheiros, hei! hei! hei!
Somos os primeiros, hei! hei! hei!
Adeus pobreza!
Olá riqueza!

Somos aventureiros, hei! hei! hei!
Somos gaiteiros, hei! hei! hei!
Adeus pobreza!
Olá riqueza!

Somos lambarieros, hei! hei! hei!
Somos caceteiros, hei! hei! hei!
Adeus pobreza!
Olá riqueza!

Ara – E é assim que dos 10 cobrimentos vai ter lugar o 1º - *(rufar de tambor)*

A3 – Terra à vista...

A4 – Lançar âncora...

A5 – Selvagens à vista...

A6 – Têm armas de fogo?

A2 – Serão perigosos?

A1 – Aparelhem uma barcaça... Vamos a terra... Disparem sobre tudo o que se mexer... Quando virem que já não resistem, façam prisioneiros...

Os actores desembarcam. Som de congas.
Uma mulher agachada, de costas, é sucessivamente violada por todos os marinheiros. Quando se volta está grávida. O padre abençoa-a.

Ara – *(Rufando o tambor)* - E assim espalharam a civilização por terras selvagens.

A1 – Tragam o padrão! Tragam o padrão...

OlbRIA

Os actores agarram o frade e arrastam-no para a boca de cena.

A1 – Não é isso... não quero nenhum padre... o padrão?
Será que não embarcámos padrões ?

A3 – A carga já era muita...

A4 – E como os padrões eram em pedra ...

A5 – Deixámos no cais do Restelo...

A1 – Ó desgraçados! Arranjem-me qualquer coisa porque temos que deixar aqui um padrão...

Os actores procuram pelo palco e um deles vai buscar um tripé de sinalização rodoviária com pinturas alusivas aos descobrimentos. Os outros aplaudem ruidosamente.

A1 – Bom! Cumpridas as formalidades, podemos partir... atenção que o mar está a levantar muito...

Embarcam. Sons de mar encrespado e ventania forte.
Os marinheiros estão no meio de uma grande tempestade. Ondas enormes.

(COREOGRAFIA)

Ara – *(rufando o tambor)* – E segue-se já o 2º cobrimento.

Todos – *(cantando)* - Aqui vai a Nau Catrineta
que tem tanto que navegar
passa já de ano e dia
que andamos na volta do mar
com a barriga tão vazia
Há tantos dias sem cagar

O barco continua a lutar no meio das ondas.

A3 – Temos fome...

A4 – Comida... comida...

A5 – Dou o cu por um pedaço de pão...

A6 – ... e eu por um pastel de nata...

A3 – Só um milagre nos pode salvar...

A5 – Santa Bárbara bendita que no céu está inscrita...

A4 – Comida... comida...

A6 – Ai tanta fominha...

A1 – Que chatos... comam o mais fraquinho e não me chateiem...

bibRIA

Os actores atiram-se ao mais fraco (que tem um boneco escondido nas roupas), este lamenta-se: é sempre a mesma coisa com os fraquinhos...
Os outros espartilham o boneco em pedaços como se o devorassem. Rebolam pelo chão, lutam pela posse dos melhores bocados, gritam e mordem-se...
(Um frango assado pode ser disputado pelos actores e os ossos atirados ao público)

Ara – *(Rufando o tambor)* - E novos costumes trouxeram de além-mar.

O barco retira-se, gingando e arrotando.

Ara – *(Depois de rufar o tambor)* - E entra já o 3º cobrimento!

Entra um actor a correr, vindo do público, que pergunta ao arauto:

A7 – Se faz favor - *(arfando)* -, preciso de me esconder... Eles perseguem-me... ajudem-me... misericórdia...

Ara – Chega para lá... eu sou um simples arauto... o meu papel é neutro... Eu só transmito informações... vai-te... não me comprometas...

A7 sai a correr, olhando medrosamente para todos os lados. Ao longe ouvem-se ladrar cães...

Ara – *(Compondo-se)* - Ora bem... como eu estava a dizer, segue-se o 3º cobrimento...

Vinda do público, entra uma procissão com cruzes e um pálio a abrigar um padre. Os seus elementos vão exortando o público a converter-se. Alguns frades chicoteam o chão. Quando a procissão sobe ao palco, vários espectadores são incorporados à força no séquito, sendo amarrados com cordas.

A8 – *(Padre)* - Porque adorais as bestas?
Vinde a Deus que é doçura e progresso...
Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, Amén...

Enquanto reza, os frades empurram os espectadores amarrados e obrigam-nos a ajoelhar à boca de cena.

A8 – Deus de misericórdia!

Todos – Orai por nós...

A8 – Deus de bondade e amor!

Todos – Orai por nós...

A8 – Deus infinitamente divino!

Todos – Orai por nós...

bibRIA

A9 – Demos graças a Deus! - *(cantando)*
Entre todos os animais, o Homem é o único a distinguir entre a água benta e a água vulgar...
Demos graças a Deus!

A10 – Ides partir para o NOVO MUNDO!
Tereis a honra de trabalhar nas Américas...
Padre, baptiza-os para que não morram no pecado...

A8 – Abençoa-os e asperge-os com água benta.

A1 – Viva a C.E.E.

Ara – CEE???

A1 – Sim, CEE: Conquistamos... Enganamos... Enriquecemos...

Ara – *(Rufando o tambor)* - 4ºCobrimento! 4ºCobrimento!

Som compassado de bombo

A4 – Aqui se podem mercar os melhores escravos de toda a praça...
Escravos fortes e bem jeitosos.
É comprar! É comprar!
Fornecemos o mundo inteiro!
É barato... É barato... É barato...
Um cavalo vale 7 escravos adultos...
Mesmo que seja um cavalo coxo...
(aponta para um escravo)
Quereis um escravo para vos abanar?
É vosso!
(os outros empurram-no para a plateia)
Quereis um escravo para vos tirar macacos do nariz?
(os outros empurram-no para a plateia)
Quereis uma bela escrava dócil na cama e prendada na cozinha?
(os outros empurram-no para a plateia)
Quereis uma vida regalada?
Comprem escravos, comprem, que hoje estão em saldo...
(os outros empurram um ou dois para a plateia)
Olhem-me para estes belos dentes.
Comer? Come quase nada:
Nem dorme.
E trabalha que nem um preto!
(os outros empurram os restantes escravos)
Bom, está tudo vendido?
É fechar a loja que amanhã há mais!

ebRIA

Enquanto se retiram, entra a correr o A7 pedindo ajuda.

A7 – Por favor ajudem-me!
Façam qualquer coisa por mim!

Ara – Ó parvo, não me chateies...

A7 – Ajudem-me... é urgente...

Ara – Contra-regra, tira-me este gajo daqui...

Entram dois actores que levam A7 estrebuchando e esperneando.

Ara – *(Rufando o tambor)* - Agora para o 5º Cobrimento, vou fazer também de navegador.

Tira o tambor e senta-se debaixo do guarda-sol.

Ara – Já dobramos o Bojador e o Adamastor. Subimos a Costa de Mombaça e já estamos às portas da Índia.
O bruto do rei de Cochim, essa besta quadrada não quis saber de alianças com Portugal.
Agarramos 200 muçulmanos e cortamos orelhas e narizes a torto e a direito para que se lembrem bem que connosco não se brinca.
Bom, vou acordar os marinheiros que ainda ressonam - *(apura o ouvido e ouve-se ressonar estrepitosamente).*
É da ressaca...

Levanta-se e grita para dentro.

Ara – Vaz cu da cama!

Os marinheiros entram estremunhados (esperguiçando-se) e perguntam:

Quem vem lá?

Ara – Vamos lá, preguiçosos que os vossos trabalhos ainda estão para começar.
A Europa inteira está à espera que vocês descubram a Índia...

A1 – Está descoberta!

Ara – Então que a conquistem, porra!

Os marinheiros evoluem pelo palco à cata de tesouros. Uma índia atravessa o palco.

Marinheiros – A Índia! A Índia!

[Coreografia]
Os marinheiros tentam agarrar a Índia que, agilmente, lhes vai escapando. Até que a aprisionam, tombando sobre ela.

CIDRIA

Ara – Albuquerque!

Todos – Albuquerque! Ó Albuquerque!

Entra um actor coberto de armaduras, de espada em riste.

A5 – Os cabrões? Onde estão os cabrões?

A3 – Aqui ó Afonso. Nós fizemos a nossa parte, chegámos à Índia.
E chegámos-lhe bem, - *(riem todos).*

A4 – Agora é preciso cimentar amizades...

A2 – Consolidar a conquista...

A6 – Montar um esquema de segurança para os nossos negócios.

A8 – Para podermos negociar à vontade...
Tás a perceber, ó bruto?

A5 – Portugueses, um império nasce, floresce e frutifica.
Eu sou o vice-rei das índias.
Quem não está comigo é contra mim.

Todos – Muito bem! - *(aplaudem)*

A5 vira-se para os marinheiros e grita-lhes.

A5 – Atenção, batalhão das Índias! Formar! Apresentar armas!
Todos prontos para combater?

Todos – Por S.Jorge e por Santiago!

A5 – Varram essa canalha! Essa cambada de herejes! Esses mouros ínfieis.. esses bardamerdas... esses inimigos da fé... varram tudo... que ninguém escape... varram tudo...

Com vassouras, os soldados atacam, varrendo o chão e fazendo grande poeirada.
Som de bombos.

[Coreografia]

Afonso de Albuquerque fica à boca de cena, em posição de combate
Os soldados vão-se apresentando.

A2 – Goa já é nossa!

A3 – Damão já cá canta!

A4 – Diu já é nossa!

A6 – Ormuz rendeu-se!

bibRIA

A8 – Malaca é quase nossa!

Afonso de Albuquerque esfrega as mãos de contente, enquanto ouve os soldados.

A5 – A Índia é portuguesa!
Que se construam já 400 igrejas!

Ara – Por ordem de El-Rei de Portugal e dos Algarves, da Madeira e dos Açores, de aquém e de além mar, em África, senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia; Arábia, Pérsia e Índia, se ergam os pilares do Império. Passemos agora aos contrafortes dessa construção. E é o 6º Cobrimento.

A5 – 400 igrejas, 2000 padres, 800 frades franciscanos, 600 dominicanos e quantos mais queiram vir da Companhia de Jesus.

A8 – Tragam também a Inquisição para que ninguém escape ao apelo da fé.

Os actores preparam um Auto de Fé.
Surge um frade negro com uma cruz erguida. Os outros agarram um condenado.
Discretamente colocam um recipiente comprido e circular (com resina) à volta do condenado.
O frade de negro benze o supliciado, os algozes e o público.

Todos rezam:

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós - (bis)
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, daí nos a paz.

Frade Negro – XAVIER DE XABREGAS, és acusado de blasfemar contra Deus e os seus servidores...
És acusado de ter pacto com o Diabo...
Disseste que os frades enriquecem com as riquezas dos condenados...
És acusado de heresia e de práticas de feitiçaria...
Não queres pagar os impostos à santa madre Igreja...
És acusado de falar com demónios e pagãos...
Xavier de Xabregas, arrepende-te antes de morreres...
Salva a tua alma porque o teu corpo já está perdido...

A um sinal do frade, os outros pegam fogo à resina.

Fra N – Arrepende-te e pede perdão!

Xavier de Xabregas faz um manguito e morre.

A5 – A Índia é portuguesa e cristã!

Todos – Viva! Viva! Viva! - *(Atiram barretes ao ar)*

A1 – Procuremos novas terras!

A2 – E novas gentes!

A3 – Vamos engrandecer ainda mais o nosso Império!

Saiem do barco. - (ficam a remar ao fundo do palco)

Ar – Agora vamos fazer 3 perguntas ao respeitável público.
No final sortearemos um maravilhoso automóvel entre as respostas certas.
Atenção, 1ª pergunta:
(Rufa no tambor) - Qual o nome do 1º escravo que foi vendido no 1º cobrimento?
Calma, não vale responder agora.
Escrevam as respostas num papel e enviem ao Ministro da Educação Couto dos Santos, Avenida 5 de Outubro, Lisboa.
Atenção 2ª pergunta:
Qual foi o último gesto que o condenado à fogueira fez antes de morrer?
Quem acertar nesta pergunta ganha um curso académico sem pagar propinas.
E agora a 3ª pergunta:
Quem é o parvo que passa o tempo a correr de um lado para o outro a gritar por socorro?

A7 vem a entrar, ouve a pergunta e corre desesperado pelo meio da plateia.

Ara – Posto isto - *(rufa no tambor)* - entremos no 7º Cobrimento.

Aproxima-se o barco que evolui até à boca de cena. Um personagem com chapéu cónico saltita em direcção ao barco.

A9 – Ó da barca!

A1 – Quem é lá?

A9 – Sou eu, senhor.

A1 – Ah! O nosso espião...
Entra, entra...
(Virando-se para os marinheiros) - Deêm-lhe de beber!
Então! Novidades?

A9 – Os chinas são pacíficos... não usam armas de fogo e são pequeninos e amarelos...

A1 – Já estão no papo... - *(esfrega as mãos)*
E riquezas?

A9 – Riquezas são muitas, senhor.

A1 – *(Ainda esfregando as mãos)* - E querem-se converter a bem ou a mal?

bibRIA

A9 – Eles já têm deuses, senhor...
Não sei se estão interessados na Virgem Maria...

A1 – A ver vamos!
Marinheiros em frente que o vento corre de feição.

Ara – E finta um... e finta dois... remata à baliza... e é goooooooooooooolllllloooooooooooooooo...

Os marinheiros jogam ao agarra, saltando uns por cima dos outros - (COREOGRAFIA) Agarram um chinês e encostam-lhe as espadas ao pescoço. O chinês está de joelhos.

(Ao longo da peça, as espadas, as cruzes e as metralhadoras podem ser sempre os mesmos objectos)

A1 – Queres ser nosso amigo?

A6 – *(Abanando a cabeça na vertical)* - "Quelo... quelo... quelo..."

A1 – Para sempre?

A2 – Para todo o sempre?

A6 – "Pala semple" até 1999...

A3 – Porquê essa data?

A6 – *(Levantando-se)* - Mas vem no guião... é a minha deixa...

A4 – Ó chefe, é por causa de Macau... Tá a perceber?

A1 – Tá bom! Tá bom! Torna lá a ajoelhar-te para continuarmos isto.

A6 – Nós damos "aloz"e "tesoulos"e "calne"de "andolinha"...

A2 – Muito bem. Queremos baptizar-te...

A3 – Tornar-te cristão...

A4 – Quase branco como nós...

A5 – E tu dá-nos o teu comércio...

A8 – E os teus negócios...

O chinês faz sucessivas vénias e vai-se afastando.

A1 – Bom! A china já está..
P'rá frente, homens...
O Japão é logo ali e a gente aqui a distrair-se...

Ara – *(Rufando o tambor)* - E assim se entra no 8º Cobrimento.

bibRIA

O barco atraca no Japão. Há salamaleques entrecortados com golpes de Karatê. (COREOGRAFIA)
Marinheiros e indígenas trocam objectos e tentam dialogar.

A2 – Ouro? Amizade? Diamantes? Amor?

Indígena 1 – NIKAY AKAIÔ AKIAIÔÔÔ

A3 – Dinheiro? Comida?

Indígena 2 – KUWAIKÔ NIKI KAVAIKÔKÔ

A4 – Armas? Espingardas? Pum? Pum?

Indígena 3 – Ya? Ya! Ya! Pum! Pum!

A5 – Espingardas?

A1 – Espingardas?

A2 – Espingardas?

A3 – Pum? Pum?

Indígenas – Pum! Pum! ya ya ya

A1 – *(Virando-se para os seus homens)* - Pessoal, vamos embora que estes são mais que as mães...
Amigos, amigos... negócios à parte...
(Chama-os à parte)
Pessoal, partimos à noite... roubem tudo o que puderem...hã?
(Regressam para junto dos japoneses)

A1 – Ya ya pum pum?

Japoneses – Ya ya pum pum, Kawakôôô, bah!

Riem todos. Apanhando os japoneses distraídos, dão-lhe cacetadas na cabeça, pilham tudo e fogem...

Ara – Ó este desejo ardente de levar a civilização e a fé cristã aos confins do mundo...
(Rufa o tambor)
E olha o belo 9º Cobrimento!
Olha o belo 9º Cobrimento!

O barco forma-se novamente e navega de velas desfraldadas. Os marinheiros bebem por um garrafão.

A3 – Ó capitão, agora daqui era um saltinho até à Austrália...

bibRIA

A2 – Ná! Não vale a pena...

A1 – Só tem cangurus!

A4 – Então o que é que fazemos agora?

A3 – África é nossa!

A2 – Ásia é nossa!

A5 – América é nossa!

A1 – Nos pólos não interessa.

A6 – Vamos patrulhar os mares e quem não tiver autorização nossa...vai ao fundo...

Todos – Vai ao fundo! Vai ao fundo! Ah! Ah!

Continuam a beber enquanto o barco oscila.

A5 – Olha um barco! Barco à vista!

A1 – Perguntem-lhe pelas credenciais... *(esfrega as mãos de contentamento)*

A2 – Dizem que não têm!

A3 – Oh! Coitados!

Roubam tudo ao outro barco.

A5 – Barco ao fundo!

A6 – Já está a meter água!

A4 – Boa viagem! Ah! Ah!

A3 – Glu! Glu! glu!

A1 – Para baixo do Equador vale tudo, até tirar olhos...

Todos – Esta vida de marinheiro
está a dar cabo de mim...

Ara – *(Rufando o tambor)* - E finalmente o 10º Cobrimento. Ufa!

Os actores situam-se em África. Há chapéus coloniais e troféus de caça...

A1 – E já lá vão quinhentos anos nestas lides de além mar...

A2 – Perdemos o Brasil mas África ainda é nossa.

A5 – Vamos, Mouzinho de Albuquerque, traz o Gungunhana para a gente tirar uma fotografia.

A6 e o Gungunhana entram puxando um pelo outro. Tiram fotografias.

bibRIA

A3 – Trouxemos a civilização e a cultura Ocidental a estas terras selvagens...

A2 – África é nossa e sempre será!

A1 – Nós não somos racistas como os outros... os pretos para nós são gente...

Os africanos gritam:

Buh! buh! buh!

A5 – Seus mal agradecidos!

A6 – *(Lendo um decreto-lei)* - Todos os pretos se podem considerar cidadãos portugueses desde que:
1º Tenham mais de 18 anos
2º Falem correctamente a nossa língua
3º Tenham meios de subsistência
4º Sejam bem comportados e tenham instrução
5º E não sejam nem refractários nem desertores do serviço militar.

Afr – Buh! Buh! Buh!

A5 – Seus mal agradecidos!

Ouvem-se batuques. Os colonizadores aperram as armas como se fossem metralhadoras.

A3 – Temos que defender as glórias passadas!

A1 – E as glórias de hoje!

Afr – Buh! Buh! Buh!

A5 – Seus mal agradecidos!

Afr – Independência! Independência!

Os batuques sobem de intensidade.

A1 – Por cada branco morto arrasaremos uma aldeia inteira.

Em círculo, de costas uns para os outros, os colonizadores vão disparando em redor. Ruídos de metralha.

A3 – Querem expulsar-nos das nossas colónias...
Cabrões!

A5 – Mataremos quantos turras pudermos...

A1 – Machos, fêmeas e fedelhos...

A6 – Havemos de lhes acabar com a raça...

(frade) – A2 - Só assim se pode defender o Evangelho em África...

bibRIA

A3 – Viva a Pátria!

Todos – Viva!

Afr – Buh! Buh! Buh!

Entra o A7 a correr.

A7 – Ajudem-me! Pela última vez, ajudem-me!

Ara – Mas quem és tu?

A7 – *(Olhando para os lados)* - Sou da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos...

Os Africanos levantam-se do chão e rodeiam A7.

Afric 1 – Ora finalmente, alguém que nos entende...

Afric 2 – E que quer comemorar a nossa descoberta...

Afric 3 – Fomos completamente descobertos...

Afric 4 – Da cabeça aos pés...

Afric 1 – Estamos ao teu dispôr...

Afric 2 – Somos todos teus...

Afric 3 – Pertencemos-te...

Afric 4 – Podes comemorar à vontade...

Afric 1 – Com gelo ou sem gelo?

Afric 2 – Viva Portugal!

Todos – Viva!

Os africanos atiram A7 para dentro de um pano e vão-no atirando ao ar à medida que dão vivas.

Afric 3 – Viva Espanha!

Todos – Viva!

Afric 4 – Viva Inglaterra!

Todos – Viva!

Afric 2 – Viva a Holanda!

Todos – Viva!

Afric 2 – Viva a França!

bibRIA

Todos – Viva!

Afric 3 – Vivam todos os que nos tiraram da miséria e nos puseram a pedir...

Todos – Viva!

Afric 4 – Vivam todos os que nos descobriram e fizeram de nós povos do 3º Mundo!

Todos – Viva! Vivaaaaaaaaaaaa!

Deixam cair A7 no chão.

Ara – *(Rufando o tambor)* - Notícias de Timor Leste
Só em 1912, Timor Leste é considerado como conquista efectiva de Portugal...
Em 1930 já se rasgavam estradas em Timor com o trabalho forçado dos leprosos...
Em 1975 Portugal afasta-se para que a Indonésia se instale à vontade...

Afr – Perdoai-lhes senhor porque eles não sabem o que comemoram!

Todos – *(De joelhos)* - Amén!

bibRIA

Fim
Grândola, 1 a 3 de Setembro de 1992

Algumas fontes de inspiração:

"Aqui podem comprar-se escravos à razão de seis ou sete por cavalo e mesmo por um mau cavalo..."

Duarte Pacheco Pereira, 1506

"Se se quer falar seriamente de encontro entre povos e culturas então deve dizer-se que as etapas desse encontro foram: massacres iníciais, comércio de escravos, ocupação do interior, campanhas "de pacificação", trabalho forçado, guerras colóniais, neocolonianismo."

Ana Barradas, in Ministros da Noite,
Antígona, Lisboa, 1992

"O desejo ardente de levar aos outros povos ainda pagãos os benefícios inestimáveis da civilização cristã foi um dos motivos que mais contribuiram para conduzir o povo luso a lançar-se epicamente nos mares, procurando dilatar sempre mais a cristandade."

Proclamação de universitários à juventude Portuguesa
divulgado pelo Centro Cultural
Reconquista em 1964

"... o padre José da Cruz que... (...) ... no mato, se fartara de pregar a verdade aos pretos pela boca da sua carabina..."

Eduardo Noronha; in Mouzinho de Albuquerque, o militar, o colonial, o administrador

"As pessoas instruídas têm obrigação de desfazer diante dos menos instruídos, as ilusões de independência."

Declarações de Custódio Alvim Pereira aos seminaristas de Teologia, em 1961

"Só assim se pode defender o Evangelho em África."

Declarações do arcebispo de Lourenço Marques a propósito do massacre de Wiriyamu

Decreto-lei nº39666 de 20 de Maio de 1954:
Artº 56º - Pode perder a condição de indígena e adquirir a cidadania, o indivíduo que comprovar satisfazer as cinco condições seguintes:
1- Ter mais de 18 anos
2- Falar correctamente a língua portuguesa
3- Exercer uma profissão, uma arte ou um ofício que lhe dê um rendimento necessário à subsistência e de seus familiares ou das pessoas que estão a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim
4- Ter um bom comportamento e ter adquirido a instrução e os hábitos pressupostos para a aplicação integral do direito público e privado dos cidadãos portugueses
5- Não ter sido considerado refractário no serviço militar ou desertor.

"Vede os nossos campos arrasados, a nossa riqueza aniquilada, as nossas irmãs prostituídas as nossas aldeias despovoadas..."

A Voz deAngola, Luanda 1873

"Nós estamos em África porque é nosso dever, o nosso direito e o nosso interesse. Mas nós estamos também em África porque é o interesse do mundo livre."

Franco Nogueira, 1967

"É preciso matá-los a todos indistintamente: os homens porque são terroristas, os rapazes porque são futuros terroristas, as mulheres porque mães de terroristas e as raparigas porque futuras mães de terroristas."

General Carrasco, comandante chefe do Exército Português em Moçambique, 1966

biblia

"Depois do povo hebraico, Portugal foi tido por Deus na missão de realizar o mister de salvação junto dos outros povos."

Declarações do bispo de Carmona em
Março de 1971

"... a administração colonial portuguesa fazia construir estradas em Timor através do trabalho forçado dos leprosos..."

João Bernardo, in Revista Malasartes,
Coimbra, 1992

"Homo económicos, espírito mercantil, protocapitalista cavernícola, gestor e administrador mesquinho dos bens próprios e da Ordem de Cristo, monopolista e sanguessuga dos bens da Coroa e, sem dúvida também, feudal, autocrata, negreiro, esclavagista beato e fanático-eis o grande Infante D. Henrique..."

Júlio Carrapato, in Os descobrimentos portugueses e espanhois ou a outra
versão de uma história mal contada, Edições Sotavento,1992

"A verdade é que os portugueses se tornaram rapidamente mestres neste comércio de seres humanos"

Jorge Valadas, da expansão à emigração,
revista Malsartes, Coimbra,1992

"... comprar homens livres e pacíficos, como quem compra e vende alimárias, bois ou cavalos...
Assim os tangem,assim os constrangem, trazem e levam e provam e escolhem com tanto desprezo como faz o magarefe ao gado no curral."

Fernão de Oliveira in Arte de Guerra do Mar, 1555

biblRIA

bibRIA

"Alguns exercícios de estilo à volta de uma estátua"

Cenário: fundo escuro, uma arca a um dos cantos
Música instrumental de acordeão.
Está um actor no meio do palco à boca de cena.
Está enfaixado como uma múmia, pendendo algumas tiras de ligadura.
Pose de estátua com um dos braços levantados por cima da cabeça.
Com os acordes mais fortes entram, por cada uma das laterais, dois carrinhos de supermercado. Vem um actor agachado dentro de cada um deles. Cada carro é empurrado por um actor.
Evoluem simetricamente até se postarem um de cada lado da estátua.
Os condutores agarram nas tiras que pendem da estátua e puxam (ao ritmo da música) cada um para seu lado.
A estátua fica de braços abertos, pendendo ora para um ora para outro lado. Pára a música.

A1 – Senhoras e senhores, mais uma corrida mais um prémio.
Atenção aos concorrentes. É favor dirigirem-se à grelha de partida. Atenção aos cronómetros.
Preparados?? FOGO...

Os carros aceleram pelo palco fora, ovacionados e assobiados pelos restantes actores. Ouvem-se gravações de som de carros de corrida. A corrida termina com um choque frontal dos dois carros - (à boca de cena) - e os ocupantes abraçados de perfil para o público. Silêncio.

A1 – Senhoras e senhores, o prémio não pode ser entregue a nenhum dos concorrentes. Primeiro, porque não há prémio. Segundo, porque já não há concorrentes.

A2 – (Uiva longamente)

A1 – Nova corrida, novo prémio. Atenção concorrentes. É favor formarem na grelha de partida.

Estátua – Naaaaaaão.

A1 – Como? Que disse?

Est – Naaaaaaão... disse não....

biblRIA

A2 – A múmia fala... a múmia fala... - *(dança em volta da estátua)*

Est – *(Imitando em falsete)* - a múmia fala... a múmia fala...

A1 – Esta gaja só pode ser da concorrência... Está-me a lixar a vida.
Autoridade, onde é que está a autoridade?

Est – Não. Já disse não. Não há mais corridas para ninguém...
Muito menos com carrinhos de supermercado.
Vão às vossas vidas e deixem as compras na caixa se não têm dinheiro para as pagar.

Dois actores deambulam pelo palco procurando-se. Avistam-se e correm um para o outro.

A3 – João.

A4 – Joana

A3 – João Casemiro.

A4 – Joana Caxemira.

A3 – Meu amor.

A4 – Minha amada.

Beijam-se e dançam por entre os outros.

A1 – Mais uma corrida, mais um prémio. Atenção, concorrentes... Preparar, FOGO...

A3 e A4 agarram nos carros e correm pelo palco. Aplausos e assobios. Ruídos de travões. A estátua assobia. Imobilizam-se todos.

Est – Já disse: não. Não quero ritmos desenfreados nesta peça.
Vocês aí, façam o favor de continuar o vosso diálogo.

A3 – João

A4 – Joana

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se e dançam por entre os outros.

Est – Continuem o diálogo. Continuem o diálogo...

A3 – João

bibRIA

A4 – Joana

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se.

Est – Alto. Agora não se vão pôr a dançar, pois não?

A3 e A4 – Vamos.

Est – Não vão nada... Continuem mas é o diálogo.

A3 – João

A4 – Joana

Os outros actores repetem:

João... Joana... João... Joana...

A2 – (Uiva longamente)

Est – Alto... Saiam todos daqui. Tudo lá para fora. Vamos começar do princípio. Entra um de cada vez e identifica-se. Ou seja, diz que personagem é que está aqui a representar... Vamos...

Os actores descem para a plateia. A estátua fica imóvel à boca de cena. Os actores sobem ao palco, um por um, fazem uma vénia e identificam-se.

A3 – Eu sou a Joana

A4 – Eu sou o João

A2 – Eu sou a Joana

A1 – Eu sou o joão

A5 – Eu sou a Joana e o João

Est – E eu sou o padre que vos há-de casar. Seu bando de incompetentes. - *(virando-se para o público)* - Estimados espectadores, vão ter que desculpar estas crianças. A falta de autoritarismo e disciplina na educação, dá estas coisas. - *(em tom de cumplicidade com o público)* - Cá para mim, ou não estudaram os papéis ou estão a armar-se aos cucos. Mas eu já lhe trato da saúde. - *(pega num chicote e bate com ele no chão... os actores fazem um círculo à volta da estátua e trotam, relinchando)*

bibRIA

Est – *(Continuação)* - Vamos, um, dois, um, dois, um, dois, alto... Assim, está melhor.

A1 – Setôra, posso ir fazer xixi?

A2 – Setôra, aquele menino está a copiar...

A3 – Setôra, posso pôr um papel no lixo?

A4 – Setôra, posso apanhar o livro do chão?

A5 – Setôra, posso afiar o lápis?

Est – *(Batendo no chão com o chicote)* - Um, dois, um, dois...

Os actores voltam a trotar em círculo.

Est – Aaaaaaaaaaaaalto.

A1 – Setôra, quem foi Deus?

A2 – Setôra, quem inventou a penicilina?

A3 – Setôra, o que é uma galáxia?

A4 – Setôra, o que é a dialetica hegeliana?

A5 – Setôra, como é que se evita a Sida ?

Est – *(Batendo com o chicote no chão)* - um, dois, um, dois,um, dois...

Os actores voltam a trotar em círculo.

Es – Aaaaaaaaaaaaaaaalto.

A1 – Setôra...

A2 – Setôra...

A3 – Setôra...

A4 – Setôra...

A5 – Setôra...

Est – *(Batendo com o chicote)* - um, dois, um, dois, um, dois...

Os actores voltam a trotar em círculo.

Est – Aaaaaaaaaalto.

Silêncio.

Os actores estão com a lingua de fora, aparentemente exaustos.

bibRIA

Est – Ah ah ah ah ah... - *(passeia-se vitoriosa por entre os actores)* Eu não lhes disse que isto era uma questão de disciplina? Agora, vamos ao diálogo. Vocês aí, comecem...

A3 – João

A4 – Joana

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se. A estátua levanta o chicote e bate com ele no chão.

Est – O resto do diálogo. Quero o resto do diálogo.

Entra o A6. Aproxima-se da boca de cena, puxa de um espelho para um último toque na maquilhagem e aprumando-se bruscamente, dirige-se à estátua.

A6 – Olha lá, ó caramela, que mixordia é esta? Mas qual é a tua marcação de cena? Eu alguma vez nos ensaios te deixei mexer? Poê-te aqui quietinha antes que me chateie. Bem, vamos lá à 1ª cena. Atenção, pessoal: fora de cena quem não é de cena...

Os actores recuam até ao pano de fundo ficando a estátua, imóvel, à boca de cena. Entram A3 e A4 de mão dada.

A3 – *(Contemplando a estátua)* - Lembras-te, meu amor, que foi aqui que demos o primeiro beijo?

A4 – *(Esfregando as mãos)* - se lembro...

A6 – Alto, não há necessidade de exagerares. Dá mais carinho à expressão.

A4 – Está bem...

A3 – Lembras-te, meu amor, que foi aqui que demos o nosso primeiro beijo?

A4 – Se lembro...

Est – *(Em voz de falsete)* - se lembro... se lembro... E as outras que ele beijou depois desta?

A6 – A estátua não faz apartes. Fica caladinha e não mexe...

A3 – Ainda gostas muito de mim?

A4 – Gosto como só é possivel gostar uma vez na vida...

biblRIA

Est – *(Em voz de falsete)* - Gosto tanto como só é possivel gostar uma vez na vida...

A6 – Estatuazinha, estatuazinha... é melhor calares-te antes que eu...

A1 e A2 dançam batendo com as mãos nas pernas e flectindo os joelhos.

Est – *(Cantando)* - Não quero, não quero, não quero, oh.

Actores – *(Caricaturando)* - não quer, não quer, não quer, oh.

Estátua – deixem-me viver que também sou pessoa, oh.

Act – Deixem-na viver que também é pessoa, oh.

Est – Sou personagem, ai que sou personagem, ai ai que sou personagem, oh.

Act – É personagem, ai que é personagem, mas que personagem és tu?

Est – Sou o contra-regra.

Act – É o contra-regra?

A6 – Não. É uma simples estátua cujo papel é ficar aqui, imóvel, no meio do palco.

Est – *(Cantando)* - Não sejas mau para mim...

A6 – A encenação é minha e eu é que decido as directrizes desta peça. Actores, intervalo de cinco minutos. Não se afastem muito.

Os actores desenvolvem grande actividade preparando a corrida.

A1 – Atenção... nova corrida, novo prémio. Concorrentes, dirijam-se à grelha de partida.
Atenção: preparar, FOGO...

Sons de carro – Vvvvvvvvvvuuuuuuuummmm....

Enquanto os carros evoluem pelo palco, ouve-se o choro de uma criança.

A1 – Atenção. Atenção... Achou-se uma criança em fase de pós-aleitação. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe...

A2 – Atenção. Atenção... Achou-se uma carteira em bom estado de conservação. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe...

A3 – Atenção. Atenção... Perdeu-se um cão / achou-se uma criança / perdeu-se uma multidão / achou-se uma carteira / perdeu-se uma corrida...

A5 – Perdeu-se uma corrida? Porquê? Eu ganhei... eu ganhei...

A1 – Atenção, concorrentes, esta corrida foi anulada devido a obras de beneficiação no troço final.

bibRIA

Act – Ohohohohoh...

A1 – Mas como prémio de consolação o director decidiu leiloar esta maaaaaaaaaaaarrraaaaaaaaavvvviiii

A5 – Quem com ferro mata com ferro morre... ... Mas onde é que eu já ouvi isto?

A6 – Corta... corta... não é nada disto que eu quero na minha peça...

Est – *(Tossindo)* - Krrum, Krrum, posso dar um palpitezinho, só um?

A6 – O que é que queres?

Est – Primeiro: essa do real senhor e dos ferros está um bocado ultrapassada. Segundo: seria muito melhor actualizar o texto. Modernizá-lo, enfim...

A6 – Calem-se... deixem-me pensar... Hum. Hum. Bom...
(os actores seguem-no enquanto este parece pensar. Pára bruscamente) - Esta cena corta -se e vamos à seguinte: vamos...

A3 – João

A4 – Joana

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se.

A6 – *(Desconfiado)* - Isto é a cena seguinte?

A5 – Não. Nunca foi... A cena seguinte é assim:
- (faz pose) - Querem separar-nos um do outro.

A6 – Isso. Vamos então...

A4 – Querem separar-nos um da outra...

A3 – Querem separar-nos uma do outro...

A4 – Mas só a morte nos separará...

A3 – *(Suspirando)* - Só a morte...

Est – Ó encenadorzinho, encenadorzinho, posso dizer só uma palavrinha?

A6 – O que é?

Est – Esta peça está uma merda...

A6 – Ó sua mal educada...

A1 – Atenção à grelha de partida. Preparar: FOGO...

bibRIA

A2 – Entrega-se a quem provar pertencer-lhe: duas carteiras de senhora, três cães, duas crianças, uma peça de teatro...

A3 – Ó Joaaaãoooooooooo

A4 – Ó Joooaaannnnaaa

A3 – Ó João Casemiiiiiiiiiiiiiiiiiiiro

A4 – Ó Joana Caxemiiiiiiiiiiiiira

A5 – Tirem-me deste filme....

A2 – *(Uiva longamente)*

A1 – Atenção à chegada... o carro da frente vem em 1º lugar e o carro de trás vem logo a seguir... aproximam-se perigosamente das bermas... vvvuuummmm... revvvvvuuummmm.... vvvvuuummmm....

A6 – Silêncio...

Os actores imobilizam-se e a estátua desloca-se por entre eles como fosse um autómato. Música de gaita de foles.

A6 – Máxima concentração... máxima concentração... um, dois, três, começar...

Os actores mexem-se desenfreadamente e a estátua imobiliza-se.

A6 – Muito bem. Já estão todos descontraídos? Vamos então à 4ª cena.

A3 – João

A4 – Joana

A3 – Jão Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se.

A6 – Esta é a 4ª cena?

Act – Não...

Est – Nova corrida, novo prémio. Aos seus lugares... preparar, fogo.

A6 – Alto, alto... Vocês querem dar comigo em doido?

Act – Queremos...

bibRIA

Est – As armas e os barões assinalados
que na ocidental praia lusitana
abandonaram os costumes
a que estavam habituados
e passaram a viver à "amaricana"

A6 – Isso é falta de respeito para com Luís Vaz de Camões...

Act – *(Formando em linha com a estátua e erguendo um braço, em total dessintonia uns com os outros)* - Lá vamos cantando e rindo
levados, levados sim...

Est – Anzóis do mar, nozes podres
Maçãs bichentas, cacos no alguidar

A6 – Içar bandeiras... içar... içar...

Os actores levantam panos e atiram-nos ao ar.

A6 – Uma só bandeira. Muitos povos e uma só bandeira...

A1 – *(Imitando o toque da corneta)* - tatatararararararara... tatatatatatatatatatat...
Sentido. Apresentar armas.

Os actores fazem continência,

A1 – Apresentar armas, disse eu. Hop, direita, ombro...

Os actores perfilam-se e apresentam armas. A6 trepa até ao pescoço da estátua e iça a bandeira.

A6 – Sentido...

Os actores dão uma volta sobre si próprios.

A6 – Atar o atacador esquerdo.

Os actores abaixam-se e apertam os sapatos, cada um à sua maneira.

A6 – Atar o atacador direito.

Os actores repetem. Um ou outro limitam-se a levantar a perna e a tentar apertar o sapato nessa posição.

A6 – Sentido.

Os actores dão meia volta.

A6 – Tirar macacos do nariz.

Os actores torcem-se, escavando freneticamente as narinas.

biblRIA

A6 – Preparar... Fogo... Macacos para o público...

Os actores, com gozo visível, atiram os projécteis ao público.

A2 – Mamã, eu não quero ir pr'a tropa...

A5 – São só quatro meses, filho... passa num instante...

A4 – *(Voz grossa)* - Os homens fazem-se na tropa...

A2 – Mas eu não quero matar ninguém...

A5 – Não tens que matar, filho... Já não há guerra...

A4 – Às armas, às armas
contra os canhões
marchar, marchar

A1 e A3 – *(Imitando metralhadora)* - ratatata, ratatata, ratatata...

Os actores caiem no chão, um por um. Silêncio.

A2 – *(Uiva longamente)*

A6 – Bem, eu ainda sou o encenador desta porcaria...
Se bem que os actores muitas vezes se apoderem das personagens e me fujam ao controlo.

Est – *(Em voz de falsete)* - Bem, eu ainda sou o encenador desta porcaria...

A6 – Outra como essa, ó sua estatuazinha bardalhoca e regressas à tua origem de pedra e calhau...

Est – Ai, salvem-me que está aqui um profanador de monumentos...

A6 – *(Em voz de falsete)* - Ai, salvem-me que está aqui um profanador de monumentos... é mesmo um calhau com dois olhos...

Est – Agarrem-me senão ele mata-me...

A1 – Atenção à corrida... um encenador em baixo de forma e uma estátua repelentemente viva... preparar, fogo...

A estátua e A6 pegam nos carrinhos e apregoam:

Castanhas quentinhas...
Olha a bela castanha da época...

A3 – João

A4 – Joana

A3 – João Casemiro

bibRIA

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se e dançam por entre os outros actores.

A6 – Quem quer castanhas quentinhas?

Est – Quem quer castanholas quentolas?

A1 – Atenção. A corrida está a chegar ao fim. É a última curva da última volta. vvvuuuummm...

A6 e a estátua gritando cada vez mais depressa:

Castanhas quentinhas, castanhas quentinhas, quentinhas, quentinhas...
Plash - *(dois pratos batendo um no outro)*

A3 – João - *(gritando)*

A4 – Joana - *(gritando)*

A3 – João Casemiro - *(gritando)*

A4 – Joana Caxemira - *(gritando)*

A3 – Meu estupor - *(gritando)*

A4 – Minha parva - *(gritando)*

Esbofeteiam-se.

A2 – Mamã, olha um disco voador...

A5 – Os discos voadores não existem, meu filho...

A2 – Mamã, porque é que o papá tem uma pilinha e tu não tens?

A5 – Credo... As pilinhas não existem, meu filho...

A2 – Mamã, o papá tem uma coisa que não existe?

A1 – Mais uma corrida, mais um prémio... Grelha de partida...
Preparar: FOGO...

A5 e A6 empurram os carrinhos. A4 e A3 vão dentro deles. A6 e a estátua dançam merengue. Os carrinhos chocam. A3 e A4 ficam abraçados com as cabeças encostadas e as caras viradas para o público.

A3 – João

A4 – Joana

bibRIA

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

A1 – Mais uma edição do habitual folhetim radiofónico...

A2 – A telenovela das eróticas carícias na pele acetinada das amáveis tele-espectadoras...

A5 – *(Canto gregoriano)* - Perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem...

Act – Amen.

Est – Deus, Pátria, Família... para todo o sempre, ad eterno, ad eterno, ab-seculorium seculorium...

A2 – Mamã, o que é a Inquisição?

A5 – A Inquisição não existe, meu filhinho...

A2 – Mamã, o que é a Censura?

A5 – A Censura não existe, meu filhinho...

A1 – Alto... Não se pode falar dessas coisas nem ouvir falar nelas...

A2 – Porquê?

A1 – É proibido perguntar..

Est – Ó pátria sente-se a voz dos teus egrégios avós...

A4 – Hoje somos muitos, amanhã seremos melões

A1 – Ó lua que vais tão alta
redonda que nem um tamanco
ó Maria traz cá a pistola
que eu vou assaltar um banco

Est – *(Cantando)* - Ai chega, chega, o teu dedal à minha agulha...

A6 – Chega... chega... Acabou a bagunça... Voltemos ao ensaio geral... Atenção: 5ª cena

A3 – João

A4 – Joana

A3 – João Casemiro.

bibRIA

A4 – Joana Caxemira

A3 – Meu amor

A4 – Minha amada

Beijam-se.

A6 – Esta era a 5ªcena?

A5 – Era... Era...

Os actores aplaudem todos: - Viva... acertaram, eia... eia... eia...

Est – Silêncio...

A6 – O que é que se passa?

Est – É a cena seguinte... é comigo...

A6 – Contigo?

Est – Sim... Vou ser inaugurada...

A6 – Inaugurada? mas tu já foste inaugurada...

Est – Seis vezes... mas vou ser inaugurada outra vez...

A6 – Seis vezes chega...

Est – Mas vem no guião - *(mostra uns papéis)* - A estátua é inaugurada na 6ª cena...

A6 – Estou lixado com esta porcaria... Bem, vamos lá então à 6ªcena
Os actores juntam os dois carrinhos de modo a formarem um comboio.
A estátua cobre-se com um lençol. Ouve-se o apito do comboio e o anúncio da chegada à estação. O Rei e a Rainha descem. O povo aplaude.

Rei – Então o que é que vimos inaugurar desta vez?

Rainha – Se não fosses tão birrento, podiamos finalmente inaugurar o nosso casamento...

Rei – Cala-te Rainha ingrata... Pergunto-te o que é que vimos inaugurar aqui nesta terreola...

Rai – Não faço ideia: uma ponte, uma escola, uma prisão...

Rei – Bem, eu trago um discurso genérico que se adapta a qualquer contexto...

Os actores aplaudem.

bibRIA

Rei – Bom povo de... - *(nome da terra onde se representar)* - . É com profunda emoção que me encontro aqui pela primeira vez...
(A rainha puxa o rei pelo braço e segreda-lhe ao ouvido).
Como ia dizendo, desde a última vez que aqui estive, notam-se melhorias extraordinárias na senda do progresso e desenvolvimento.
E a comprova-lo, mais esta inauguração solene. - *(Olha à volta procurando o que há-de inaugurar. A estátua aproxima-se e poe-se-lhe à frente)* - Krrum, krrum... Assim declaro oficialmente inaugurada esta maravilhosa estátua à paz, à ordem e à estabilidade.

O rei retira o pano que cobre a estátua. A estátua faz uma vénia, pisca os olhos e o povo aplaude.

Est – É com lágrimas nos olhos que agradeço, coooomovida - *(abana o traseiro)* - mais esta maravilhosa inauguração.

Act – Viva o rei, viva a rainha
viva tudo com prazer
nem sabemos se isto é República
se faz sol ou se está a chover

A1 – Atenção, nova corrida, novo prémio. Atenção à grelha de partida.
Preparados? Fogo...

O rei e a rainha pegam nos carros e correm pelo palco tentando atropelar os outros, que vão caindo no chão.

A1 – Vencido o 1º obstáculo, aproxima-se do 2º, ultrapassa o 3º, derruba o 4º, atropela o 5º, é golo, gooooooooolooooooooooo de sua Excelência...

A2 – *(Uiva longamente)*

Est – Quem não sabe perder não joga...

A6 – Cena seguinte, cena seguinte...

A5 – Não há mais...

A6 – Como não há mais...

A5 – O autor não escreveu mais...

A1 – Foi preso por atentado à moral e aos costumes...

A6 – Pois que escreva na prisão...

A5 – Está incomunicável...

A6 – Olha a minha vida... olha a minha vida...

biblRIA

Est – Era uma vez uma peça de teatro que começava assim:

A1 – João

A2 – Joana

A3 – João Casemiro

A4 – Joana Caxemira

A5 – Meu amor

A6 – Minha amada

Os actores vão descendo para a plateia e continuam a dizer as últimas falas.

A estátua fica em cena, repetindo:

João... Joana... João Casemiro...

Vai descendo o tom de voz, encolhe os ombros e cala-se. A luz vai morrendo lentamente.

Fim.

Évora, 27 e 28 de Julho de1991

bibRIA

Auto das Embarcadiças

Uma outra versão do Auto da India de Mestre Gil na qual se contam as peripécias vividas pelo marido embarcado e os seus amores tresloucados durante a saga trágico-marítima, a partir de uma narrativa colhida nas "Lendas da Índia" do cronista Gaspar Correia que ao tempo foi secretário de Afonso de Albuquerque, tendo nascido em 1495, ano da morte de el-rei D. João II e ano da subida ao trono, por exclusão de herdeiros, do seu cunhado Manuel, dito o Venturoso, o qual ficou na História como o primeiro do seu nome próprio.

Cenário ideal:
A Fragata D. Fernando II e Glória, em restauro nos Estaleiros da Ria Marine, Aveiro. De uma das traves dos andaimes, uma jaula está suspensa, baloiçando. Lá dentro, duas mulheres desgrenhadas e esfarrapadas, gritam e contorcem-se. Desespero e raiva.

1º acto / 1ª cena

Vários figurantes espalham-se correndo pelo recinto, cruzando-se com as pessoas e gritando:

– Justiça de El-rei nosso senhor! As mulheres das naus vão ser açoitadas na praça pública.
Justiça de El-rei...

Rufam os tambores. A multidão acorre.
Um pregoeiro sobe as escadas do pelourinho e lê um edital.

Pregoeiro – Por ordem do Almirante Vasco da Gama, Vice-Rei das Índias nesta sua 3ª viagem às partes da Ásia, manda-se aplicar vinte chicotadas a cada uma destas duasmulheres, acusadas de terem entrado clandestinamente numa das Naus da Armada da Índia, tendo viajado ocultas desde Lisboa até à ilha de Mombaça.

Capitão – Abram as masmorras e desçam as condenadas.

Dois soldados abrem o alçapão e as mulheres descem por uma escada de corda. Um grupo de frades aproxima-se salmodiando e empunhando uma cruz. Ajoelham-se. Um deles, de cruz erguida, dirige-se ao séquito de Vasco da Gama.

Fra – Por quem sois e pelas honras com que El-rei muito justamente vos reconheceu, aqui vos rogamos que não apliqueis tamanho flagelo a estas duas infelizes...

Vasco da Gama – *(adiantando-se do séquito)* - Calai-vos já homens de Deus, que se vindes com intenção de me chegar à fala, mais seguros andareis em não me sair à frente nos caminhos pois quem vem com Cruz é porque procura apaziguar o Diabo e o que estais a querer dizer é que eu sou cruel e satânico, o que vos rogo que ides a pôr a Cruz em seu sítio e que volteis então se ainda me quereis falar, o que também vos não aconselho pois já sei ao que vindes e não é boa coisa porque estão estas mulheres a ferros e vós intentais pedir clemência para os seus crimes.

Fra – Senhor, por tudo aquilo que há de mais Sagrado, perdoai-nos o atrevimento de assim vos sairmos ao caminho, mas se foi a compaixão por estas infelizes que nos tolheu a razão, em boa razão vos suplicamos agora que não as castigueis como se foram criminosas da pior ralé.

V.G.– Creio que já conversámos o suficiente. Não queirais agora tolher ou embargar a Justiça de El-rei. - *(virando-se para as prisioneiras)* - Soldados, porque tardam tanto?

Aproxima-se um nobre, o qual cumprimenta Vasco da Gama, com mesuras.

Fidalgo – Senhor, venho em delegação dos homens bons residentes na cidade de Goa.
Por tudo vos rogamos que não castigueis essas mulheres e se para elas tão mister é encontrar segurança, nós entre todos, reunimos para cima de três mil pardaos com que contamos resgatar as cativas.

V.G.– Ah Ah Ah. Aqui não se resgatam escravos nem vejo onde é que de escravos se trata mas sim de criminosas que urge castigar. - *(virando-se para o capitão).*
Porque tardas o teu trabalho? Acaso te comoves com o que é contrário à lei de El-rei nosso senhor?

Os soldados acorrentam as mulheres e chicoteiam-nas. Os frades regressam e vão consolando as mulheres.

biblRIA

V.G. – Esperai... Concederei uma mercê a estas desgraçadas.
Não se poderá dizer que não sou piedoso. Assim seja, então... Metade das chicotadas serão perdoadas por El-rei nosso senhor se as criminosas revelarem os nomes dos marinheiros que com elas dormiam.

O capitão tenta interrogar as mulheres mas elas cospem-lhe na cara.

V.G. – Muito bem! Assim o querem elas. Terminai o vosso trabalho e mandai-as depois embora. Elas que fiquem em Goa se alguma casa as receber.

Os frades saiem com as mulheres, amparando-as. Música gregoriana.
Vasco da Gama e o seu séquito afastam-se. O pregoeiro dirige-se à multidão.

1º acto / 2ª cena

Pre – Ah! ah! ah! Vejo pelos vossos olhos que ardeis em curiosidade por saber os motivos que levaram estas pobres mulheres a serem tão castigadas na praça pública. Vou contar-vos o que se passou antes e o que há-de acontecer depois. Ora será melhor acercarem-se mais para que assim possam ouvir a história toda sem perder pitada.
Corria o ano da graça de 1521 quando por morte de El-rei D. Manuel, D. João III nomeia Vice-rei das Índias a Vasco da Gama, outorgando-lhe o título de Conde da Vidigueira e outras honras juntamente com o comando da Armada da Índia. Antes de partir para a sua 3ª expedição à Índia, ainda em Lisboa, manda Vasco da Gama apregoar em terra e nas naus e por escritos nos mastros do cais, as seguintes leis.

Vários marinheiros correm por entre a multidão, afixando cartazes nas traves. Um arauto lê as leis.

Arauto – Por ordem do Almirante Vasco da Gama, determina-se que assim seja cumprido:
Qualquer mulher achada nas naus fora de Belém será publicamente açoitada.
O marinheiro ou marinheiros que acoitem essa mulher será carregado de ferros.
O capitão de navio que ache essa mulher e a não entregue será privado do seu ordenado e quinhão do saque. Por ordem de El-rei determina-se que assim seja e que assim se cumpra.

Rufar de tambores. O arauto sai. Dois marinheiros conversam.

2º acto / 1ª cena

António – Tenho pena delas mas não podiamos fazer nada.

Tiago – Absolutamente nada.

Ant – Ainda bem que elas não nos denunciaram.

Tiag– Portaram-se bem, as moças.

Ant – Eu nunca fui de opinião que elas embarcassem.

Tiag– Elas quiseram vir e foi por sua conta e risco.

Ant – Ainda bem que já acabou tudo.

Tiag– Ah! Mas durante a viagem souberam-te bem, hein!...

Ant – Cala-te que ainda nos ouvem.

Tiag– Qual quê? Foram-se todos. Eu espero é que elas não nos voltem a procurar. Seria uma desgraça.

Ant – O pior é que eu já nunca casaria com uma mulher que tivesse sido chicoteada na praça pública.

Tiag– Eu é que não caso até porque já sou casado. Deixei mulher a bom recato lá em Almada.

Ant – Lá terás deixado, terás...

Tiag– O que é que pretendes insinuar?

Ant – Nada... nada... são umas histórias que tenho ouvido contar...

Tiag– Ouvido contar a quem? Diz depressa antes que eu...

Ant – Pronto, não te exaltes... São histórias de Lisboa e é o Mestre Gil que as conta no paço da rainha...

2º acto / 2ª cena

(noutro local, a cena do Auto da Índia em que a moça diz:

"(...) Quantas artes, quantas manhas,
que sabe fazer minha Ama!
Um na rua, outro na cama...)"

2º acto / 3ª cena

bibRIA

Pre – Bom... recapitulando, de Belém embarcou descansado o nosso Vasco da Gama depois de publicar as leis do celibato marítimo. Mas não lhe correram as coisas de feição durante a viagem pois que em Quiloa zangando-se os marinheiros e espevitando-se as invejas veio a descobrir-se a careca e saltaram três mulheres de dentro do esconderijo.
Essas mulheres foram desde logo cobiçadas à vista, gerando-se grande reboliço o que levou o capitão da nau a disso dar conhecimento a Vasco da Gama.
Grande, medonho, foi o berro atroador de Vasco da Gama. Maior que o Adamastor.

(Vasco da Gama, junto ao mastro da nau, dá um berro ensurdecedor)

Logo chamou para o seu barco as clandestinas viajantes. E sem dó, mandou aferrolhá-las a sete chaves no buraco mais escuro e fundo da sua nau a qual se chamava "Santa Catarina do Monte Sinai". Na confusão entre soldados e marinheiros uma desgraça aconteceu.
Das três mulheres, uma temeu e receou maiores danos e sofrimento. Com força diabólica, esbracejando como possessa, libertou-se dos fortes braços que a agarravam e atirou-se à voragem do oceano, sendo de imediato tragada pelas águas medonhas.

(uma mulher grita estridentemente, com desespero)

Uma, já sabemos que se matou atirando-se à água. Das outras também sabemos que foram chicoteadas à vista de todos. Recolhidas depois, pelos frades franciscanos, foram tratadas das suas mazelas, ficando a aguardar os acontecimentos seguintes. Entretanto, Vasco da Gama adoece coberto de pústulas e furúnculos. Sentindo alguns remorsos pelas chicotadas dadas às mulheres clandestinas, mandou alterar o seu próprio testamento.

V.G.– A essas desgraçadas, mando que se dê a cada uma, cem mil réis, para que lhes seja dote e se possam casar e viver honradas. E isto que seja feito muito em segredo.

Pre – E com o corpo minado pela doença, assim se finou o Vice-Rei das Índias. E logo correram os dois marinheiros a querer cortejar as mulheres, sabendo da herança por elas recebida.

3º acto / 1ª cena

Tiag– Cecília, meu anjo, as saudades que eu tinha de ti. Queria tanto aproximar-me de ti mas o capitão proibira-me sob pena de morte...

Ant – Salomé, meu amor, corri por toda a Índia à tua procura... Eu dava em doido se não te encontrasse...

bibRIA

Cecília – E larguei eu de Lisboa atrás de um estupor destes...

Tiag– Hein?

Salomé – E deixei eu pai e mãe para seguir este sacana merdoso...

Ant – O quê?

Cec – Arrostámos o mar para que nos restituissem a honra que nos tinham tirado...

Salo– Curtimos meses de agonia escondidas no porão húmido e frio para estarmos mais perto dos nossos amores...

Tiag– E agora ficaremos sempre juntos...

Ant – Juntos para todo o sempre...

Cec – Ai não ficam não...

Salo– Vocês vão-se já embora...

Tiag– Como assim?

Ant – Estamos aqui para casar...

Cec – Sei que vinham pelos cem mil reis...

Salo– O nosso dote...

Cec – Pois já não temos esse dinheiro...

Salo– Oferecemos os nossos dotes à Casa da Santa Misericórdia...

Cec – Não queremos dinheiro dado por quem nos mandou chicotear.

Tiag– Será possível?

Ant – Estarão assim tão loucas?

Tiag– Deitarem fora uma fortuna?

Cecília e Salomé – Ah Ah Ah Ah Ah Ah!

Tiag– Vamo-nos que elas não nos merecem...

Ant – Loucas... completamente loucas...

Cec – Até porque vocês já são casados em Lisboa...

bibRIA

3º acto / 2ª cena

(Noutro local, cena do Auto da Índia na fala da Ama):

"(...) Foi-se à Índia meu marido,
e depois homem nascido
não veio onde vós cuidais...)"

3º acto / 3ª cena

Pre – Mas cuidais vós que as duas mulheres se tinham assim separado do dote?

Cec – Bem... com esta mentira afastámos os tolos dos marinheiros...

Salo– Vamos agora a escolher maridos que nos mereçam...

(saiem as duas de braço dado)

Pre – E assim está findando este filme. Com a morte de Vasco da Gama, regressam as naus a Lisboa.

3º acto / 4ª cena

Ara – Faz-se saber que o corpo do Vice-Rei das Índias regressa a Lisboa para ser depositado no Mosteiro dos Jerónimos. E que todos os marinheiros da sua Armada regressam também, em sinal de respeito.

Tiag– E assim voltamos nós tão depressa a Lisboa sem ter feito riqueza...

Ant – Que azar o nosso...

3º acto / 5º cena

(o final do Auto da Índia, a partir da fala da Ama):

"(...) Mas que graça que seria
se este negro meu marido
tornasse a Lisboa vivo
para a minha companhia...)"

Fim

bibRIA

bibRIA

Projecto sem dó nem piedade

Peça de teatro para duas, seis ou mais personagens mas que pode ser representada por uma só.

Palco nu. Uma arca ao centro. Semi-penumbra. Toque de cavalaria seguido de marcha marcial.
Os actores entram e, dançando de perfil, atravessam a cena. Dançam muito lentamente como se fosse em câmara lenta. De vez em quando viram-se para o público e fazem caras parvas. O último atrapalha-se constantemente ao imitar os passos dos anteriores. Os actores saiem por um dos lados e regressam no mesmo ritmo. Sempre que a música pára, os actores imobilizam-se. Voltam a sair por um dos lados e regressam já com outra música (de características africanas) perseguindo o actor trapalhão.
Este corre desesperado pelo palco, dirige-se à arca e ao levantar a tampa para se esconder, queda-se maravilhado com o recheio. Os outros actores aproximam-se e mergulhando as mãos na arca, tiram de lá outra arca mais pequena, da qual, atiram panos ao ar. Panos de todas as cores e feitios, numa explosão polícroma e esfusiante. Brincam com os tecidos e vestem-se, dançando. Aos pares compõem-se, frente a frente como num espelho. Um dos actores é fechado, discretamente, dentro da arca grande. Os outros sentam-se à volta da arca. Um deles sobe para cima desta e fala.

1 – Olá, boa tarde. Estou aqui porque o autor quis que eu estivesse. Estou aqui porque alguém tinha que estar aqui. Não sei se haverá mais personagens ou o que direi a seguir. Não há peça a representar. Não há nada... - *(retira do bolso alguns papéis).*
Bem, não era nada de novo... hum... talvez pudesse entrar outra personagem... - *(desce da arca e bate com o punho na tampa)* - Entra outra personagem... - *(o nº2 abre a tampa).*

2 – Boa tarde. Estou aqui porque faz jeito outra personagem... - *(compõe um ar dramático).*
Nas minhas mãos, as flores ressequidas murcham...
Sou um eco mudo... um espelho baço...
Sou a palavra queimada na raiva de um gesto...

bioRIA

Será que com tudo isto eu sou o teatro?
O meu palco é o mundo...
Eu sou eu e os outros...
(embrulha-se num tecido como se fosse uma capa) - Sendo público sacrifico-me e sou actor... - *(abre a capa e deixa-a cair com um gesto largo)* - ...sendo actor sacrifico-me e vivo aquilo que vocês querem que eu viva.

Trapalhão – É tudo mentira... é tudo mentira... é tudo mentira...

2 – Vocês são bonecos de palha com os ouvidos atulhados de cera. Porque é que tem o actor de representar os vossos fantasmas? Quem são vocês aí no escuro? Nem sei se estão vivos se mortos... - *(os outros assobiam e sapateiam).*
Esses assobios... esses sapateados... quem me assegura que não estão na banda magnetofónica do sonoplasta? oh... estou-me nas tintas... estou-me nas tintas...

Trap– Ah, ah, ah... fica bem caro vir dormir para o teatro...

2 – Será melhor entrar outra personagem... eu já estou a ficar sem assunto...

Trap– Entra outro personagem...

(o nº3 coloca-se por detrás do nº2 e maneja-o como se este fosse uma marionete)

3 – Olá. Eu sou a outra personagem... estou aqui para dar continuidade ao desenrolar desta peça. Quando isto acabar volto a ser um dos vossos... tiro a maquilhagem e vou de autocarro para casa... mas agora não sou mais do que uma criação vossa... existo porque vocês assim o desejam... ou será que não? Desejam ou não desejam?
Claro... cada um de vocês projecta em mim aquilo que quer ver... Agora mesmo sou o fantoche que vos olha de frente e o actor que está por detrás dele... E que mais serei?

Trap– E que mais será?

3 – Acabo sempre como personagem a esfumar-se nos dias claros... - *(deixa cair o fantoche).*

Trap– Agora para compor a coisa, podia entrar outro personagem, vamos lá ver se isto melhora alguma coisinha... a senhora aí "style negligé", quer dar-nos o privilégio das suas observações? - *(ajuda a senhora a subir para a arca)* - Faça favor... faça favor...

bibRIA

4 – Olá queridos... está tudo tão altamente... só a decoração é que é fatela, foleira e pirosa... - *(dirige-se ao fantoche, faz um sinal ao Trapalhão, este levanta o fantoche e entrega-lho com uma vénia exagerada).*
Bem ... como fantoche que sou ocorrem-me coisas passadas, lembranças... mas para que preciso eu disto? - *(empurra o fantoche para o chão com um gesto displicente).*
Ainda criança, ofereceram-me uma espingarda, a qual matava pássaros e coelhos muito desembaraçadamente...
Mais tarde, quiseram aliciar-me para a vida militar... para dar um tom mais oficial à minha vocação...
A caserna do quartel a continuar a escola...
A tirania dos regulamentos contra as minhas iniciativas...
Não se ser como é mas como se deve de ser...

Trap– Ah, a educação... a educação...

4 – A aprendizagem da dissimulação... da farsa... do saber estar social...
O servilismo... a falta de dignidade...
As multidões... a angústia morna do stress... - *(aplausos)*
Tudo isto se aprende porque não se nasce já a gostar de água tónica... Há que aprender a gostar... a assimilar... a identificar-se com esse gosto...
Assim são as escolas... - *(os outros actores dispuseram-se, de joelhos, virados para a arca, como se estivessem na escola, mastigando a tabuada: nhannhannhan... nham; nhannhannhan... nham)*
Chiu... Calem-se... - *(faz um gesto ameaçador para impôr silêncio)*
Que ficamos nós a conhecer para além das quatro paredes da escola?
Vegetamos, sem suspeitar que se possa viver...

Trap– Não foi para descompor a sociedade que a convidei a subir ao palco minha senhora. Se não muda de tema vejo-me obrigado a pedir-lhe que se cale...

4 – Se as escolas não nos tornassem estúpidas e impotentes saberiamos muito bem o que fazer de nós próprias...

5 – É verdade... reprimem-nos a espontaneidade... obrigam-nos a viver num mundo de adultos... assustam-nos com os papões... e batem-nos para aprendermos melhor...

Trap– Ah, ah, ah, e por cima de cada castigo: "é para teu bem... quando fores grande me agradecerás..."

5 – Vocês adultos, educam-nos para um mundo que se desmorona pela base. Já nem vocês acreditam nele...

Trap– Já nem vocês acreditam nele....

DIDRIA

6 – Bati no meu filho porque o detesto, detesto-me, detesto a minha mulher, detesto o meu trabalho, detesto a própria vida...

3 – Bati no meu filho porque ele é pequeno e não me pode devolver as pancadas. Bati-lhe porque tenho medo do meu patrão...

2 – É sempre a mesma coisa... para qualquer emprego são necessárias habilitações e papeladas... mas para ter um filho basta um tolo e uma tola... passados nove meses... pimba... têm uma criança nos braços e não sabem nada de educação....

1 – Fazemos tudo pelo garoto... mas as más companhias estragam-no... falta à escola... é malcriado... desobediente... e já mais do que uma vez que o apanhámos a mexer no sexo... Oh meu Deus... Que mal teremos feito para merecer um filho destes?

2 – Mas porque não poderemos ser livres de conhecer o nosso corpo?

3 – Lembro-me de molhar a cama quando era puto... os meus pais embrulhavam-me em desconfortáveis lençóis plásticos para não apodrecer o colchão... todas as manhãs vinham inspeccionar... cada mija uma tareia... - *(o nº2 é embrulhado em plástico pelos outros, os quais tapam as narinas como se cheirasse a urina)*

Trap– Ó terror... ó terror.... ó terror... - *(o nº2 é levantado na horizontal)*

4 – Um estudo psiquiátrico a nível mundial revelou que 75% da população manifestava sintomas nevróticos acentuados, enquanto 25% da mesma população necessitava de um tratamento psiquiátrico imediato, que naturalmente ninguém estava à altura de fornecer.

Trap– Ah, ah, ah....

1 – *(Cantando em gregoriano)* - Deus pai, só tu na tua misericordiosa bondade podes salvar este mundo mergulhado no pecado... Perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem....

3 – Pecado? Pecado? Que pecado?

5 – Ignorância e medo...

1 – Não podemos ser felizes nesta vida se queremos merecer a felicidade eterna...

4 – Seria de supor, num teatro corrente, que o actor preparara cuidadosamente o seu papel, as marcações, as mudanças de cena...

1 – Peço desculpa, mas este tipo de teatro sem directrizes nem texto desorienta-me e deixa-me duvidosa das minhas capacidades... estou cansada... terrivelmente cansada... - *(largam o nº2 e voltam-se de costas).*

bibRIA

Trap– Mas então? Abandonam uma peça que nem sequer existe?

2 – Fui ao jardim da celeste... giroflé...

Trap– Boa ideia... quem canta seu mal espanta...

1 – *(Em ritmo rap)* - desculpem a intromissão mas agora falo eu
já se disse tanta coisa e não se disse nada
então vou desabafar sobre os dias da minha vida
então vai desabafar sobre os dias da sua vida - *(coro)*
Sou daquela raça de gente que nasceu a trabalhar
a força dos braços como única riqueza
a força dos braços como única riqueza - *(coro)*
trabalho, trabalho, trabalho...
trabalha, trabalha, trabalha... - *(coro)*
embruteço, embruteço, embruteço....
embrutece, embrutece, embrutece... - *(coro)*

2 – *(Sobe para uma arca e olha ao longe)* - Vi muitos jovens partirem pela estrada fora, fugindo ao poder da Máquina... Depois, vi-os regressar, de olhar desiludido. E mais tarde, adultos resignados, vendendo à Máquina ambos os braços, família em casa para sustentar...

Trap. corre pelo palco, olha em redor, sobe para cima da arca e segreda ao ouvido do nº2

2 – Senhoras e senhores, o momento é de acção... subam para aqui... vamos subam... tem de ser rápido... um grave perigo está eminente... venham depressa para aqui...

Trap. olha em volta, mais nervoso ainda e segreda mais qualquer coisa

2 – Vá subam... subam... vai haver uma inundação... não há tempo para evacuar toda a gente...
salvemo-nos nós... vai ser tudo inundado...

(entram para dentro das arcas, encostando-as uma à outra)

6 – Socorro... acudam... help...

2 – A água pode chegar a qualquer momento... um cano roto... calma, calma, não gritem... aqui estamos a salvo... - (aprumando-se e mudando de tom) - timoneiro, ao leme... marinheiros, içar velas, vamos em frente que o vento está de feição...

Os actores erguem panos e sopram-lhes.

biblRIA

1 – Lá vem a arca raineta
que tem muito que contar
o capitão era forreta
e não sabia assobiar

Trap. atira-se para o chão e nada em seco

5 – Homem ao mar...

6 – Salvem-no que é o único homem que temos...

Trap– *(Levanta-se e constata que não há água nenhuma)* - Senhoras e senhores o perigo já passou... não foi mais que um falso alarme... excesso de zelo do pessoal técnico... podem descansar à vontade...

2 – Foi um óptimo teste à vossa capacidade de reacção em situações de perigo... portaram-se muito bem... podemos estar confiantes de que se conduzirão admiravelmente em caso de acidente...

1, 3, 4, 5, 6 – uuuuuuuuuuuuuuuuuuuu....

Trap– Mas não cortam todas as amarras que vos prendem à sociedade?

2 – Antes parecem servir-se dela... Que pretendem?

1 – Que nos deixem em paz...

2 – Em paz, dentro ou fora da sociedade?

1 – Quando a paz está fora da lei, só os fora-da-lei podem encontrar a paz...

Trap– Sem essa, minha... esse paleio está ultrapassado... moderniza-te. Qual é a tua? Hoje está tudo organizado... Só tens que crescer e colaborar.

2 – Lembra-me aquela história do jornal da véspera na retrete pública. As nossas mais recentes opiniões já estão ultrapassadas pelos acontecimentos.

Trap– Está tudo muito engraçado, mas temos que respeitar os patrocinadores. Faz favor, deixem-se de tretas e vamos à publicidade...

2 – Ding... dong.... espaço publicitário... não nos responsabilizamos pelas asneiras que vêm a seguir...

5 – Ela comprou um automóvel, um apartamento e uma viagem para longe e não gastou dinheiro porque utilizou o cartão de crédito do marido.

2 – Ding... dong...

6 – Tem o cabelo espigado? Sofre de caspa?
Não hesite: Champô para alcatifas...

bibRIA

2 – Ding... dong...

4 – E enquanto os "amaricanos" desenvolvem os misseis "patriots" nós os portugueses, aperfeiçoamos a técnica do supositório...

3 – Supositorios SACRISTA não há cu que lhe resista

4 – Com sabor a baunilha, morango e tuti-fruti penetram suavemente e não arranham

3 – Supositórios SACRISTA? se não tem dinheiro, desista...

2 – Ding... dong...

Trap– Bem, onde é que nós iamos?
Ah, pois. As meninas não queriam sair da arca. - *(voltam para a arca com excepção do Trap. e da nº2)*

2 – Então é melhor repetir a minha última deixa: Lembra-me aquela história do jornal da véspera na retrete pública...

1 – Chega... chega... reconheço que a nossa fuga é desvairada e carrega uma certa dose de fatalismo...

6 – Então acabaremos por sucumbir à atracção do sistema?

2 – Não direi tanto... no mínimo, faremos algumas concessões...

5 – Desde que não abdiquemos da nossa lucidez...

1 – Penso naqueles que não deixando de reconhecer as injustiças se calam na cobardia do rebanho...

2 – Essa é a servidão. Os mansos podem considerar-se servos. Os outros serão punidos.

Trap– Ah, ah,a h, punição... punição... punição...

1 – *(Atira os outros para fora da arca)* - Só... orgulhosamente só...

3, 4, 5, 6 – ai, ui, aaaaaaaaaiiiii...

Trap– *(Chicoteando o chão)* - às armas... às armas... contra os canhões, marchar, marchar...

1 – Do alto desta pirâmide, quarenta sexos vos contemplam sem piedade...

2 – Séculos... Séculos vos contemplam...

3, 4, 5, 6 – uuuuuuuuuuuuuuuu

1 – É mais fácil entrar um camelo no reino dos céus do que... não, não é assim...

bibRIA

2 – Ó pá... isto não é teatro nem é nada...

1 – Esteja calada, ó sua desavergonhada...

2 – Vá pró caraças...

Trap– Silêncio... vamos lá a ver se nos entendemos...
o nosso tempo está a acabar e isto está uma porcaria...
ponham-se nos vossos lugares...
vamos lá ver... tu, vais fazer de principe *(nº2)* - *(à medida que são designados assumem a postura da personagem)* - tu, vais fazer de princesinha *(nº1)*, tu serás a bruxa má *(nº5)*, tu, serás o bandido mauzão *(nº6)* e eu... serei o Homem Aranha...
um, dois, três, vai começar... - *(dançam)*

Fim.

bibRIA

O vagabundo e a estátua

Ao António de Lírio
poeta e homem estátua
para quem já nos tempos de Coimbra
a imobilidade era o princípio do movimento

Um vagabundo surge a deambular pela sala.
A estátua à boca de cena está imóvel. O vagabundo pede dinheiro e cigarros às pessoas. Lentamente, com passos curtos, sobe ao palco. Observa atentamente a estátua. Apalpa-a. Avalia-lhe a robustez. Tenta alterar-lhe a posição dos braços. Cigarro ao canto da boca, olhando de vez em quando, receoso, para o público, tira uma ponta de corda de dentro da gabardina, enrola-a na mão da estátua e estende várias peças de roupa interior. Ao menor ruído ou riso da parte do público, imobiliza-se. Ata a outra ponta da corda na outra mão da estátua. Olha atentamente para o que acaba de fazer. Senta-se aos pés da estátua.
Tira um pedaço de pão de um bolso. Tira um naco de presunto de outro bolso. Pousa tudo sobre os joelhos. Do saco a tiracolo, extrai um canivete com cabo em madeira... Calmamente, corta pedacinhos de presunto. Um a um. Mastiga com evidente prazer. De dentro da gabardina sai uma garrafa de vinho tinto. Bebe um longo trago.
Pousa tudo no chão e levanta-se, espreguiçando-se.
Vai atrás da estátua e prepara-se para urinar.
A estátua dá-lhe um empurrão. O vagabundo recua.

E – Que pendures a tua roupa sebenta e mal lavada, ainda vá...
Agora, que me mijes nas pernas... porra... porra...

V – Vá lá um gajo saber que eras pessoa...

E – Sou um homem-estátua. Ganho assim a vida...

V – Ah! Mas não penses que eu não ganho a vida...
Sou vagabundo por opção ideológica. Protesto contra o conformismo e a falta de liberdade das grandes cidades.

E – Eu quando me refiro a ganhar a vida, falo em termos materiais...

V – Ficas quieto para ganhar a vida...

E – A imobilidade é o princípio do movimento...

V – *(Sentando-se)* - Lembras-me um tipo que conheci no Sul.
Ficava quieto a ver passar os carros a grande velocidade.
Os que iam para cima e os que vinham para baixo.
Contava-os de cabeça.

E – E as motorizadas, também as contava?

V – Não. Só carros. Só contava carros.

E – Eu já contei cabeças de pessoas. Mas é muito cansativo.

V – Cabeças de pessoas. Já vi disso também.
Creio que já vi de tudo na vida.
Viajo muito... já nada me espanta...
Ossos do ofício...

E – Eu devo viajar menos que tu. Mas sempre dou as minhas voltas.

V – E não te cansa ficar tão parado?

E – Isto que eu faço é uma Arte. Sou um Artista.
É claro que às vezes apetece mexer-me um bocado. Mas tudo tem os seus truques... por exemplo: repara que não levanto os braços acima da linha dos ombros. Assim, o fluxo sanguíneo mantem-se normal e eu canso-me muito menos.

V – Vou recolher a minha corda da roupa antes que apanhe a humidade da noite... peúga... peúga... peúga... cuecas...

E – Tenho umas ceroulas da mesma cor das tuas...

V – São espanholas. De Málaga. Uma bela cidade. Gente desprendida. Acolhedora. Me gustan mucho...

E – Também conheço. Estive dois dias exposto na Plaza Mayor.
Pombos. Os pombos eram chatos. Cagavam em voo.

V – Conheci lá um árabe que se apaixonara por um camelo fêmea.
Chamava-se Ibhraim. E sofria.

E – Também ouvi falar dessa história. Mas o árabe chamava-se Musthapha. Ou seria Calleb ?

V – Se calhar era outro. Os árabes têm tendência a envolver-se nessas histórias.

E – Musthapha sofria no silêncio do deserto. Ou seria Calleb? O camelo fêmea, afinal era uma freira encantada por Fatma, a filha do Profeta.

V – Tal qual Ibhraim...

biblRIA

E – Mas Musthapha ou Calleb, não sei bem, amava a freira enquanto camelo e repelia o camelo quando este se transfigurava em freira.

V – Ibhraim matou a freira e morreu abraçado ao camelo. Ou seria ao contrário?

E – O que é certo é que as freiras não se deviam misturar com os filhos de Alá.

V – Quem pode condenar os sonhos? Todos sonhamos...

E – O meu sonho é bem diverso. Para já, ando a escrever um livro.

V – Um livro de memórias?

E – Um livro de Botânica. Tenho observado as ervas e os musgos que crescem à volta dos meus pés. Pratico o método científico...

V – Um livro de memórias. As memórias de uma estátua. Se fosse eu, era o que fazia.

E – Quando fico quieto, as pessoas pagam a memória da imobilidade.

V – Eu atravesso. Atravesso a memória das pessoas.
Assim... como países atravessados de noite...

E – Uma leve lembrança...

V – Leve. Tão leve que não tenho amarras. Qualquer brisa me sopra para longe.

E – Preciso de uma massagem nas pernas. Assim, para cima e para baixo...

(Cantam, subindo e descendo, na vertical):

Para cima/ para baixo/ ao som do
contrabaixo/ pra baixo/ para cima / ao som da concertina.

V – *(Massajando as pernas da estátua)* - Ontem, encontrei um músico que só tinha uma perna. Tocava acordeão. E tinha os olhos azuis.

E – Verdes. Creio que eram verdes. E não era um acordeão.
Era uma concertina.

V – E a perna? Só tinha uma perna?

E – Vi-o coçar a perna que lhe faltava. Chegou a falar na comichão que sentia entre os dedos dos pés.

V – Os dedos dos pés é um aborrecimento. Ficam gretados.

E – Eu uso sandálias... Quando acabo de trabalhar, calço umas sandálias.

V – Ah! Mas eu não trabalho. Não posso calçar sandálias quando acabo de trabalhar porque não trabalho.

bibRIA

E – Chego a fazer horas extraordinárias.

V – É extraordinário que trabalhes tanto. Assim, atrasas a hora de calçar as sandálias.

E – Foi a Europa que nos atrasou a hora.

V – Não tenho relógio. Tenho dois mas não trabalham. Um é de bolso com corrente e desenhos no mostrador. É suiço. É onde guardo os comprimidos do reumatismo.

E – Conheci uma bruxa transmontana que curava os reumáticos. Esfregava-os com ervas.

V – Deviam ser beldroegas. As beldroegas fazem bem aos ossos.

E – No Alentejo, as beldroegas crescem nos muros à beira da estrada.

V – Servem também para fazer salada... Usa-se na açorda... no gaspacho... e já ouvi dizer que há quem saiba fazer sopa com beldroegas...

E – O que é um facto é que eu não sei quem tu és nem de onde vens. Não devia ter estas intimidades contigo.

V – Para quem te massajou as pernas, és bem agradecido.

E – As mãos massajam bem mas a tua cabeça está cheia de areia.

V – Desertos de areia. Às vezes sonho com desertos de areia. Quentes. Cheios de sol. Pensar assim faz bem ao reumatismo. Aqui não há desertos.

E – Tens a areia da praia.

V – Húmida. Completamente encharcada em humidade. Vou beber do tintol. Queres?

E – Nunca bebo em serviço. Prejudica-me o equilíbrio.

V – Já viajei num barco em que as pessoas cambaleavam todas. Até as mais sérias. De um lado para o outro. Do outro para o lado. Só o capitão estava quieto. Como uma estátua. - *(olha para o outro mais atentamente)* - Tu nunca foste capitão de um barco?

E – Fiz a tropa nos pára-quedistas.

V – Saltavas?

E – A minha função era mais na mecânica. Roldanas. Motores. Cheguei a desmontar um motor.

V – E montaste-o depois?

bibRIA

E – Sei lá... não me lembro... Tu, se calhar, nem foste à tropa.

V – Seis anos. Seis anos na guerra. A matar turras... Guiné... Bijagós... Bruxarias... mau olhado... E o medo à noite... sobretudo à noite... Batuques... toda a noite... - *(som de batuques).*

E – E mataste? Chegaste a matar?

V – Não me lembro. Devo ter matado. Todos nós tinhamos que matar. Os batuques eram infernais. Todas as noites.

E – Gostava de ir a África. Não conheço. É bonita?

V – Foi a primeira vez que estive com mulheres. Bissau... E logo duas de uma vez.

E – A minha mulher faz anos amanhã. Tenho que lhe comprar uma pulseira.

V – Ouro... tem de ser em ouro... O amor vale ouro.

E – Talvez lhe ofereça outra coisa. Mais bonita e mais barata. Vistosa.

V – Ouro... tem de ser em ouro... O amor vale o seu peso em ouro.

E – Em Lisboa os homens usam dentes de ouro.

V – Já vi. Já vi rir em ouro.

E – De noite brilha tudo. Mas não é bonito.

V – Não brilha nada. Mas é bonito.

E – Os teus pés cheiram mal...

V – É o chulé. Ataca sempre ao anoitecer...

(Descalça-se e esfrega os dedos dos pés com vinho).

E – Devias prevenir-te contra isso.

V – *(Puxando um ser imaginário com corrente e coleira como se fosse um cão em cio)* - Pavlov entusiasmava-se tanto com as suas experiências de laboratório que mal via um cão na rua, punha-se a salivar abundantemente. Era sábio e não se conseguia prevenir.

E – O teu problema é saberes de mais para aquilo que devias saber.

V – Ah...

E – O teu verdadeiro problema é que aquilo que julgas saber, aprendeste-o ao contrário, erradamente...

V – Ah...

(O vagabundo aproxima-se da estátua como se o cão imaginário estivesse a urinar.)

bibRIA

E – *(Afastando-o com o pé)* - Sape gato... Xô... Vai mijar o teu pai...

V – Eu não tive pai... Nem sei qual é o formato dos pais.
No masculino, claro. Porque mãe no feminino, identifico perfeitamente.
São redondas e quentes.

E – Achas que essa conversa vem a propósito de quê?

V – Sei lá... De que falávamos?

E – De pulseiras, de mulheres, de coisas boas...

V – De coisas boas...

E – Ontem vi um disco voador. Parecia uma pulseira em ouro.
Passou a roçar os telhados, muito devagarinho...

V – Eu também o vi. Mas pairava no ar, quieto. Esteve lá toda a noite.
De manhã, tinha-se transformado num depósito de água, daqueles muito altos com quatro pernas esguias.

E – Se era o mesmo não sei. Eu vou-me embora.

V – Vais-te? E não fica ninguém a substituir-te?

E – Não. De noite não há necessidade de estátuas. Apagam-se as luzes e pronto.

V – De noite só há poetas. E assassinos. Não há vagabundos porque de noite todos são vagabundos.

E – Tal qual como na guerra. Não há assassinos porque todos matam.

V – Mas os poetas não são assassinos. Os poetas pintam e decoram a pele das mulheres antes de as desejarem.

E – Eu já li poemas assim. Poemas cheios de desejo por mulheres de todos os géneros.

V – Os nossos poetas têm todos tristes fins.

E – E os contemporâneos dos poetas também.
Fernando Pessoa então...

V – Já ouvi falar dessa pessoa, Fernando, o da ínclita geração, alcunhado o Infante Santo, coitado, ficou preso em Fez por tráfico de haxixe. Dizem que foi denúncia, logo em Ceuta...

E – Vou comprar a pulseira em ouro como um disco voador e não penso mais nisso. Uma bela pulseira para Teresa.

bibRIA

V – A minha mãe chamava-se Teresa. Maria Teresa. Nunca mais comi leite-creme como o da minha mãe. Fazia sempre aos domingos.
Quando me tiraram as amígdalas, ela fez também.

E – Eu andei no Seminário. Tive pouco tempo de mãe. Só nas férias grandes. Cada ano que passava a mãe estava mais gorda.

V – Gosto de mulheres gordas. Grandes mamas. O cu cheio e redondo sobre o largo das ancas.

E – Amanhã não venho. Vou comprar a pulseira e depois vou ao cinema com a Teresa.

V – A minha mãe chamava-se Teresa. Maria Teresa. Nunca mais comi leite-creme como o da minha mãe. Fazia sempre aos domingos. Quando me tiraram as amígdalas, ela fez também.

E – Eu andei no Seminário. Tive pouco tempo de mãe. Merda, eu já disse isto.

V – Se não acabas a deixa, não posso dizer que gosto de mulheres gordas. Grandes mamas. O cu cheio e redondo sobre o largo das ancas.

E – Amanhã não venho. Vou comprar a pulseira e depois vou ao cinema com a Teresa.

V – A minha mãe chamava-se Teresa. Maria Teresa. Nunca mais comi leite-creme como o da minha mãe. Fazia sempre aos domingos.

(O vagabundo continua a falar. As luzes apagam-se lentamente. Quando volta a luz geral, vê-se o vagabundo a afastar-se pela esquerda alta, levando a estátua às costas como se fosse uma tábua, enquanto continuam a dizer as últimas réplicas do diálogo).

Aveiro, 19 a 23 de Julho de 1993

bibRIA

bibRIA

"Aos homens nada escapa, a não ser o vinho que elas bebem"

Palco nu. Luz geral.
Ouve-se tocar gaita de foles.
Black out.
Luz geral. Os actores estão empilhados na horizontal, ao centro do palco. Vinda da esquerda alta, a gaita de foles entra, acompanhada dos tambores. Os actores descem de gatas e espalham-se pela plateia. Conversam com as pessoas. Explicam:

– Olá... não me conhece? Eu pertenço à geração rasca...

Sempre de gatas, os actores continuam a dispersar-se por entre o público, exibindo-se e rebolando-se de costas no chão. Pouco a pouco, regressam ao palco, continuando a dirigir-se ao público, com expressões corporais típicas de animais mimados. Agrupam-se em círculo e, levantando-se, bruscamente, com os acordes mais fortes da música, fazem vénias de índole medieval, uns aos outros, dispondo-se a dançar em roda segundo uma possível coreografia das Cantigas de Amigo. Enquanto dançam, à medida que passam ao centro da boca de cena, falam para o público. O tom, de maneira geral, será irónico.

1 – Geração rasca, sim senhor.

2 – Louvado seja o Senhor.

3 – Cá se fazem e cá se pagam.

4 – Ora assim até dá gosto vê-los crescer.

5 – Alguém teria que nos parir assim...

6 – A Pátria estava mesmo à nossa espera.

7 – Já cá tardávamos.

8 – Somos o resultado de quase 9 séculos de experiências.

9 – Haverá vida depois do nascimento?

10 – Ora benza-o Deus que é tão prendado.

11 – Depois de nós, só o Dilúvio.

12 – Aliás, depois de nós ter-se-ão acabado os adultos.

bibRIA

Os actores param, mantendo-se em círculo. Batem palmas, ritmicamente.

1 – Mesmo assim, não desligue.

2 – Fique ao nosso lado.

3 – Com o nosso lado.

4 – Pró nosso lado.

5 – Somos uma geração jovem.

6 – Com raízes profundas nas mais inovadoras técnicas de marketing.

7 – Imenso software.

8 – Dinamismo galopante.

9 – E um sofisticado conhecimento das mais modernas línguas europeias.

10 – E quanto a desporto radical?

11 – Todos os mega-desportos mega-radicais são uma mega-desbunda.

12 – Podes crêr, meu!

Todos – Nós somos aqueles contra quem os nossos pais nos haviam prevenido. - - *(repetem)*

1 – E estamos a crescer...

2 – A expandir-nos...

3 – Em rápido desenvolvimento...

4 – Numa vertiginosa aceleração ...

Abrem os braços e evoluem em fila pelo palco, descendo para a plateia como se pilotassem avionetas:

VRRRRRRRRUUUUUUUMMMMMM...

5 – Olha o meu pai lá em baixo.

6 – Tanta gente...

7 – Parecem formigas...

8 – Tão pequeninos...

9 – Vou caçar uma pomba...

10 – E eu vou aterrar naquele telhado.

11 – Estou a atravessar uma nuvem...

bibRIA

12 – Bivalve 14 pede autorização para se espatifar...

1 – Autorização concedida.

2 – Pode esborrachar-se à vontade.

3 – No final, limpe a pista...

4 – Não seja porcalhão...

5 – Já basta ser da geração rasca.

Os actores regressaram, entretanto, ao palco.

6 – A geração que mostra o rabo...

7 – A geração que mostra as partes púbicas.

8 – Sacanas, reles, rascas...

9 – Não nos parissem...

10 – Não nos destruissem o futuro.

11 – Não nos destruissem o passado.

12 – E não nos destruissem o presente? Cambada de meninos bem, benetton, betinhos, bardamwerdas. Recusam milénios de evolução?

1 – Desemprego...

2 – Saídas profissionais?

3 – Educação para todos?

4 – Eu cá por mim, sinto que sou normal. Normal mesmo. Normalzinho.

5 – Bem, eu tenho um quisto atrás da orelha mas vou tirá-lo na quinta-feira.

6 – Já a minha mãe dizia: o que não mata, engorda.

7 – Podem atirar pedras à vontade... A caravana ainda não passou...

8 – Mas continuam a duvidar de nós?

9 – Ainda acreditam em bruxas?

10 – Yo no creo, pero que las ay, ay...

11 – Então venham ver com os vossos olhos.

12 – Venham connosco ao mundo da fantasia.

1 – Venham ao país real.

bibRIA

2 – Onde, uma vez cruzada a fronteira do sonho, vivem uns bons dez milhões de portugueses.

3 – Anónimos.

4 – Discretos.

5 – Sossegados.

6 – Por artes mágicas, claro.

7 – A nossa herança.

8 – Foi o que nos deixaram.

9 – Os outros.

10 – Vocês?

11 – Outros, talvez.

12 – Vocês não têm cara disso.

Os actores desceram à plateia e, enquanto distribuem panfletos a convidar para a peça "Aos homens nada escapa...", vão explicando às pessoas os seus desejos profissionais para quando crescerem.

biblRIA

1 – Chamo-me... e gostava de ser engenheiro químico... Acha que tenho algum futuro?

Os restantes actores utilizam falas semelhantes, personalizando o seu contacto com a plateia.

12 – Maestro! Venha mais música.

Gaita de foles. Os actores saiem, marchando em fila indiana.

1 – Vamos trabalhar, malandros...

2 – No trabalho está a virtude...

3 – Eu vou, eu vou, para o trabalho eu vou...

Cantam todos. Surge uma apresentadora.

A – Depois de imensas respostas ao nosso apelo-video, seleccionámos aquelas que reuniam maiores potencialidades para o namoro em vista.
Aqui temos a nossa espantosa concorrente. Palmas para a corajosa beldade.

A concorrente aproxima-se da boca de cena. Está vestida de Branca de Neve. Faz vénias e sorri, envergonhada.

A – Nervosa?

B – Um bocadinho. Mas à bocado estava mais, antes de vocês me darem aquela aguardente velha.

A – Que razões a impulsionaram a vir aqui?

B – Só mandei a cassete video porque estava farta de estar sozinha. Lá em casa somos muitas irmãs. Todas sozinhas.

A – Pois uma coisa lhe garanto: Daqui não vai você sair sozinha. Eis os formidáveis candidatos a namorar consigo.

Surge a fila indiana de actores. A apresentadora vai dizendo os nomes.

A – O João, do Funchal. - *(a concorrente vai beijando os actores à medida que estes são apresentados)* - O Pedro, da Carrapalhosa. O Tiago, da tropa voluntária. O Gabriel, emigrante na Venezuela... etc... etc... etc...

Os actores ao serem apresentados, saiem do início da fila e voltam a incorporá-la na cauda. A cena repete-se com outros nomes.
A apresentadora começa a dar sinais de cansaço.

A – Talvez já cheguem. O que é que acha? Mando os outros embora?

C – Sim, porque não? - *(está deliciada com os pretendentes)* Mas deixe entrar mais um pouco... Só mais uns minutinhos. Eles são tão amorosos...

A – Mas é que temos o tempo contado. Isto tem de parar nalgum lado. - *(os actores continuam a circular mesmo sem serem apresentados)* - Pronto... creio que já chega. Estão ali a fazer- me sinal para terminar com isto...

C – Hum... pronto... está bem... só mais um, então...

Os actores formam um círculo à volta da concorrente. Ela fecha os olhos e rodopiando vai tacteando os actores até exclamar:

C – Posso... posso ficar com todos?

A – Não. Claro que não. Só pode escolher um e nada mais do que um.

C – Este... então é este que eu quero...

O círculo abre-se em V e o feliz candidato sai de mão dada com a concorrente.

A – Tudo o que você precisa é de amor...

Todos – Tudo o que você precisa é de amor.

bibRIA

A – *(Dirigindo-se à concorrente)* - Então, como foi que decidiu optar entre tantos pretendentes?

C – Tinhamos os mesmos gostos... lemos os mesmos livros... andámos na mesma escola até ao nono... ele gosta de comer, eu gosto de cozinhar... gostamos do mesmo clube, ele em Futebol e eu em Basquetebol... Os nossos signos estão em harmonia astral... enfim...

A – Por acaso, é meu filho. E ainda não foi à tropa. Mas já tem o dente do siso... E há-de ser careca como o avô...

C – Querida sogra... serve perfeitamente...

A – Veja lá.... Ainda está a tempo de trocar... nós queremos o melhor para os nossos clientes...

A concorrente olha comparativamente para os outros.

C – Estou satisfeita com a escolha. Podemos seguir em frente.

A – Celebre-se então o casamento.

Os actores, assobiando a Marcha Nupcial, preparam o noivo e encaminham-no para o centro do palco. A apresentadora dá um grito.
Os actores ficam imóveis.

A – *(Abrindo um pequeno espelho de bolso)* - Espelho, espelho meu, haverá alguém mais fascinante do que eu? Como? - *(torce e retorce o espelho)* - Bardamerda de espelho... Veneno? Onde está o veneno? *(Agarra numa garrafa pequena de sumo de maçã)* - Vou tratar de uns assuntos e venho já. - *(sai pela esquerda alta. Ouve-se um grito e o som de um corpo a cair no chão. Regressa.)* - Vamos lá ver se o espelho agora atina de vez...

A cena repete-se, na íntegra. A apresentadora volta a sair, ouve-se de novo o grito e a queda.

A – *(Olhando melhor para a concorrente)* - Por via das dúvidas, trata-se já de tudo. Se tiver sede, menina, pode beber este sumo de maçã. Todo para si. E se quizer também posso ir buscar para os anõezinhos.

C – Dá cá isso bruxa, que eu bebo já e caio aqui redonda no chão...

A – Não seja assim que ainda se magoa... caia devagarinho... com jeitinho.

A concorrente bebe e cai esparramada sobre uma cadeira. A apresentadora retira-se, rindo e esfregando as mãos. Os actores precipitam-se para a concorrente, com excepção do actor escolhido (B), o qual se mantêm imóvel.

1 – Desgraçada da nossa criada que está estendida no chão frio...

2 – E nem deve ter feito o jantar...

bibRIA

3 – Uma preguiçosa é o que ela é.

4 – Deitada e de pernas abertas... é hoje. - *(esfrega as mãos e tenta atirar-se para cima da concorrente. Os outros seguram-no e puxam-no para trás, ficando a espernear)* - Deixem-me... é só hoje...

5 – Vamos, acorda...

6 – Acorda, sua lambisgóia...

7 – A gaja está ferrada no sono...

8 – Chamem o noivo...

9 – Sempre é o noivo...

10 – Pois...

Trazem o pretendente escolhido, erguendo-o no ar e pousando-o junto à concorrente.

B – E o que é que eu posso fazer?

Todos – Beija... beija... beija...

B – Nesse caso, se é para o bem dela... - *(inclina-se e beija a vítima)* - Não aconteceu nada...

Todos – Despe... despe... despe

B – Nesse caso... quem sou eu para dizer que não? - *(languidamente, começa a despir-se, peça a peça)*

Todos – Olha a tua mãe...

A apresentadora aproxima-se. As pernas de B tremem.

A – O teu pai nunca faria uma coisa destas...

B – Eles é que me obrigaram, mãezinha...

A – Veste as calças e aperta a braguilha.

C – *(Erguendo-se)* - Desculpem, mas está-me a passar a anestesia. Já é a minha vez?

B – Ainda não era... mas já que estás aí, continuemos...

C espreguiça-se voluptuosamente.

1 – Olha, está a acordar...

2 – Tadinha... Deve ter sofrido tanto...

3 – Tenho tanta pena dela...

LibRIA

4 – Qual é a sensação?

5 – Quer dar-nos o exclusivo?

6 – Gostaria de entrar num filme?

7 – Reparou que ressonava enquanto dormia?

8 – Pague duas e leve uma para casa.

9 – Almofadas para deixar de ressonar...

10 – Aplicam-se nos ouvidos e pronto...

Enquanto falam os actores dirigem-se às posições iniciais do casamento. A apresentadora celebra os rituais matrimoniais.

A – Ora pro nobis... in nomine pater ed figlio ed espiritu sanctum...

Todos – Amen...

A – *(Dirigindo-se ao noivo)* - É de sua livre e espontânea vontade?

B – Evidentemente...

A – A noiva Glória dos Prazeres aceita o noivo... Qual é mesmo o seu nome?

B – Pepe rápido...

A – Pepe quê?

A – Pepe rápido... - *(virando-se para a noiva)* - Vai ser tão bom não foi, querida?

Os actores entram por baixo do manto da noiva e surgem um a um por entre as suas pernas, dizendo:

... mamã... papá... vovó...

Descem para a plateia, cantando:

Eu vou, eu vou, estudar para crescer e trabalhar...

A concorrente estira-se na cadeira. O noivo caminha como quem vem do trabalho.

B – Olá querida... estás a ver a novela?
Fizeste o jantarinho ao teu maridinho?

C – *(Abrindo o corpete e mostrando o soutien)* - Não tive tempo, querido... mas podes ir comendo a sobremesa... - *(continua de olhos fixos numa televisão invisível)*

O noivo tira os talheres do bolso e de guardanapo ao pescoço dispõe-se a comer de faca e garfo, o peito da noiva.

bibRIA

C – Não deites migalhas para o chão... sabes que detesto... Ohhhhhh... está-se a acabar a telenovela... o que vale é que já a seguir temos aquele programa brasileiro sobre Deus... Parece novela...

Dois dos actores regressam, cada um deles trazendo um pequeno "écran" à frente da cara.

D – (*Com sotaque brasileiro*) – Boas tardes, irmãs e irmãos. Esta é a Igreja da Galáxia de Deus. Neste programa temos connosco o bispo Gabriel que sou eu mesmo. - (*Puxa de uma tira de cartolina onde está escrito o seu nome e coloca-a por baixo do queixo, em geito de legenda*) - Já leram? Então, eu continuo... - (*guarda a tira de cartolina*).
Como já estão habituados a ver nos nossos programas, milhares de tele-espectadores nos têm escrito a contar-nos o seu sofrimento antes de encontrarem a Deus nos nossos cinemas. Hoje temos aqui connosco uma irmã que veio até nós carregada de sofrimento e agora está feliz no meio de nós. Como sabem, os nossos serviços religiosos são às quintas-feiras em qualquer bairro. Assim, você que nos está ouvindo, pode sair de casa ou do emprego por volta das seis horas da tarde e pegar o cineminha mais próximo que nós estaremos lá para o receber.
Casos simples de menos importância nós fazemos de graça mesmo.
Casos mais graves, traga uma nota de cinco mil fechada num envelope com a sua fotografia mais recente no lugar do selo... Casos mais graves ainda pode ir pondo dez ou quinze mil que nós o ajudaremos na mesma. Se quizer enviar vale de correio ou desconto de cheque bancário pode ir ligando para estes números que vão passar aqui por baixo do meu queixo. - (*volta a tirar uma tira de cartolina, passando-a por baixo do queixo*) - Bom mesmo é você vir dar uma espreitada e assistir aos nossos milagres todos os dias. Ao domingo é sessão especial e tem o dobro dos milagres. Tudo na maior autenticidade. Venha para crer. Nós somos o seu passaporte para o céu... E como esta irmã vos poderá dizer, pois que sofreu muito antes de nos encontrar, em nós você encontrará a paz e o amor de que tanto está carenciado. Irmã, como foi que sofreu tanto?

E – Foram uns anos muito ruins, pastor... Eu já não sabia porque é que ainda estava viva... O meu filho mais velho fugiu com uma rapariga sem moral... o meu marido, com o desgosto, deu em beber...
o meu filho mais novo meteu-se na droga... e eu, coitadinha de mim, deixei-me seduzir por um homem que só queria a minha desgraça...
Foram uns tempos em que não havia paz lá em casa... Só me apetecia morrer... Até que fui ao cinema...

D – Vejam vocês como sofria esta pobre alma desamparada... Irmã, como foi que sofreu tanto?

E – Até que fui ao cinema e ...

BIBRIA

D – Mas conte antes, irmã, conte como era antes quando o seu marido bebia...

E – O meu marido, com o desgosto, deu em beber... o meu filho mais novo meteu-se na droga... e eu, coitadinha de mim, deixei-me seduzir...

D – Sim, sim, irmãzinha, pois sim, mas como foi para você viver com o seu marido enquanto ele bebia?

E – O meu marido, com o desgosto, deu em beber... Chegava a casa, jantava de maus modos e saía logo para o café ...

D – E no café, ficava bebendo até se embriagar, não era assim, irmã?

E – Era assim mesmo - *(lacrimeja)* -. E o meu filho mais novo meteu-se na droga... e eu, coitadinha de mim, deixei-me seduzir...

D – Mais devagar irmã, conte mais devagar para os nossos tele-espectadores perceberem bem o seu sofrimento... Então o seu marido se embriagava no café e quando estava de porre ia então para casa...

E – Ia para casa atormentar-me... E o meu filho mais novo meteu-se na droga... e eu, coitadinha de mim, deixei-me seduzir...

D – Calma, mais devagar... vamos mais devagar, irmã... Então o seu marido a atormentava e tratava mal...

E – Sim, ele chegou uma vez a puxar duma navalha para mim... E o meu filho...

D – Então seu marido a tratava mal e puxou mesmo duma navalha com ciúmes...

E – Ele tinha ciúmes do Alfredo, o vizinho da frente... mas não foi esse que me seduziu...

D – Seu marido a tratava mal, muito mal... Conte agora aquele troço de você ter sido fechada no armário da cozinha durante dois dias...

E – Foi o meu marido que perdeu a chave e não queria estragar a porta do armário que era em teca da Índia... Foi o Lucas que era serralheiro que conseguiu abrir com uma gazua... Mas também não foi esse que me seduziu...

D – Então o seu marido se embriagava e perdia as chaves de casa e você não podia sair do armário... Isso é que foi sofrimento a valer...

E – E depois o meu filho mais velho não vinha mais a casa... A outra não deixava e obrigava-o a lavar a loiça e coisas piores...

D – Seu filho querido não mais lhe ligava e você sofria com saudades... Conte... Conte... E que mais?

E – E o meu filho mais novo meteu-se na droga.... e eu...

bibRIA

D – Calma... seu filho que você tinha criado ao peito, metido na droga, nas más companhias... e você sem lhe poder valer...

E – E eu, coitadinha de mim, deixei-me seduzir por um homem que só queria a minha desgraça...

D – Mas dizia você que seu filho se drogava e andava metido em más companhias... conte agora, irmã, aquele troço que você descobriu no quarto do seu filho, por baixo da cama que você, com amor de mãe, fazia todos os dias...

E – Eu tinha ido fazer-lhe a cama, como era hábito, quando ao revistar-lhe um saco debaixo da cama encontrei...

D – Pode contar essa também, mas não foi essa que lhe pedi para contar... Eu pedi foi aquela do troço que encontrou mesmo fora do saco debaixo da cama...

E – O que encontrei foi sangue, gotas de sangue e fiquei aflita pois de mim não era que se me tinha acabado o período há dois dias...

D – Vejam esta pobrezinha que sofreu tanto... seu marido a seduzia... o filhinho mais velho a embriagava... seu filhinho mais novo tinha manchas de sangue debaixo da cama... e ela estava dorida com tanto sofrimento e dor...

E – E eu, coitadinha, deixei-me seduzir por um homem que só queria a minha desgraça...

D – Se aproveitou de você e abusou da sua fraqueza...

E – E foi logo dar com a boca no trombone... O meu marido quando chegou a casa já sabia de tudo...

D – Calma, irmã, então o violador depois de lhe fazer todo o tipo de ruindade ainda teve coragem para difamar você...

E – Foram uns tempos em que não havia paz lá em casa... Só me apetecia morrer...

D – Era uma casa sem Deus... ainda não tinham conhecido a IGREJA DA GALÁXIA DE DEUS... O sofrimento naquela casa era enorme... O marido se drogava... o filhinho batia na mulher... o Alfredo tinha ciúmes do Lucas que com o desgosto deu em se embriagar... e o outro filhinho tinha sangue... Vejam só o sofrimento desta mulher... Até que encontrou a nós... E se deu o milagre... Como foi, irmã, que se deu o milagre?

DIBRIA

E – Eu vinha do cabeleireiro onde tinha ido para me distrair um bocadinho... Estava com um aspecto horrível... pálida... com olheiras... as unhas por arranjar... E foi então que vi o cinema iluminado como que a chamar-me... Ainda pensei em ir ver um filme para me distrair...
(Sorri) - Mas não havia filme nenhum... Ali era tudo bem real... Deus recebeu-me e eu fui baptizada de novo... uma nova esperança nasceu em mim...

D – E passou a ser uma de nossas irmãs... Bem haja pelo maravilhoso testemunho de fé que você nos deu... E assim foi mais um programa de amor e amizade... Se quizer comprar cassetes video ou audio deste programa basta ligar para o telefone que vai passar aqui por baixo...
(tira outra tira de cartolina) -, dizer à nossa telefonista o número do programinha que você quer comprar e ainda receberá uma T'shirt com Deus estampado na frente.

Vindos da plateia, surgem vários actores. Três deles, estão de gatas com coleiras e correntes. Um bispo segura na extremidade das correntes. Os três actores ladram. Um séquito de religiosos segue o bispo.

Bispo – Arrenego de ti, herege e arrenego de todas as seitas satânicas. Fora com as heresias! A Igreja é só uma. Una e indivisível. Vade Retro...

O bispo atiça os cães contra os actores D e E, os quais fogem, refilando. Os outros actores espalham-se pelo palco. Uma beata circula de joelhos pelo perímetro do palco, benzendo-se com regularidade e rezando nos intervalos. Dois actores transportam um estrado com velas acesas, colocando-o ao centro do palco. Uma freira prostra-se à boca de cena. Os cães lambem um mártir desnudo. Penumbra.

Freira – Ó meu Deus! Já não aguento mais esta clausura... Bem sei que jurei castidade, mas já não aguento mais. A minha carne quer alimento. Socorro... Messias... Messias...

Um anjo surge por detrás da freira.

Anjo – Que me queres?

Frei – Não aguento mais. A minha carne é fraca...

Anj – Que me queres?

Frei – Quero-te a ti, já!

Anj – Aqui me tens...

Frei – *(Enrodilhando-se no anjo e rebolando os dois no chão)* - Mexias... ó mexias comigo...

Bis – Blasfémia! Satânica blasfémia...

DIDRIA

Beata – Salvem a castidade...

1º cão – Aborto não!

2º cão – Pílula não!

3º cão – Preservativo não!

Bis – *(com voz afectada)* - As relações sexuais têm como exclusiva função reproduzir o rebanho do Senhor...

1º cão – Sem coito interrompido...

2º cão – Sem coito anal...

3º cão – E sem sexo oral...

Anj – *(Levantando-se e lendo a Bíblia)* - E Deus disse: Crescei e multiplicai-vos...

Bis – Dentro do casamento... sempre dentro do casamento e com muita moderação...

Bea – A Sida é castigo de Deus!

Anj – Deus é perdão e Amor!

Bea – Deus castiga os drogados e os paneleiros e os adúlteros.

Anj – E os outros, aqueles que se portam bem e também apanham Sida? A esses quem é que os castiga? Será o Diabo?

Bis – Deus não quer porcarias...

1º cão – Aleluia!

2º cão – Aleluia !

3º cão – Aleluiiiiaaaaaa!

Vindo da plateia, surge o Pai Natal. Caminha e vai dizendo às pessoas:

Olá! Estou de vermelho mas não sou comunista. Nem sequer sou do Benfica. Fui pintado pela Coca-Cola em 1932, numa das mais memoráveis operações de Marketing publicitário a nível mundial.

Enquanto cumprimenta os espectadores, os actores (cães) libertam-se das correntes. Sobe ao palco e distribui presentes. Os actores desembrulham as prendas e brincam com as pistolas e metralhadoras.

1 – Pum... pum... matei-te...

2 – Não... eu atingi-te primeiro... Tu é que morres...

Pai Natal – A culpa é da televisão que está cheia de violência...

bibRIA

Os actores viram-se para o público e disparam as armas.

1 – Não morrem...

2 – Assim não tem graça...

3 – Mas na guerra é a sério...

4 – A gente dispara e pimba...

5 – Caiem mortos de verdade...

6 – Lá é que é bom...

7 – Pum.... um bósnio... agora um tchetchénio...

8 – Quando for grande... taratatatatatatatatata....

9 – Vou-me embora... assim não tem piada...

10 – Pai Natal... ó Pai Natal... Pão trouxeste mísseis?

11 – E bombas nucleares?

12 – E bombas de mau cheiro?

P.N. – Venham... Vou dar uma granada de mão a cada um...

Saiem todos atrás do Pai Natal. Entra o anjo, gritando:

E o Amor? E a Solidariedade?

A beata que se manteve sempre de joelhos, rezando e dandos voltas ao palco, aproxima-se do anjo, em bicos de pés.

Bea – Anjo... Anjinho! Eu fiz tudo direitinho... Achas que já estou garantida?

Anj – *(Distraído)* - Garantida de quê?

Bea – De um lugar no céu...

Anj – E o que é que fizeste?

Bea – Vou à missa todos os domingos... comungo dia sim dia não.
Todas as segundas-feiras dou esmola ao ceguinho... às terças, dou esmola aos ciganos pobrezinhos... às quartas, visito os velhinhos do asilo... às quintas dou esmola ao perneta da concertina... às sextas, levo flores ao cemitério... aos sábados, acendo velas à Nossa Senhora dos consolados... e sempre que tenho um tempinho vou a pé a Fátima...

Anj – Muito bem... Não precisamos de ti para nada...

Bea – Mas eu mereço o céu...

bibRIA

Anj – Só se for o céu da má língua... sua invejosa, caluniosa, preguiçosa, mal-dizente, boateira, linguaruda, oportunista e outras coisas que tu és e agora não me lembro nem tenho pachorra para lembrar. - *(sai)*

Bea – Já vi que não prestas. Irritas-te. Não és manso... Vou pedir aos Santos por ti, também, que andas precisado e meter um pedido para mim à Virgem Nossa Senhora. - *(vira-se para o público).*
Sou uma católica exemplar... Faço tudo o que tem de ser feito.
E Deus bem sabe o quanto me custa, às vezes, fazer tanto sacrifício.
Para ir a pé a Fátima, abalo de manhã cedo e caminho até às cinco e meia da tarde. O meu marido vai buscar-me quando sai do trabalho.
Venho para casa, faço o jantar, lavo a loiça e deito-me cheia de dores nos pés.
Ao outro dia de manhã, o meu marido leva-me com o carro até ao sítio onde me encontrou. E eu lá vou, coitadinha, sempre a pé.
Por volta das cinco e meia, seis, o meu marido vem buscar-me para eu ir fazer o jantar. E no dia seguinte lá estou eu outra vez, a pé, até chegar a Fátima.
(os outros actores ao fundo do palco cantam "a 13 de Maio" em ritmo rap) -
- Bom... Mais uma voltinha, que se faz tarde...
(ajoelha-se e recomeça as rezas).

Entra Jesus Cristo, arrastando uma cruz, seguido por um grupo de burgueses. Outra hipótese: os actores caracterizam-se no palco, socorrendo-se de almofadas, por exemplo.

1º burguês – Vai trabalhar, malandro...

2 º burguês – Vai cortar o cabelo, seu guedelhudo...

3º burguês – Se calhar, até recebe do fundo de desemprego...

4 º burguês – Marginais! Não fazem nenhum...

5 º burguês – A escória da sociedade...

Jesus Cristo levanta a cruz, a custo e apruma-se nela. Os burgueses descem para a plateia.

1º burguês – Vou-me embora. Já vi este filme,..

2º burguês – Que falta de imaginação...

3º burguês – Um desperdício de talento...

4º burguês – Se calhar não quer é pagar as propinas...

5º burguês -– Isto está a precisar é de cacete...

Entram três polícias de viseira, escudo e bastão.

JC – Senhores polícias, venham cá...

Todos – AAAAAAA

biblRIA

JC – Venham ver o que isto é...

Todos – EEEEEEE

Polícias – *(Batendo em JC)* - O que é que se passa aqui?

Todos – IIIIIII

JC – Estão-me a bater sem dó...

Todos – OOOOOOO

JC – Só porque alguém mostrou o cu...

Todos – UUUUUUU

Polícias – *(Batendo)* - A... E... I... O... U... Fra... Fre... Fri... Fro... Fru... Arriquá... Arriquá... Chiribita tátátá... Chiribita tátátá... Urra... Urra... Urra...

Todos – Temos vergonha da polícia que temos...

Os polícias usam cacetes de pão. Batem em JC e dizem:

Polícias – Corpo de Cristo... Amén...

No sangue simulado de JC, bebem com palhinhas dizendo:

Polícias – Sangue de Cristo... Amén...

JC – Batem leve, levemente, ai! Ai!
Como quem chama por mim, ui!
Será chuva? Será gente?
Aiii

Os burgueses sobem ao palco e, ladeados pelos polícias, desfazem a cruz, arrastando JC para fora do palco. Cantam:

Estes são os filhos da nação / (...)ansiosos por saber / se a cruz é salvação...

Ficam dois actores à boca de cena.

J1 – Olá João...

J2 – Olá Joana...

J1 – Que ricas pernas...

J2 – Lá isso são...

J1 – Estás sózinha?

J2 – Lá isso estou...

J1 – Dás-me um beijinho?

J2 – Ai isso não...

J1 – Então porquê?

J2 – Mamã não está... papá não vê...

J1 – Mamã não vê... papá não está...

J1 e J2 – Chuá...chuá... *(enlaçam-se)*

Bea – *(Interrompendo o terço)* - Credo! - *(benze-se)* - Mais ordinarices... O mundo está perdido... Livrai-nos dos nossos pecados... Agora e na hora da nossa morte... Paz na Terra aos homens de boa vontade.

Os actores regressam.

1 – Aos homens nada escapa a não ser o vinho que ela bebe...

2 – E quem é ela?

3 – Ela é a juventude deste país...

4 – Bebe outros vinhos...

5 – Bebe noutras fontes...

6 – Procura outras informações...

7 – Tem outros interesses...

8 – Sabe coisas diferentes...

9 – Daquelas que a escola dá...

bibRIA

10 – E em que vocês já não acreditam...

11 – Mas não têm alternativa...

12 – Porque não conseguem inventar melhor...

Bea – Melhor que isto? Adoro cultura de massas...
(Abre um saco de pano e de um pequeno tacho, come esparguete cozido, avidamente, às mãos cheias)
Massificação... nham... nham... nham... massificação... hum...

Os outros actores pegam em fios de esparguete, comendo-os.

1 – Nós somos o produto desta cultura de massas...

2 – O coeficiente de inteligência vezes o produto interno bruto...

3 – A magnífica aldeia universal...

4 – Produtos normalizados e carimbados com todas as garantias...

5 – Afinal, somos a geração que volta a ter esperança...

6 – Esperança na Humanidade...

7 – Na paz...

8 – E no amor...

9 – Por isso, desculpem-nos qualquer coisinha...

10 – Se é que vale a pena desculpar...

11 – É que nós não achamos grande piada à vossa maneira de viver...

12 – Salvo honrosas e louváveis excepções, é claro...

Bea – Para confirmar a regra? Falam de mim, não é? Estamos a criar um fundo económico de sobrevivência para o próximo milénio... Já falta tão pouco! E todos juntos podemos salvar milhões... Aceitam-se donativos. Sejam generosos.

A beata desce à plateia recolhendo donativos com o tacho.

1 – O grande problema das vossas vidas é a falta de gosto em viver...

2 – O...

3 – Grande...

4 – Problema...

5 – Das...

bibRIA

6 – Vossas...

7 – Vidas...

8 – É...

9 – A...

10 – Falta...

11 – De...

12 – Gosto...

Sentam-se à boca de cena.

1 – Quanto a nós...

2 – Já sabem...

3 – Somos a geração do futuro...

4 – Sentamo-nos...

5 – À espera de crescer...

6 – Se calhar, somos um bocado...

7 – Incultos...

8 – Analfabetos...

9 – Desligados...

10 – Ordinários...

11 – É a nossa maneira...

12 – De estarmos vivos...

Permanecem em silêncio durante alguns segundos.

Todos – Quando formos grandes pensaremos também de maneira diferente de vocês. - *(pausa)* - Quando formos grandes teremos que viver com os estragos feitos antes de nós. - *(pausa)* - Felicidades para todos. - *(pausa).*

Fim.

Iniciado em O.do Bairro (Dez. 94)
e concluido em Grândola (Jan.95)

bibRIA

bibRIA

Adaptação livre do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente

Palco nu. Música alegre. Os actores entram cabriolando e trazem com eles todo o género de objectos, com os quais montam o cenário.

1 – Ora muito boa tarde, senhores e senhoras.

2 – Vamos apresentar o grandioso, o celebérrimo Auto da Barca do Inferno. - *(vira-se para os outros)* - Tragam a barca.

Os actores formam em barco e remam.

3 – Lá vem a Nau Catrineta que tem muito que contar...

4 – Passava de ano e dia que iam na volta do mar...

5 – Com a barriga tão vazia...

6 – Há tantos dias sem cagar...

2 – Não é nada disso... O auto da Barca do Inferno...

1 – Vocês são mesmo ordinários... Sentido!

Os outros formam, atropelando-se uns aos outros.

1 – Apresentar o Auto da Barca...

Todos – Yes, sir.

2 – Tragam o diabo.

Os actores correm, vão a uma arca e tiram o diabo.

3 – Está aqui o diabo.

2 – Tragam o anjo.

Os actores voltam à arca e trazem o anjo, que é exactamente igual ao diabo.

3 – Está aqui o anjo.

2 – *(Olhando atentamente para os dois)* - E não há melhor que isto?

1 – Ao menos que sejam um pouco diferentes.

bibRIA

Os actores correm à arca, procuram e não encontram nada.

4 – Não há mais em stock. Eram os últimos.

2 – Bom, vai ter de ser assim. Seja o que Deus quizer.

1 – Vamos lá então. Vai começar o Auto da Barca do Inferno.

Diabo – *(puxando cordas e içando as velas)*
Á barca, á barca, olé
que temos gentil maré

O diabo olha para todos os lados e como não aparece ninguém, vira-se para os outros e pergunta:

Eu já cá estou.
E o fidalgo?

1 – Fidalgo, estás á espera de quê?

3 – Já vou, já vou, não encontro a espada...

(barulho de caixas e caixotes caindo)

3 – Ah! Encontrei. Já posso?

1 – Já. Diabo, começa novamente.

Dia – Á barca, á barca, olé
que temos gentil maré.

Vem o fidalgo, bamboleando-se com altivez.

Fidalgo – Para onde vai esta barca
que não é navio nem fragata
e mais parece uma arca?

Dia – Vai para o Inferno, senhor.

Fid – Credo, cruzes, canhoto.
Por isso não tens passageiros
e levas a carga vazia.

Dia – Caiem cá todos lampeiros
e logo me enchem a pia.

Fid – Eu não!

Dia – Cá cairás.

Fid – Não caio não.

Dia – Cairás sim!

bibRIA

Fid – Isso é que não.

Dia – Que sim...

Fid – Que não!

1 – Chega... Continuem a conversa...

Anjo – E vamos a despachar que ainda falta a minha deixa.

Fid – Quem é aquele?

Dia – Aquele é o anjinho...

Fid – Assim tão igualzinho a ti?
Aqui há coisa do diabo...

Dia – Entra, entra, D. fidalgote
Cá te espera o teu camarote.

Fid – Já percebi que para aí
só pode ser o Inferno.

Dia – Que esperas então?

Fid – Mas eu não vou para o Inferno...
Deixei lá em baixo quem reze por mim...

Dia – Ah! ah! ah! Quem reze por ti! Ih! ih! ih!
Pensavas então que bastava ter quem reze por ti...
Ah! Ih! Ah! Ih! Ah! Ih!
- *(Mudando de tom)* - Entra depressa e deixa-te de mariquices...

Fid – Não entro aí não! Vou procurar outro transporte que me leve a outro sítio que não o Inferno.

Dia – Voltarás cá nem que seja no Inverno!

Fid – *(Procurando pelo palco)* - Há aí alguém que me leve?
Pago bem... - *(vai ter com o anjo)*
Hou da barca!

Anj – Quem é lá?

Fid – Sou eu, uma autoridade em ciências políticas.
Quero embarcar para o Paraíso.

Anj – Querer nem sempre é poder.

Fid – Não me reconheces?
Nunca me viste na televisão?

bibRIA

Anj – Em qual canal?

Fid – Todos. Eu ia a todos...

Anj – Não me lembro. É importante que eu me lembre?

Fid – Pois, se se trata de eu ir para o Céu...

Anj – Ah! Mas não vais. O teu lugar não é lá em cima.

Fid – Ora a minha vida, ora a minha vida...

Anj – Isso já passou... agora estás noutra, topas?

Fid – Deixa-me entrar, ouviste?

Anj – O teu bilhete não tem cotação nesta embarcação.

Fid – Porquê?

Anj – Ainda perguntas? Fizeste promessas eleitorais
que nunca cumpriste.
Prometeste trabalho e casa aos pobres com os fundos da C.E.E. e construiste para ti e para a tua mulher e para as tuas amantes... Gastaste todo o dinheiro que nem era teu e ainda por cima
tornaste mais pobres aqueles que já eram pobres.

Fid – Ah! Isso? Mas já estou arrependido...

Anj – Não basta arrepender-se na teoria. Deverias ter mostrado arrependimento na prática. Vai ter com o diabo para que ele te carregue.

Fid – O diabo... e parece-se contigo, o diabo... Por acaso vocês...

Anj – Já estás a querer saber demais... Vai-te antes que...

Dia – Anda daí meu fidalgote... Toma lá uma vassoura e varre o convés, que aqui ninguém viaja à borla...

Fid – Desgraçada vida esta...

Dia – Deixa-te de lamúrias... Enquanto varres, faz-me um discurso para eu me entreter...

O fidalgo varre enquanto vai discursando. O diabo bate as palmas e chama o barmen. Este acorre com a bandeja. O diabo pergunta ao anjo.

Dia – Anjinho! Queres um café?

Anj – Pode ser, mas curto.

Dia – Dois cafés.

bibRIA

Fid – *(Interrompendo o discurso)* - Para mim pode ser um Whisky velho.

Dia – Tu não bebes nada. Estás a dieta líquida...

O barmen traz os cafés. O diabo e o anjo bebem. Entra o homem de negócios (4).

4 – Taxi... Taxi...

Dia – Taxi fluvial ao vosso dispor, excelência...

4 – Quanto é a tarifa?

Dia – Para vós, excelência, é de borla.

4 – *(Desconfiado)* - Mau! Cheira-me a esturro... que ninguém dá nada de borla... Para onde vai este transporte?

Dia – Para o mais luxuoso hotel do Inferno...

4 – Credo... Abrenúncio... Vade retro satanás...

Dia – Entra, entra... Tem piscina... Sauna... Telemóvel...

4 – Ná! Vou procurar outro transporte. Taxi...Taxi...

Aproxima-se do anjo e pára, admirado.

4 – Este motorista é igualzinho ao outro. Para onde vai este transporte?

Anj – Para o Paraíso.

4 – Pois é mesmo este que eu quero.

Anj – Só que aqui não entras.

4 – Quanto queres em dinheiro? Cheque? Cartão Visa? Alugo já este barco.

Anj – Não se aluga.

4 – Compro. Onde está o Gerente?

Anj – Não está à venda e o Gerente não te quer atender.

4 – Tudo tem um preço. Qual é o teu?

Anj – O meu preço é em boas acções. Dessas tu não tens.

4 – Acções? Tenho, tenho. Da Petrogal, da Lusitex, da Farcox, da Ipitaf, quais queres?

Anj – Queria aquelas que poderias ter praticado e não quiseste praticar... Lá em baixo, quando estavas vivo... em vez de teres sacaneado, intrujado, roubado e aldrabado nos impostos.

bibRIA

4 – És do fisco. Vi logo. És fiscal das Finanças. Mas descansa que deixei 1% dos meus bens à Santa Casa da Misericórdia.

Anj – Vai-te... vai-te, que já não temos mais nada a conversar.

Dia – Anda daí, grande homem de negócios, que temos um grande negócio a fazer os dois. Para já, toma lá este pincel e pinta algarismos e cifrões pelo barco fora... sim, que aqui não se viaja à borla...

4 – Pintar... o meu sonho de infância era pintar. Borrei tanta parede...

Dia – E podes ir soletrando os algarismos, que sempre fazes companhia aos discursos do teu companheiro...

1 – Senhoras e senhores, interrompemos agora para um pequeno espaço publicitário.

2 – Compromissos assumidos com os nossos patrocinadores.
Não se vá embora. Fique connosco.

1 – Só verá a diferença depois de usar.

2 – O detergente normal lava normalmente com normalidade.

1 – Mas com detergente Aguarrás, o seu filho torna-se um Ás.

2 – E a roupa fica tão macia e perfumada...

1 – Tem cabelo espigado?

2 – Sofre de caspa?

1 – É careca?

2 – Use sempre shampô para alcatifas da Robilaca...

1 – Dificuldade em adormecer à noite?

2 – Dificuldade em reter a urina?

1 – Problemas no trabalho?

2 – Em casa?

1 – No escritório?

2 – Use margarina sem ovos, a única que sabe o que o homem deseja.

1 – Margarina Lubritex, de fazer chorar por mais!

2 – E depois dos comerciais regressamos à 2ª parte desta... maravilhosa... saga trágico-marítima.

Dia – Estes intervalos dão-me seca.

bibRIA

Anj – Podes crer, meu! Troca agora comigo. Anda... Foi isso que combinámos.

Dia – Tá bem... tá bem...

Anjo e diabo trocam de posto.
Entra o parvo (5).

5 – Olá! olá, olá ,olá, olá ,aláááááááá... olá!

Dia – Chiu... chiu... menos barulho...

5 – Faço o cagaçal que me der na gana...

Dia – Está bem, ganhaste... Entra, entra...

5 – Essa é que é a barcaça dos nossos?

Dia – De quem?

5 – Dos tolos, de nós, dos simples de espírito...

Dia – Esta é. Entrai vossa Senhoria...

5 – E entro a pular ou a voar?
"inda onte tava" a gemer
adormeci, "tava" a sonhar
e logo havia de morrer

Dia – De que morreste?

5 – De quê?
Samicas de caganeira.

Dia – De quê?

5 – De cagamerdeira,
má peste que te dê!

Dia – Entra! põe aqui o pé...

5 – Tás com chulé?

Dia – Entra, tolo, que se nos vai a maré...

5 – Calma, "queu" sou tolo mas não sou parvo.
Aonde havemos de ir?

Dia – De onde não possas fugir...

5 – Aonde?

Dia – Ao Inferno... entra cá!

LIBRIA

5 – Ao Inferno? Não estou cá!
Hi... Hi... Hi... Barca do cornudo...
cagalhão do trampudo...
trampa do cagalhudo...
óóóóóóóóó lanzudo...
Entrecosto de carrapato...
Hiu... Hiu... caga no sapato
filho da grande aleivosa
tua mulher é tinhosa
e há-de parir um sapo
e comer esparadrapo
neto de cagarrinhosa
cara de cebola... hiu... hiu...
excomungado das igrejas
fatela, cornudo sejas...
toma o burrié que te caiu
a mulher que te fugiu
para a ilha da Madeira
cornudo ata a mangueira
toma o burrié que te caiu
caga no cu... caga na vela
cabeça de minhoca
carcaça de foca
cara de pulha... cara de pulha
caganita de coelha
perna de cigarra velha
mija na agulha... mija na agulha

O parvo, fazendo o pino,aproxima-se do anjo e diz:

5 – Ó do barco...

Anj – Que me queres?

5 – Queres-me passar além?

Anj – Quem és tu?

5 – Sei lá! Alguém sou...

Anj – Tu passarás se quiseres...
porque em todos os teus afazeres
por malícia nunca erraste
e aasim nunca pecaste

5 – Porque sou tolo...

obRIA

Anj – Porque és simples de espírito.

5 – Então entro...

Anj – Sim, mas espera por aí que venha mais alguém.
Depois entrarás.

Dia – Ó anjinho! Ficas com esse?

Anj – Fico... Já te bastam a ti os que arranjas...

Dia – *(Esfregando as mãos)* - Nunca são demais, ahahah...

1 – Agora entra o vendedor de banha da cobra...

2 – Vendedor! ó vendedor!

6 – Ora muito boa tarde, senhoras e senhores!
Eu não estou aqui para enganar
nem um nem dois nem três
mas todos de uma vez

Dia – Muito prazer em conhecer vossa excelência...

6 – Então que temos? - *(olha à volta)*
Sofre de calos?
Tem frieiras?
Pois esta bisnaga cura não só os calos
como todas as frieiras
tanto de Inverno como de Verão...
E leva de graça
sem pagar mais
estas duas maravilhosas esferográficas
de tinta da china a preto e branco
e... ainda.... este balão de borracha isotérmica
e para que não diga que eu o estou a enganar
de graça... só para si... este magnífico corta unhas,
tudo por apenas mil escudoooooooooossssssss...

Dia – Aqui não fazes negócio...

Anj – Acabaram-se os negócios para ti...

Dia – Mas poderás participar num maravilhoso concurso!

6 – Concurso? E ganha-se o quê?

Dia – Uma viagem de sonho a um sítio misterioso...

6 – E como se concorre?

bibRIA

Dia – Basta responder a umas perguntas...
Se acertares, ganhas...

6 – Parece fácil. Onde me inscrevo?

Dia – Aqui. Toma lá os papéis.

6 – Cartão de contribuinte... - *(preenche os papéis)*
número fiscal... profissão....
E o endereço? Não tem onde pôr o endereço...

Dia – *(Tirando-lhe os papéis da mão)* - Não é preciso!
Já sabemos onde moras...
Bem... vamos começar...
Estás pronto?

6 – Estou...

Dia – Comecemos então... Gil Vicente, quem é?

6 – Facílimo... um clube de futebol...

Diabo – Hum... hum... e a capital de Portugal, qual é?

6 – Ó pá... isso já é cultura intelectual... deixa cá ver...

Dia – Vamos a outra... Como se chama o 1º ministro?

6 – O 1º ministro... o 1º ministro... chama-se Carlos Queirós...

Dia – Ai... Ai... Ai... Ai... Ai... última tentativa: como se chama você?

6 – Luís Filipe de Andrade e Silva...

Dia – Muito bem! Aceeeeeeeeeeeertoooooooouuuuuuuuuuuuu!!!!!

6 – Ufa!

Dia – E ganhou esta magnífica viagem! Pode embarcar...

Fidalgo e homem de negócios – Entra, entra... benvindo companheiro...

6 – Embarcar ? Com estes dois? E qual é o destino?

Dia – O Inferno! Ganhaste, não podes voltar atrás...

6 – Raios partam estes aldrabões... Julgavas que eu embarcava no conto do vigário? Prá puta que vos pariu...

O vendedor de banha da cobra vai ter com o anjo.

6 – Excelentíssimo senhor...

Anj – Ora diga...

bibRIA

6 – Mas você é a cara chapada do outro...

Anj – Pois, está bem... Ao que vindes?

6 – Quero passar para a outra margem...

Fidalgo e homem de negócios - (cantando)

Este barco é uma passagem
prá outra margem

An – Ouviste? Vai ter com eles que eles levam-te...

6 – Aquilo é o diabo... Eu quero o Céu...

Anj – A vida que levaste não te dá o Céu.

6 – Mas eu morri confessado.
Perdoei dívidas e um ror de contas
encomendei missas e até sou baptizado...

Anj – E depois? Passaste a vida a mentir e a enganar...
Foste aldrabão a vender porcarias
traficaste drogas, armas e quinquilharias
e como se não bastasse e para teu azar
fizeste negócios com a Indonésia.

6 – E o Galvão de Melo e o Manuel Macedo?

Anj – Deixa-os cá pousar...
que temos boas contas a ajustar...

6 – Prometo nunca mais...

Anj – Ah! pois prometes, prometes...
Desentope agora a passagem...

Dia – Anda daí, meu mequetrefe...

O vendedor de banha da cobra entra no barco, resignado.

Dia – E além de teres ganho esta maravilhosa viagem,
terás o privilégio de descascar batatas.

O vendedor senta-se a descascar batatas. Entra um frade com uma moça pela mão. Cantam:

Glória, glória, aleluia...

Dia – Quem canta seu mal espanta...

Frade – Deus esteja convosco...

biblRIA

Dia – Credo, homem... vira essa boca para lá...

Fra – Este barco vai para o Céu?

Dia – Quase que sim... pára lá perto... dois apeadeiros antes...

Fra – Ah! Então não deve ser este o nosso barco. Disseram-nos que era directo...

Dia – Não é directo, mas é semi-directo... Serve perfeitamente...

Fra – E este aqui?

Anj – Este vai para o Céu...

Fra – Então é este...

Anj – Espera aí... tu não constas da lista de passageiros...

Fra – Ora essa... se morri devo embarcar...

Anj – Deves mas não podes...

Fra – E porquê?

Anj – Porque apesar de seres frade e temente a Deus, viveste em concubinato com essa moça...

Fra – E onde é que vem escrito na Bíblia que não se deve?

Anj – Da Bíblia não sei, mas é o que diz no guião...

Fra – E de quem é o guião?

Anj – Foi escrito por Gil Vicente...

Fra – Quando?

Anj – No século dezasseis...

Fra – Ora, ora, Gil Vicente não faria uma coisa dessas se vivesse hoje...

Anj – Que pretendes dizer com isso?

Fra – Isso mesmo que ouves... Este Auto não é uma adaptação do original?

Anj – Claro que é...

Fra – Pois então... Continuem a adaptá-lo aos tempos de hoje...

Anj – Ó diabo! Anda cá...

Dia – Já vi que perdi estas duas alminhas...

Anj – Isto não estava previsto... o que é que se faz?

bibRIA

Dia – Ele tem razão... o gajo portou-se bem a vida toda...
A única coisa que se lhe pode apontar é não ser
casto...

Anj – Pois, mas o Papa não permite casamentos no clero...

Fra – E o que é que o Papa sabe de Deus?

Anj – O que é que se faz?

Dia – Fica-te lá com eles que são demasiado bonzinhos para a minha infernal barcaça...

1 – Isto é muito irregular...

2 – E ainda nos pode trazer problemas...

1 – Ora bem... o 1º frade, o de Gil Vicente, era assim a modos que soldado capelão...

2 – Muito mundano e vivaço...

1 – E este até parece santo...

2 – Cruzes, credo, canhoto... Há-de lá ser santo?

Moça – Quer-me cá parecer que nenhuma destas barcas nos serve...

Fra – Que dizes?

Mo – Que se estão com estas coisas,
é porque viemos ao lugar errado.
Nem este inferno nem este céu são para nós...

Fra – Quer-me cá parecer que tens razão...
Continuemos o nosso caminho...

Mo – Fomos tão felizes juntos que juntos havemos de ficar...

Anj – Venham cá... venham cá...

Dia – Deixa-os ir... Eles têm razão...
da maneira como puseram as coisas não pertencem a
este Auto... Se calhar até nem nós pertencemos mais
a este Auto...

Anj – Ora, que dizes?

Dia – Pois, quem és tu?

Anj – Eu sou o Anjo...

bibRIA

Dia – Ai sim?

Anj – Pois.

Dia – E eu sou o quê?

Anj – O diabo.

Dia – Pois... pois... pois...

1 – Vamos mas é a continuar...

2 – A próxima personagem a entrar é a Brígida Vaz...

Dia – Esta vida de marinheiro está a dar cabo de mim...

Anj – Esta vida de marinheiro está a dar cabo de mim...

Os actores juntam-se atrás do Anjo e do Diabo e saiem a cantar.

Todos – Tarantarantarantarantaran...

1 – E agora?

2 – E a Brígida e o Judeu e o Corregedor e o Procurador e o Enforcado e os Cavaleiros de Cristo?

1 – E agora?

2 – E a Brígida e o Judeu e o Corregedor e o Procurador e o Enforcado e os Cavaleiros de Cristo?

1 – E agora?

Os outros actores regressam cantando e arrastam consigo os números 1 e 2. O último dos actores vira-se para trás e pergunta para o público:

5 – Querem vir também?

Sai fazendo o pino. Apagam-se as luzes.

FIM.

bibRIA

Teatro e Malabarismo para a Infância
Alucinações de uma bruxa que queria ser palhaço

Intervenientes: *Bruxas disfarçadas de estrelas ou de super mulheres; piratas comedores de fogo; polícias engolidores de sapos; fantoches lambedores de selos; astronautas cabeças de abóbora; gigantes espreitadores de girassois a desabrochar em flor e todos aqueles cóbois que chegam sempre atrasados aos encontros que nunca marcaram com o diabinho das sete partidas do mundo.*

(Palco nu. Penumbra. Música dos "Vai de Roda" CD Polas Ondas, faixa 16. Actores entram, uns correndo, outros, mais devagar. Transportam os biombos e organizam o cenário. Acendem pequenos candeeiros de petróleo. Algures na plateia, sob um projector, surge o narrador)

bibRIA

Narrador – Era uma vez um cóbói chamado Jóni Ueine...
Ainda não era bem um cóbói mas, quando crescesse, queria mesmo ser um cóbói... dos grandes... dos mesmo a sério... como nos filmes.

J.U.– Ainda não sou bem um cóbói mas, quando crescer, quero mesmo ser um cóbói... dos grandes... dos mesmo a sério... como nos filmes.

Nar – Jóni Ueine decidiu partir à aventura com mais dois companheiros. Procuravam ilhas com tesouros encantados ou com tesouros de piratas ou com tesouros naufragados.

J.U.– Decidimos partir à aventura... eu e mais dois companheiros... o Jóni Jóni Ueine e o Jóni Jóni Jóni Ueine... Procuramos ilhas com tesouros encantados ou com tesouros de piratas ou com tesouros naufragados.

Nar – Para isso tiveram que construir um barco... Um barco à medida dos seus sonhos.

J.U.– Para isso tivemos que construir um barco... Um barco à medida dos nossos sonhos.
Jóni Jóni Ueine? Jóni Jóni Jóni Ueine? Estão prontos?
Trazem mantimentos? Pão? Bolachas? Matutazos? Matutolas? Escova de dentes? Pijamas? E comprimidos para não vomitar no barco? Então está tudo? Ah! Os capacetes de protecção... Vamos embora, rapazes... Içar velas... levantar a âncora... eia... eia... eia...

(Música dos "Vai de Roda" CD Polas Ondas, faixa 17, 1ª metade. Um barco à vela, surge numa das laterais do palco. Está iluminado. É puxado por cordas e atravessa lentamente o palco)

A roupa do marinheiro não é lavada no rio
é lavada no mar alto à sombra do navio

J.U.– Parece que chegámos a uma ilha...

J.J.U. – Deve ter tesouros...

J.J.J.U. – Também pode ter inimigos... é preciso ter cuidado...

(Caminham pelo palco e encontram um casarão. Recuam, agachando-se. Um deles bate à porta. Surge um fantoche à janela)

F1 – Quem bate à porta com tanta força que faz estremecer os copos no armário?

J.U.– Somos nós. Os cóbóis.

F1 – Cóbóis?

J.U.– Ainda não somos mas havemos de vir a ser uns grandes cóbóis...

F1 – Mas vocês já são grandes... Vocês são enormes...

J.J.U. – Ah... Mas na nossa terra ainda somos pequeninos...

F1 – E que querem daqui?

J.J.J.U. – Tesouros...

F1 – Ah Ah Ah Ah!

J.U.– Porque te estás a rir?

F1 – Não sou eu que me estou a rir.

J.J.U. – Quem é que se está a rir assim?

F1 – Só há uma pessoa capaz de se rir assim...

J.J.J.U. – Quem? Quem é que se ri assim?

F1 – A bruxa...

J.U.– A bruxa?

J.J.U. – Há aqui uma bruxa?

F1 – Há... Vive no castelo assombrado...

J.J.J.U. – Eu não quero nada com bruxas... Vou-me embora...

J.U.– Espera... Ó Jóni Jóni Jóni Ueine! Que raio de cóboi és tu?

biblRIA

J.J.J.U. – Eu quero a minha mamazinha...

J.U. – Fica connosco, Jóni Jóni Jóni Ueine. Precisamos de ti.
Nós três juntos temos força suficiente para qualquer bruxa.

(Dão as mãos e cantam os três)

Não há medo que nos faça tremer
Não há pirata que nos faça fugir
Não há quem nos possa comer
Mesmo c' a bruxa se esteja a rir

J.U. – Para que lado é o castelo da bruxa?

F1 – Para ali... Sigam a sombra dos vossos narizes que vão lá ter.

J.J.U. – Obrigado. Vamos embora, companheiros.

(Seguem cantando pelo palco fora. Atrás deles surgem dois piratas, os quais os imitam durante algum tempo, cantando)

J.U. – Esperem. Parece que agora somos mais do que eramos antes...
um, dois, três, quatro... Hei! Vocês, quem são?

P1 – Los piratas.

(Sacam das espadas e colocam-se em atitude ofensiva)

P1 – Yo soy el pirata Tira todolos dientes...

P2 – Y yo soy el pirata Cagallon ...

J.J.U. – E que querem vocês?

P1 – El vuestro barco...

P2 – Para irmos hacer piratarias en los mares...

J.U. – Não podem levar o nosso barco...

J.J.U. – Precisamos dele para voltarmos para casa...

J.J.J.U. – Nem sequer sabemos nadar...

J.U. – Cala-te Jóni Jóni Jóni Ueine... O barco é nosso e pronto.

P1 – Vamonos a roubar el barco y pronto...

P2 – Vamonos a matar quien nos haga frente...

J.U. – Esperem... Como querem lutar connosco se não temos espadas e nem sabemos lutar?

P1 e P2 – *(Olhando-se espantados)* - Que mala suerte...

bibRIA

P1 – Luchar no es dificile... Es assi... - *(começam a lutar um com o outro; os outros gritam e incitam-nos a lutar mais)* - trau, trau, tchim, trau , trau , tchim, tchim, aiiiiiii.... - *(espetam-se um ao outro, caindo no chão)*

J.U.– Ah Ah Ah! Estes já vencemos... Continuemos o nosso caminho...

J.J.U. – Cá vão os três cóbois à procura de aventuras.

J.J.J.U. – Não estou a gostar muito desta história...

(Música dos "Vai de Roda" CD Polas Ondas , faixa 18. Os actores caminham esforçadamente por uma floresta. As árvores mexem os ramos, há nevoeiro e surgem monstros. Os três cóbois cantam tentando vencer o medo. Aparece uma luz. Seguem-na. Encontram uma casa. Batem à porta)

F1 – Quem é que bate assim com tanta força que até faz estremecer os copos no armário?

J.U.– Somos nós...

J.J.U. – Mas... tu és tu...

F1 – Pois claro que sou eu. Ó meninos, sou eu não sou? Pois claro.

J.U.– Mas... tu moravas lá atrás... na outra casa...

F1 – E vocês procuravam o castelo da bruxa.

J.J.U. – Pois era...

F1 – Então porque é que ainda aqui estão? Vá, vamos lá a continuar a história... Estão perdidos não é? Eu mandei-vos seguir o nariz e vocês não fizeram caso. Agora sigam as pontas dos vossos pés que lá chegarão. Adeus.

(Os actores seguem pela estrada fora olhando para as pontas dos pés. Cantam. Ouve-se uma voz)

Voz – Quem ousa desafiar a sorte, entrando assim nos meus domínios?

J.U.– E tu quem és?

Voz – Sou o dono destas terras...

J.U.– Nós somos cóbois...

Voz – Pois então, tremam de medo que aí vai um verdadeiro cóboi para vos destruir...

J.J.U. – Para nos destruir ?

J.J.J.U. – Eu quero voltar para casa...

bibRIA

J.U.– Chiu... Se aí vem um cóboi, temos que estar atentos... Eu sou o Jóni Ueine...

J.J.U. – Eu sou o Jóni Jóni Ueine...

J.J.J.U. – Euuuu sssou ooo JJJóni JJJóni JJJóni UUUeine...

Voz – E eu sou o verdadeiro cóboi Jóni Ueine...

(surge um pequeno autómato a cavalo)

J.U.– Ah Ah Ah! Tu? Ah Ah Ah! - *(riem-se todos)*

(disparos de pistola)

J.U.– Escondam-se que as balas dele são verdadeiras...

J.J.U. – O que é que podemos fazer?

J.J.J.U. – O que é que podemos fazer? O Jóni Ueine já disse para estarmos escondidos... Que mais queres?

J.U.– Vamos dialogar com ele... Olha lá, ó tu... Porque é que nos atacas?

Voz – Porque estão nas minhas terras... - *(disparos de pistola)*

J.U.– Podemos ensinar-te um truque...

Voz – Sim? Que truque?

J.U.– O truque de ficares grande como nós...

Voz – Está bem... Mas se me estão a enganar... Mato-vos.

J.U.– Não te preocupes. Vou pegar-te ao colo para irmos mais depressa.

Voz – E aonde vamos?

J.U.– Ao castelo da bruxa. Sabes onde é?

Voz – Ah Ah Ah Ah Ah Ah! Foi a bruxa que me construiu. Vocês estão perdidos.

J.J.U. – E porque é que a bruxa te construiu assim pequenino?

Voz – Aqui, às vezes, é tudo pequenino... Mas venham ... O castelo já não é longe... Ah ah ah ah!

J.J.J.U. – Eu fico aqui a guardar o caminho...

(Saiem de cena, com excepção de J.J.J.U., o qual fica à boca de cena, lamentando-se)

bibRIA

J.J.J.U. – Sabem de uma coisa? Eu estou com um bocadinho de medo.
E vocês? Têm medo?
Eu tenho medo... mas não sei de quê... Bem... vou brincar um pouco. – (tira o diávolo e brinca)
Estou cansado de estar aqui sózinho.

SM – Mas que belo homem...

J.J.J.U. – Hei... Tu quem és?

SM – Sou a Super Mulher ao vosso serviço. Desvendo mistérios e resolvo todos os problemas de somar, de subtrair, de dividir e de multiplicar. Sou genial... e... estou-me a apaixonar por ti...

J.J.J.U. – Eu não sou nada genial... mas também... não me estou a apaixonar nada por ti...

SM - Oh... O amor é como uma chama que arde sem se ver...

J.J.J.U. – O amor é como um fósforo... arde depressa demais para a minha idade...

SM – És muito novo?

J.J.J.U. – Novíssimo... Ainda faço xixi na cama...

SM – Precisas da Super Mulher...

J.J.J.U. – Preciso da minha mãe para me mudar os lençóis...

SM – Dá-me um beijo e nunca mais te esquecerás de mim...

J.J.J.U. – Toma lá um beijo e já me esqueci de ti...

SM – Quando cheguei tinhas medo de estar sózinho... Agora já estás a perder o medo... Como vês, fiz bem em apaixonar-me por ti... Adeus meu amor... Até sempre...

J.J.J.U. – Adeus para sempre. Mas ela tem razão. Agora já tenho menos medo. Vou atrás deles. Sabem para onde é que eles foram?

(Sai de cena e regressa, escondendo-se atrás de uma estrutura móvel, com um fantoche na mão)

J.J.J.U. – Ai que não sabem o que me aconteceu... Alguma coisa me aconteceu. Transformaram-me em pequenino. Ai que desgraça a minha.
(Corre pela sala) - O que é que vai ser de mim? O que é que vou fazer agora à vida?
Eu nem queria ser cóboi... O Jóni é que me convenceu a ser cóboi.
O meu sonho é ser palhaço. Gostava de ser palhaço.

bibRIA

(Surge a bruxa)

Bruxa – Pois se queres ser palhaço... vais ser palhaço...

J.J.J.U. – Aiaiaiaiai... a bruxa... eu não fiz nada... eu não fiz nada...

Bru – Queres ser palhaço ou não queres ser palhaço?

J.J.J.U. – Quero. Quero. Quero.

Bru – Perlimpimpim... perlimpimpésse .... perlimpimpim... cresce e aparece...

J.J.J.U. – Mas eu estou na mesma... Só me cresceram os braços...

Bru – Perlimpimpim ... perlimpimpernas ... cresçam também as pernas...

J.J.J.U. – Ai A iAi Ai... Agora tenho braços e pernas mas ainda tenho esta cabecinha de alfinete.

Bru – Perlimpimpim... perlimpimpal... volta tudo ao normal...

J.J.J.U. – Ah! Agora sou eu outra vez. E tenho medo...

Bru – Vais perder o medo... Toma esta vassoura mágica... Varre o chão com ela e conta até 22 e meio.

(J.J.J.U. varre o chão com uma vassoura e dois sticks)

J.J.J.U. – ... vinte e dois... vinte e dois e meio... perdi o medo... eia... perdi o medo...

Bru – E ainda queres ser palhaço?

J.J.J.U. – Sim... Sim... Sim...

Bru – Toma os sapatos... O nariz... O casaco... o chapéu... E vai divertir as crianças... Levas esta ficha... Quando encontrares uma tomada eléctrica, sacas de lá a energia...

J.J.J.U. – Mas tu afinal não és má... Não és uma bruxa má...

Bru – Eu sou do piorio... Sou má como as cobras... Ah Ah Ah Ah! Gosto é muito de palhaços... E às vezes disfarço-me de Super Mulher... E agora vou-me que andam uns tolos à minha procura...

J.J.J.U. – Não! Tu não és má... Não és má, não senhor...

(Acaba de se vestir e atravessa o público, desajeitadamente, de ficha na mão, desaparecendo)

J.U.– Afinal, já estamos fartos de andar e não há sinais do castelo.

J.J.U. – Este cóboi enganou-nos... Onde é que está ele?

J.U.– Então não eras tu que o trazias agora?

bibRIA

J.J.U. – Eu pensava que eras tu...

J.U.– Fugiu, o malandro...

J.J.U. – Olha uma casa. Vamos perguntar o caminho...

F1 – Mas quem é que bate com tanta insistência à porta que até faz estremecer os copos no armário?

J.U.– Outra vez tu?

J.J.U. – Mas isto é bruxaria...

F1 – Ah ah ah ah ah ah!

(A bruxa, gargalhando também, chega junto ao castelo e puxa-os através de umas cordas invisíveis; quando chegam junto do castelo, a bruxa, rindo-se sempre, abre a porta e entra, reaparecendo, em fantoche, na janela)

J.U.– Olha a bruxa... Chegámos ao castelo... - *(baixinho)* - A bruxa também é das pequenas...

J.J.U. – Não temos medo de ti, sua bruxa malvada...

Bru – Ah Ah Ah Ah! Eu sou a rainha desta ilha...

J.U.– Não temos medo de ti...

Bru – Pirlimpimpim.... Pirlimpimpiz... que vos puxem o nariz...

(J.U. e companheiro sentem-se puxados pelo nariz e gritam rodopiando)

Bru – Pirlimpimpim pirlimpimpoço... que vos puxem o pescoço...

(J.U. e companheiro sentem-se puxados para trás)

Bru – Pirlimpimpim... pirlimpimpéz... que sintam murros e pontapés...

(J.U. e companheiro são agredidos por seres invisíveis)

Bru – Já chega? Ainda não têm medo?

J.U.– Ufa! pois fica sabendo que nós somos fortes... Vencemos dois piratas no caminho para cá...

Bru – São estes?

(à janela surgem os dois piratas, como fantoches)

P1 – Yo soy el pirata Tira Todolos Dientes...

P2 – Y yo soy el pirata Cagallon...

P1 – Yo soy el mejor...

bibRIA

P2 – No... Yo si, soy el mejor...

(Puxam de mocas e batem na cabeça um do outro. A bruxa enxota-os para dentro do castelo)

J.U.– Tu és mesmo mágica... Como foi que transformás-te os piratas de grandes em pequenos?

Bru – Faço estas coisas para me entreter... A verdade é que me aborreço muito aqui sózinha... Querem mais uns pontapés?

J.J.U. – Não, não, não... Chega de pontapés...

Bru – De qualquer maneira, vou ter que vos prender...
Não podem andar por aí à solta... Podem magoar-se...
Pirlimpimpim... pirlimpimpirrados... fiquem amarrrados.
E os vossos pais? Eles sabem de vocês? Sabem que andam em aventuras?

J.U.– Ainda não sabem, mas nós depois contamos tudo...

Bru – Ah! desobedeceram. Sr° Polícia, o que acha disto?

Polícia – *(Fantoche)* - Um caso muito complicado... Desobedeceram aos pais... São uns meninos muito traquinas... Creio que vou ter de os prender no armário escuro.

J.J.U. – Não! No armário escuro não vale a pena...

J.U.– Nós podemos prometer que nunca mais desobedecemos?

Polí – E como é que eu sei que estão a falar verdade?

J.U.– Juro. E depois estamos preocupados com um nosso companheiro que ficou lá atrás. Ele é muito forte e se não nos vê chegar dentro de alguns minutos é capaz de vir aí e partir isto tudo.

J.J.U. – Ele é muito forte. Não é meninas e meninos?

J.U.– Não liguem ao que os meninos dizem - *(ou: estão a ver como é verdade?)* - porque são mais mentirosos do que nós.

Bru – Então, nesse caso, vamos soltá-los, mas os piratas vão convosco.

J.U.– Está bem... Ah Ah Ah - *(falando para J.J.U.)* - Os tolos dos piratas e para mais agora que estão pequeninos... Ah ah ah!

(Surgem os dois piratas em andas)

P1 – Aqui estamos nossotros. yo soy el Tira Todolos Dientes...

P2 – Ah Ah Ah! Y yo soy el pirata Cagallon...

P1 – Yo soy el mejor...

IBRIA

P2 – No. Yo si, soy el mejor...

(Batem na cabeça um do outro, com grande alarido)

J.U. – Não há direito... Isto é pura magia... Agora são enormes...

J.J.U. – Demasiado grandes...

P1 – Vamonos a procurar el vuestro companero...

P2 – Vamonos deprissa...

J.U. e J.J.U. – Ai ai ai ai ai ai ai...

(saiem de cena, os piratas batendo um no outro, os cóbois correndo atrás)

Bru – Mano polícia, eles não sabem que eu sei onde é que anda o J.J.J.U.

Pol – E onde é que ele anda, mana bruxa?

Bru – Transformei-o em palhaço.

Polí – Ah Ah Ah!

J.J.J.U. – *(Entrando de ficha na mão)* – Onde é que eu hei-de ligar esta ficha que não encontro sítio para ela? – *(procura no meio do público)*

SM – Chamáste-me, querido?

J.J.J.U. – Não. Não chamei...

SM – Agora que és palhaço, ainda estou mais apaixonada por ti. Meu amor...

J.J.J.U. – Minha amada... mas eu ainda não sou palhaço... preciso de ligar a ficha...

SM – Vem dançar comigo... - *(dançam um tango, ela inclina-lhe a cabeça para trás e beija-o)*

J.J.J.U. – Não... assim não brinco... quero ir à minha vida...

SM – Não sejas mau para mim...

J.J.J.U. – Sai, sai da minha vida...

SM – *(Atendendo o telemóvel)* - Uma emergência? Com urgência? Vou já... Adeus meu amor...

J.J.J.U. – *(Distraído)* - Sim, sim, adeus, ora esta ficha... esta ficha... onde é que vou ligá-la?

(chega à casa de F1)

F1 – Quem é que bate assim à porta que faz abanar os copos no armário?

bibRIA

J.J.J.U. – Sou eu... mas espera lá! Eu ainda não tinha batido à porta.

F1 – Ai não? Bate lá então que é para eu poder continuar a falar...

(J.J.J.U. bate à porta)

F1 – Volto a repetir: quem é que bate à porta com tanta força que até faz estremecer os copos no armário e já partiu um? - *(ruído de copo a partir-se)*

J.J.J.U. – Sou eu...

F1 – E que queres?

J.J.J.U. – Procuro um buraco para esta ficha...

F1 – Dá cá....

J.J.J.U. – Não aconteceu nada...

F1 – E era para acontecer o quê?

J.J.J.U. – Sei lá... era para eu ficar um palhaço... Apanhava a energia e...

F1 – E quem te disse isso?

J.J.J.U. – Foi a bruxa...

F1 – A bruxa... Isso já é outra coisa... Ela pode ter razão...

F2 – O que é que estás a fazer à janela, filho?

F1 – Estou aqui , mãe...

F2 – E o que é que andaste a fazer com a electricidade?

F1 – Nada, maezinha, só meti a ficha e...

F2 – A ficha? Não sabes que não podes mexer nessas coisas porque é muito perigoso? Podes morrer com um choque eléctrico...

F1 – Eu não torno, mamã...

J.J.J.U. – Onde é que eu hei-de ir com esta ficha?

F1 – Espera... A bruxa pode ter razão... A ficha não é para aqui... Procura uma fonte de calor como o Sol ou uma Estrela...

J.J.J.U. – Está bem... Obrigado... Adeus...
O Sol ou uma Estrela... Oh, desculpe... - *(tropeça numa estrela)* - Onde é que vou encontrar uma estrela? Os meninos sabem? Aqui? Onde? Não vejo nada... Ah! a menina...

Estrela – Sou uma estrela de cinema...

bibRIA

J.J.J.U. – Ah! Então não se vai importar de segurar aqui? Será que vai funcionar? Viva! Está a funcionar... Já me sinto palhaço...

Estrela – Experimenta cantar...

J.J.J.U. – *(canta)* – Não, assim não dá. - *(Colectânea de músicas de povos primitivos. O palhaço canta em vários tons até ficar satisfeito)* - Pronto, já sou um palhaço.Meninos e meninas... Eu sou o palhaço palhação e vou atirar uma bofetada em mim mesmo... oh, não acertei... Mas vou continuar até acertar... Olha o castelo... será este o castelo da bruxa?

Bru – Claro que é... Já aí vou ter... - *(desce e sai do castelo, transformando-se em tamanho natural)*

J.J.J.U. – És mesmo mágica... Obrigada por eu ser palhaço...

Bru – Não tem de quê... Os teus amigos estiveram aqui... Disseram que tu vinhas destruir este castelo...

J.J.J.U. – Eu? Estavam a brincar... Estrela! Vem brincar também. Tira esse guarda chuva que já não chove e toma lá um chapéu mágico. Vamos fazer malabarismo.

(J.U. e acompanhantes regressam; os piratas continuam a dar pancadas na cabeça um do outro)

J.U.– Não encontrámos o nosso amigo. Estamos preocupados.

J.J.U. – Muito preocupados. Não encontramos o nosso amigo...

Bru – Pode ser que vocês descubram o vosso amigo. Mas têm de vencer este palhaço.

J.U.– Este palhaço? Deixa-me rir...

J.J.J.U. – Vamos então ao espectáculo. Senhoras e senhores, vamos apresentar o maravilhoso palhaço que sou eu a pregar partidas a estes dois cóbois. Eles vão-se encostar um ao outro com um balão no meio da cabeça e eu vou disparar mesmo ao meio e acertar no balão sem estragar as lindas cabeças deles. Atenção... Vou disparar. Pum... Acertei... não foi maravilhoso? E agora com outro balão... Vou disparar a pistola de olhos fechados e de costas. Atenção... Pum... acertei...

O espectáculo continua. Agora vou atirar-lhes com um balde de água e eles não se vão molhar... atenção, não fujam, não fujam... - *(corre atrás deles e discretamente, troca o balde de água por outro com confetis)* - vou atirar o balde e zás.. zás... não se molharam, como vos tinha dito...
O espectáculo continua, senhoras e senhores. Agora... agora ... eu revelo--me aos meus amigos... Olá! Eu sou o Jóni Jóni Jóni Ueine...

bibRIA

J.U. e J.J.U. – Tu? - *(abraçam-se)*

J.J.J.U. – Perdi o medo, graças à bruxa... Sabiam que a bruxa é uma Super Mulher?

(Ouve-se um ruído de moscardo - CD de Yoyoma e Bobby Mc Ferry Hush. Surge um astronauta)

Astronauta – *(Com diavolo de fogo)* - Venho lá do alto dos céus. E perdi uma estrela. Não a viram?

Bru – Uma estrela cadente?

Ast – Não! uma estrela menina... Ah! está ali...

Est – Eu? Mas eu sou uma estrela de cinema...

Ast – Pensas que és mas não és. Vem que eu levo-te para cima. Amigos, preciso de toda a energia possível para subir. Podem ajudar-me?

(malabarismos de fogo e cuspidores de fogo; o astronauta e a estrela elevam-se; os outros acenam)

Bru – Os vossos pais também devem estar à vossa espera. Está na hora de partirem.

J.U. – Só mais uma brincadeirinha... está-se aqui tão bem...

Bru – Pirlimpimtim adormeçam pimpim...

Os três jovens adormecem.

Bru – Piratas, vamos embora que o sonho deles está a acabar...

Polí – E o teu também... Quando eles deixarem de sonhar ter-se-á acabado o teu sonho também...

Bru – Não faz mal... Já nos divertimos bastante... - *(olha para os cóbois que dormem)* - Adeus, palhaço, meu amor... Oh como eu gostava de ser palhaço... Adeus, meu amor...

(Penumbra. O barco regressa. Música do "Vai de roda", CD Polas Ondas, faixa 17, 2ª metade)

Os três jovens acordam, espreguiçam-se e olham uns para os outros.

J.U. – Que sonho que eu tive...

J.J.U. – Eu também sonhei com algo muito esquisito...

J.J.J.U. – As minhas roupas... as minhas roupas ainda são as de palhaço... Não sonhei... foi tudo verdade...

bibRIA

J.U. – Deixa-te disso... Essa roupa era a que trazias ontem...

J.J.J.U. – Mas esta casa pequena... Eu lembro-me de bater assim e...

F1 – Mas quem é que bate com tanta força que faz estremecer os copos no armário?

J.J.J.U. – Vês? Vês? É verdade... E vejam esta arca do tesouro... está cheia de chocolate... Viva... Viva... Achámos um tesouro...
Venham todos cá para fora... Venham cantar e dançar que temos que nos juntar todos antes dos aplausos.

Fim – *(Com distribuição de chocolates ao público)*

O.do B. 27 para 28 de Outubro 96

bibRIA

A Estreia - Peça Satirico-Infantil para idades indefinidas

(Os seis actores entram num palco nu. Vestem calções e camisas de cor parda em pano cru. Empurram-se uns aos outros até que projectam o mais pequeno para a boca de cena.)

A – Olá! Vocês estão-me a ver assim pequenino? Pois é. Sou pequenino, sou pequenino mas só faço papéis de adulto. De adulto grande, de adulto bem grande... hem? Pois é,assim pequenino... e o meu irmão que é este grandalhão aqui, faz de criança... é o Zezinho, o pequeno Zezinho... e eu, eu sou o tio Jeremias...
Está quieto, Zezinho, tira o dedo do nariz que é porcaria... buah...
E a peça? Que me dizem da peça? Pois é, não temos peça... Nada... nadinha... não há peça... hehe... experimentámos uma, experimentámos outra, experimentámos mais ainda... misturamos personagens... inventámos situações... bem, fizemos de tudo... não temos peça... hehe... mas que ficámos a gostar de teatro, lá isso ficámos... hehe...

B – E depois, o que é isso de peça? Peça para quê? Não precisamos... Já temos várias personagens... agora é só jogar com elas... por exemplo:
Eu na vida real, aí na vida a sério, sou o..., moro em... e ando na escola..., pois é... e aqui continuo a ser o..., pois, porque eu nunca deixo de ser o meu eu de lá de fora, não é?
Mas aqui também sou outras personagens, claro.
Ser uma personagem é assim uma maneira de dizer que se está a representar, quer dizer, é assim como ser outra pessoa.

A – Pois, assim como estar a viver na pele de outra pessoa... "ó pra mim a ser uma avózinha" - *(aperta um lenço na cabeça, esconde os dentes e dobra-se encarquilhando o aspecto)*

C – *(Entra uma velha, gemendo)* - A avózinha sou eu, eu é que faço de avózinha...

B – Não há problema, pode haver personagens em duplicado que não há problema nenhum... Como ainda não temos peça, podem ser todos a mesma personagem, uma avózinha... duas avózinhas... três avózinhas...

A – Vamos ser avózinhas... vamos ser todos avózinhas... - *(põem lenços e entram mais três velhas agarradas a bengalas)*

LIBRIA

Cantam e dançam:

Nós somos as avózinhas
já nos doem as perninhas
ai as velhinhas - *(refrão)*
ai as velhinhas
coitadinhas
das meninas
tão cansadinhas
(refrão)
lá vem a morte
vai para trás
vade retro
Satanás
(refrão)

B – Ei, o que é isto? Afinal nós não estamos a representar em condições... Ora reparem... somos avózinhas iguais umas ás outras... isto não pode ser assim... cada avó deve ter uma personalidade própria... Isto assim é um esteotipo...

C – Esteotitetipo

A – ESTEREOTIPO...

B – Um tipo em stereo...

F – Um tipo repetido muitas vezes...

D – Então vamos ser avózinhas diferentes diferentes umas das outras...

(Alteram o visual, socorrendo-se de mais adereços)

E – Quem é o neto queridinho da avózinha, quem é?

C – O menino estuda, faz os trabalhos de casa e só depois é que vai jogar à bola...

B – Rafael, cresce como o teu pai que eu dou-te dinheiro quando fizeres anos...

D – Já te disse, logo à noite quando a tua mãe vier, leva-te e não te quero cá mais...

F – Antigamente é que eram outros tempos... não era como esta juventude de hoje... esta juventude maluca... estragadona... mal educada...

A – Dizem que estou velha, que estou velha, mas hei-de arranjar um viúvo geitoso e vamos ver quem é que se fica a rir...

bibRIA

B – Ah ah ah... a rir me quero eu ver... a minha avó é mais nova que a tua...

A – Ohoh... a minha avó é mais nova que a minha mãe...

E – E a minha é enorrrrrrme...

D – E nós não temos peça...

C – Pois, só falta a peça...

B – E o cenário...

F – E os adereços

A – E as luzes...

E – E o público...

B – *(Vem espreitar à boca de cena)* - Público é coisa que já temos... - *(aponta para o público)* - Esses senhores aí que acabaram de jantar...

A – Comeram tanto que já nem se "alevantam..."

F – Aproveitemos enquanto estão na digestão – (esfrega as mãos na barriga), assim pesadotes, nem refilam...

C – Ó menina, vamos lá ter mais respeitinho pelo respeitável público - *(faz vénia)*

D – Pois, sem eles isto não passa de um ensaio...

B – E a peça?

E – Aí que agora me lembro que a peça é isto.

B – Isto?

E – Isto mesmo. - *(aponta em redor)* - O que é que o encenador disse? - *(imita o encenador)* - ó pá, vocês vão para o palco e improvisam à vontade que o público deve estar a dormir...

F – Ah, pois é... Lembro-me... O encenador disse para sermos espontâneos...

A – Pois, para estarmos à vontade... Com naturalidade...

C – Então para que é que estás nervoso?

A – Nervoso estás tu... não vês que é a primeira vez?

D – Primeira vez?

A – Primeira vez que piso o palco...

D – Ah, eu também...

bibRIA

B – E eu...

C – E eu...

E – E eu...

F – E eu...

A – A primeira vez para todos? Ah ah ah...

B – Por isso é que não temos peça... Não houve tempo...

D – Disseram-nos que tinhamos que estar aqui hoje...

C – Gastámos o tempo a aprender a fazer teatro...

F – Gastámos o tempo...

A – E vai daí...

B – Pois é, e vai daí...

C – E vai daí, a peça é tudo isto que formos dizendo e fazendo... vamos...

D – Vamos ao cenário...

E – Isso, comecemos pelo cenário...

A – *(Virando-se para o público)* - Os senhores e as senhoras tenham mais um bocadinho de paciência que a gente monta isto num instante... - *(os actores montam o cenário, vão buscar mais adereços, deslocam-se com ligeireza pelo palco)*

D – Olha que isto é preciso muito à vontade para estar aqui...

B – É preciso estar descontraído...

C – Pois, com naturalidade...

E – Assim como quando se está sozinho... frente afrente com um espelho... - *(faz caretas para um espelho imaginário)*

A – *(Fazendo exercícios corporais)* - vê se te calas para eu me poder concentrar...

B – Luzes, "amandem práqui umas luzes..."

(Luzes "soft" gerais e um feixe convergente que alargará gradualmente)

B – Está bom... está bom... mais para a esquerda alta... está bom...

A – *(Com voz de circense)* - Atenção... Atenção. Vai ter início o grandioso começo do principio da peça de teatro que se segue agora mesmojá a seguir...

B – Uma história para crianças contada por crianças...

bibRIA

C – Num castelo erguido nas montanhas...

D – Rodeado por impenetráveis florestas...

E – Guardado por enormes dragões...

F – Com bocas medonhas cuspindo fogo...

A – Ehhhhhh... Esperem aí... Quem é que disse que a peça ia ser assim?

B – Então? A peça é o que formos inventando...

A – Está bem... mas não tem que ser assim tão infantil... - *(irónico)* - para crianças... Eu até tenho um papel de adulto... - *(com convicção)* - eu sou o tio Jeremias...

B – Podes usar essa personagem numa história infantil...

A – Não sei, não... acho que deve haver melhor sítio onde possa usar a minha personagem... Uma coisa mais adulta...

C – Mais adulta? Muito mais adulta?

D – Isso? Todos adultos com muitos anos?

F – E já fartos de ser adultos?

E – Bem, então é melhor mudarmos o cenário...

C – Um cenário mais adulto

(Trocam adereços de lugar, acendem mais luzes)

D – Assim está melhor... Tio Jeremias dirija-se à sua marcação de cena... Atenção... começou...

C – Eu sou a marquesa de la Marquise... os anos passaram sobre este castelo... passaram sobre estes salões... passaram sobre este corpo nobre... e se deixaram marcas profundas nestas paredes seculares, nem uma ruga ensombra a beleza do meu rosto...
Já lá vão tantos anos desde aquele triste dia em que o marquês de la Marquise se finou que lhes perdi a conta...
Hoje, sou uma solitária viúva rodeada de serviçais dedicados - *(a quem não pago para não me abandonarem)* - ... mas velhos... já todos tão velhos... que não têm prestimo nenhum... - *(toca a campaínha para chamar o mordomo)* - Baptista... Baptista...

(Os actores estão imóveis em pose de estátua. F limpa o pó com um espanador. Baptista (E) acorre, trôpego, à chamada da marquesa (C))

E – Chamasteis, madame ?

bibRIA

C – Chamei sim.O que temos para jantar?

E – Umas bolachinhas de água e sal com chá de urtigas, que são as últimas novidades da horta...

C – Dai-me o jornal, que estou sem apetite...

(O mordomo abre o jornal e vai virando as páginas uma a uma)

C – Que fastio... deixa estar aí na necrologia... mais um que se finou... o barão de la baronete... um amigo tão íntimo... mas não posso ir ao funeral... era o que faltava... não fazia outra coisa que andar nos cimitérios... anteotem foi o conde da Morcela... ontem foi o duque de ducados e cavalarias... e hoje, este... não vou... não vou...

E – Estamos velhos, madame, estamos velhos...

C – Oh... velhos são os trapos... eu permaneço jovem e esbelta...

E – Madame, madame, os espelhos não vos podem enganar... infelizmente, já não temos espelhos... tivemos que os vender para pagar a conta da luz...

C – Ora... não sejas careta, Baptista... manda subir o jardineiro aos meus aposentos que quero ter uma conversinha com ele...

E – Como desejardes, madame...

(O mordomo sai. A marquesa tira uma garrafa das roupas e bebe uma golada. Entra o jardineiro)

A – Chamasteis, madame?

C – Chamei sim, meu fiel Jeremias...

A – *(Virando-se para o público e esfregando as mãos)* - Atenção, senhores espectadores é aqui que entra o tio Jeremias... tantantantarararatan... - *(virando-se para a marquesa)* - E que me quereis, madame?

C – Quero saber que contas me dás tu do estado dos meus jardins...

A – Jardins, madame? Ah ah ah ah... Quais jardins? Ahahahah... Só temos mato à volta...

C – Mato? E as flores?

A – Só ervas daninhas, madame...

C – Então e as tulipas? E as rosas?

A – A geada queimou tudo...

C – E o lindo repuxo?

bibRIA

A – Está entupido... uma ratazana morta no cano...

C – Ó jardineiro preguiçoso que comes e não trabalhas...

A – Comer? Coentros e rabanetes não enchem a barriga a ninguém... e depois, estou velho, madame... Já não posso com uma gata pelo rabo... de dia para dia sinto as forças a faltarem-me... ai ai ai ai... - *(o jardineiro dá dois passos e cai no chão).*

C – *(Picando o jardineiro com a bengala)* - Baptista... Baptista...

E – Chamasteis, madame?

C – O parvo do jardineiro deitou-se a dormir... Acorda-o antes que babe a carpete

E – *(Tenta levantar o jardineiro, toma-lhe o pulso, encosta-lhe o ouvido ao coração e ergue-se com ar contrito)* – Está morto, madame...

C – Morto? Que ridículo... Será que não tinha outro sítio onde cair morto? Já o devia ter despedido

(O mordomo alinha os pés do morto e junta-lhe as mãos sobre o peito)

E – E agora madame?

C – E agora? Mas que pergunta... Telefonas para a funerária e mandas vir o cangalheiro.

(O mordomo vai ter com "B" que faz de estátua e telefona-lhe por gestos transmitindo-lhe a mensagem)

C – Este mordomo está cada vez mais velho e caquético...

(Entra o cangalheiro que vai por detrás da marquesa tentando tirar-lhe as medidas)

C – Ei? Que é isso? Pára de saracotear à minha volta...

B – Mas estou a tirar as medidas, madame...

C – Medidas para quê? És algum alfaiate?

B – As medidas para o caixão, ora...

C – Seu estúpido, o morto está ali no chão...

B – Ó madame, desculpe, mas como está com os pés para a cova, pensei que...

C – Baptista, ó Baptista...

E – Chamou, madame?

C – Chamei, chamei... enxota-me este ridículo daqui...

bibRIA

(O mordomo conduz o cangalheiro até junto do morto. O cangalheiro começa a tirar medidas)

A – *(Levantando-se)* - Esperem aí... Mas que peça estúpida...

(Os outros abandonam a pose de estátuas)

F – Uma peça sem graça...

D – Sem vida...

A – E eu a desperdiçar a minha rica personagem numa caca destas...

C – Então não eras o tio Jeremias, como tu querias?

A – Não era tio coisíssima nenhuma... Mal entro em cena, digo duas tretas e cadabum... tenho logo que morrer...

F – Eras assim mais como um bisavô...

E – Um bisavô sem bisnetos?

C – Um avô sem netos?

D – Um tio sem sobrinhos?

Todos – É como um general sem exército...

A – Onde é que já se viu? Qual tio Jeremias qual carapuça...

D – Mas tu tens um sobrinho... É o Zezinho... Zezinho, onde é que está o Zezinho?

Todos – Zezinho... ó Zezinho...

B – Sou eu... eu é que faço de Zezinho... Só que estava também a fazer de cangalheiro...

C – Cangalheiro e marinheiro, herói e vilão, é asim o teatro...

D – *(Declamando)* - Esta riqueza de vivências, este eterno jogo de espelhos e realidades que se sobrepoêm...

B – Já estás a declamar... Lá por saberes o texto não tens que o dizer todo sozinha...

D – Como assim, saber o texto todo? Então, não combinámos que os diálogos se construiriam espontâneamente?

B – Pois, mas é que no meio disto tudo, já não sei se estamos a improvisar ou a dizer um texto estudado...

F – Hi... que exagero! Tu sabes muito bem onde acaba o texto feito e onde começas a improvisar...

bibRIA

C – O próprio texto é que provoca a ilusão pois sugere outras pistas...

D – E será que o público se apercebe disso?

F – Bastava perguntar, não é? Contamos-lhe ou guardamos para nós as combinações deste jogo?

A – Oh... os espectadores limitam-se a seguir o fio das nossas conversas... Seguem o fio...

B – Seguem o fio...

C – Seguem o fio...

(Os restantes repetem a mesma deixa, mimando um fio a pecorrer o palco)

A – Pronto, convenceram-me... Volto a morrer - *(cai no chão)*

(Os actores retomam as suas posições, o cangalheiro tira medidas ao morto, o mordomo vem anunciar)

E – Madame, a duquesa de Açorda e Albuquerque vem visitar-vos...

(Entra uma velha polvilhada de branco, deslocando-se numa nuvem de pó)

D – Cara marquesa... - *(dá de caras com o cangalheiro)* Um cangalheiro aqui? Será que a velha marquesa está a bater as botina?

(O cangalheiro tenta medi-la subrepticiamente. Ela evita-o e passa por cima do morto)

D – Cara marquesa, estais cada dia mais jovem...

C – Bondade vossa, duquesa querida...

D – A que se deve a presença decadente desse agoirento? - *(aponta para cangalheiro)*

C – *(Compondo um ar de comiseração)* - Foi o jardineiro que morreu de velho... Um fiel servidor que se finou... - *(limpa uma lágrima)*

D – Oh! Coitado... era tão decorativo...

B – Madame, já tirei as medidas... Vou fazer o caixão e volto já...

C – Um caixão barato que eu não gosto de luxos...

B – Claro, madame... já sabiamos... - *(leva as mãos ao coração, treme e cai no chão)*

(O mordomo vem apalpá-lo, ergue-se e anuncia)

E – O cangalheiro morreu...

C – Mas que contrariedade...

bibRIA

A – *(Levantando-se)* - Pois é... primeiro morri eu e agora morre-me o sobrinho... Isto está bonito está...

B – *(Levantando-se)* - A nossa própria presença aqui é uma aparência...

A – Aparentemente aparente?

F, C e D – Aparente / rente / ente / tente *(REFRÃO)*
Gente sente / gente mente

A,B e E – Água quente / na corrente

F, C e D – *(Refrão)*

A, B e E – Sol ardente / se pressente

F, C e D – *(Refrão)*

A, B e E – É envolvente? / É deprimente?

F, C e D – *(Refrão)*

A, B e E – Realmente / finalmente / certamente

(C e D sobem para uma arca e prescrutam o horizonte)

C – Que vês tu?

D – Vejo personagens vestidas para representar... exibindo-se à superfície...

C – São máscaras que se ajustam à nossa maneira de ser todos os dias...

(Em baixo, no palco, os actores transportam adereços de um lado para o outro)

A – Zezinho? Onde está o Zezinho?

B – Estou aqui, tio Jeremias...

F – Vamos compor um cenário mais apropriado... - *(vão mudando o cenário)*

C – Cenário, cenário... ainda à bocado montámos um cenário alegre e a coisa foi de morte...

D – Não quer dizer que como pano de fundo de um ambiente decadente...

C – O que soava a falso...

D – E ilustrava bem a contradição entre o ser da velha marquesa e o querer parecer...

A – Zezinho, ajuda-me a levantar esta trave...

B – Está bem, tio...

A – Chega para lá... olha que me aleijas..."tás" aqui "tás" a levar uma chapadona...

biblRIA

B – Bem, eu sou o Zezinho... que faço?

F – Vais para a escola...

E – Toma lá os livros...

F – E o boné...

A – *(Saindo debaixo da trave)* - E o tio dá-te um pontapé...

B – *(Fugindo do tio)* - E agora?

(C e D descem da arca)

D – E agora és um cangalheiro deitado numa alcatifa esfarrapada...

C – Num velho casarão decrépito e bolorento...

(Regressam às posições anteriores. O jardineiro cai no chão seguido do cangalheiro. O mordomo repete a última deixa)

E – Está morto, madame...

(As duas velhas abanam-se, sobressaltadas)

D – Ai que não me estou a sentir nada bem... Detesto enterros...

C – Ó filha, não estique também o pernil...

D – Que ideia... Eu?... ai ai ai ai... - *(cai redonda no chão mas com uma certa pose)*

C – Bonito! Era a última amiga que me restava dos tempos de outrora... Que coisa... Mas estava mesmo velhota e xéxé... uf!.. Baptista... ó Baptista...

E – Madame? - *(a marquesa está imóvel)* - Madame? - *(como a marquesa não responde, o mordomo julgando-a morta, apalpa-lhe o pulso e coloca-lhe a mão no coração)*

C – *(Saltando, sobressaltada)* - Ei! Que confiança é essa?

E – Perdão, madame... - *(compondo-se)* - Chamasteis, madame?

C – Chamei, sim.. Limpa-me o salão e enterra-os no quintal... Sempre adubam as hortaliças...

E – *(Curvando-se e recuando)* - Sim, madame...

(O mordomo tenta arrastar os corpos deitados, vem à boca de cena, arfando e cai no chão, exausto).

C – Baptista? Baptista? - *(vai baixando o tom)* - Baptista, Baptista...

(Levanta-se, tropeça, pica o mordomo com a bengala e volta a sentar-se).

bibRIA

C – Que coisa... morreram todos... ai... só múmias... cadáveres petrificados a toda a minha volta... ai... morro de tédio... - *(morre e resvala para o chão)*

(F deixa de limpar o pó com o espanador, vem sentar-se na cadeira, arranja o cabelo)

F – Olá carríssimos... a verrrdadeira marrrquesa de la marrrrquise sou eu... Os anos passarrraam porrr mim sem deixarrrr marrrrcassss...

D – *(Levantando-se)* - Cá para mim estamos a aborrecer o distinto público...

F – É melhor acabar por aqui antes que o caldo se entorne...

(Levantam-se todos)

C – Vocês acham que estamos a ser chatos?

A – Chatérrimos...

B – Olha para a cara desses infelizes...

D – Então é melhor desmontarmos tudo...

A – Se é para acabar aqui, acabe-se...

(Desmontam o cenário e arrumam o palco)

A – Acendam as luzes...

B – O espectáculo chegou ao fim...

F – Hoje não há mais ...

C – Boa noite a todos...

D – Foi um prazer estar aqui convosco...

E – Um enorrrrme prazerrrrr...

A – Não se esqueçam de aplaudir.

FIM

bibRIA

Mas afinal quem somos nós?

Guarda roupa - Timorenses: calça e camisola preta
Indonésios: calça e camisola preta + fita vermelha ou traje militar - (camuflado)

A1 sentado à esquerda alta do palco com um Tambor - (congas) - entre as pernas.
Um lastro verde está estendido no chão do palco.
Por baixo, adivinham-se vultos.
O lastro está disposto em forma de meia lua, tentando aparentar os contornos da ilha de Timor. Ao fundo do palco, os indonésios estão de costas, imóveis.

A1 atira um tecido militar - (camuflado) - para cima da ilha de Timor e diz :

Timor sobrevive sob o jugo militar!

Os elementos debaixo do lastro contorcem-se enquanto A1 toca o tambor.
O ritmo aumenta de intensidade e pára bruscamente.
Um dos timorenses emerge arrastando-se para fora do lastro verde e grita com desespero. A música do tambor recomeça e a cena repete-se as vezes necessárias até todos terem saído debaixo do lastro. O tambor faz-se ouvir mais uma vez e cala-se.

Os indonésios viram-se para a boca de cena e investem contra os timorenses com varapaus.
Estes, tentam organizar-se mas não conseguem resistir e são vencidos.
Três deles são arrastados e empilhados num monte a meio do palco. - (canto colectivo da Indonésia)

Quando as vozes se calam, todos ficam imóveis, pendentes na posição em que se encontravam - (passa um poema em voz off)

Ó Timor, meu irmão
que sofres e choras
na língua que nós te ensinámos
esperando que não aconteça nada
oxalá não aconteça nada
Deus queira que não aconteça nada

bibRIA

Música dos Madredeus - (os senhores da guerra).
Os timorenses que estão de pé, falam, mantendo-se todos imóveis.

A2 – Mãe

A3 – Pai

A4 – Porque sofrem os nossos irmãos?

A5 – Nós não sabemos mas queremos saber

Todos - Nós não sabemos mas queremos saber.

Tambores
Os indonésios abafam as tentativas dos timorenses se aproximarem dos caídos e batem com os varapaus no chão, agredindo os sobreviventes e arrastando-os também para a pilha de corpos.

Voz Off:

O anjo gritou até enlouquecer as pedras
que são o preço do sangue
que são o preço da angústia
que são o preço da liberdade

A5 – Podemos perdoar os nossos carrascos?

Todos os Timorenses – Nós queremos perdoar...

Todos os Indonésios – Não!

Ficam imóveis. Voz Off:
Indonésios, deixem os nossos irmãos viver em paz

Todos os Indonésios – Não!

Música dos Pink Floyd - ("don't leave me now")
Os timorenses tentam arrastar-se para fora do monte de corpos. Os indonésios agridem-nos. Dois a dois, enquanto passa a música, cada indonésio se ocupa de um timorense. O cenário é de massacre. Penumbra intercalada com clarões fortes.
Cada par representa um aspecto de violência possível quando os direitos humanos não são respeitados.

biblRIA

Termina a música. Imobilizam-se. Passa o poema de Fernando Sylvan em voz off :

Todos já vimos
nos jornais, no cinema, na televisão
retratos de meninos e meninas com armas na mão
Todos já vimos
nos jornais, no cinema, na televisão
retratos de meninos e meninas que morreram
com armas na mão
Todos já vimos
E ENTÃO?

Durante a leitura deste poema, os indonésios convergem para o centro do palco, de costas uns para os outros, em atitude de defesa. Quando se encostam uns aos outros, sempre de costas, vão-se abaixando lentamente, na vertical, até estarem de cócoras.
Os timorenses levantam-se, rodeiam os indonésios e, de mãos dadas, cantam:

Ai Timor, calam-se as vozes dos teus irmãos... - *(Trovante)*

De seguida, dirigem-se ao fundo do palco e trazem, cada um deles, uma placa com uma letra. Alternando com os imóveis indonésios à boca de cena, formam a palavra T I M O R . Um deles não tem letra na mão mas uma flor. Diz:

Pedem-me um minuto de silêncio pelos mortos mauberes!

Os outros respondem em coro:

E digo que nem um minuto me calarei! - *(Fernando Sylvan)*

Novamente a música dos Trovante.
Todos cantam. Vão buscar pessoas à plateia e os indonésios são diluídos na multidão.

Fim

biblRIA

bibRIA

Ecologia é Vida

Penumbra. Vários destroços espalhados pelo palco. À boca de cena, rente ao chão, um friso de chaminés de fábrica, fumegantes. Nas laterais, dois archotes, ardendo. Ao fundo, alinhadas de costas para o público, várias batas claras. Nas costas de cada uma delas, uma letra. A palavra é PLANETA. Podem começar por estar desalinhadas. Por exemplo: TALPNEA.
Em voz off, ouve-se:
Atenção aos últimos passageiros... O último transporte para longe daqui está prestes a sair.
As batas claras trocam sucessivamente de lugar até formarem a palavra PLANETA.
Um holofote percorre as letras, uma por uma. Ruído de sirene.

Penumbra. Música japonesa. Vários fatos macacos levantam-se lentamente do chão e, erguendo os varapaus, soltam um grito holofrásico. De imediato, batem cinco vezes no chão, ao centro do palco, em meia lua, lutando depois entre eles. Gritam e grunhem ferozmente. O holofote varre a cena, várias vezes. Clarões intermitentes. De cada vez que um deles parece estar a dominar os outros, estes reagem com mais energia. Tambor forte. Avanços e recuos. A música pára. Os fatos macacos imobilizam-se na posição em que se encontravam.

Penumbra. As batas viram-se de frente e, lentamente, muito lentamente, varrem o palco, a imundície, o esterco dos fatos macaco.
Uma delas, grávida, limita-se a rodopiar por entre as estátuas, com um ar absorto, aparentemente feliz. A luz enche lentamente o palco, volta a descer, sobe novamente, etc.
Em voz off, ouve-se um poema, a três vozes:

Vai a caminho de Marte
Um foguetão de refugiados

Quem sabe do que se escapam
Quem sabe do que vão fugindo

Consta da lista uma grávida
com ar de Madona antiga

chegou à pista de embarque
mesmo à hora da partida

E traz escrito na face
aquilo que decidira:

LIBRIA

não quer que seu filho nasça
na Terra que vai perdida

Dão-lhe razão! Todos sabem
que funda razão lhe assiste

todos conhecem o estado
que a pobre Terra atingiu

(todos)

todos gritam sentindo
suas vozes ecoar em vão

Penumbra. As batas estão á boca de cena, de costas para o público.
Música japonesa. Clarões intercalam com escuridão. Os fatos macacos dão dois passos para trás e, fazendo meia volta rápida, viram-se para as batas, gritando de fúria. Estas, deixam cair as vassouras no chão.
Os fatos macacos investem sobre elas e fazem-nas rodopiar até cairem no chão. Cobrem-nas com a rede verde. Espalham lixo e outras imundícies sobre os seus corpos. Máquina de fumo - (uma baforada). - Enquanto dura esta cena e como prolongamento da música japonesa, quase imperceptível, a partir do momento em que as batas jazem no chão, ouve-se em voz off:

Na Terra já não há carícias, nem beijos, nem compaixão
Vendem-se revólveres, metralhadoras, bombas atómicas

A Terra gira e nós também!
A Terra morre e nós também!

Não é possível parar o turbilhão
há um ciclone invisível em cada instante

Os pássaros voam sobre a própria despedida
as folhas vão-se e nós também

Não é vento, é movimento, fluir do tempo
Amor e morte.

(A leitura deve traduzir dor e sofrimento)

Penumbra. Música japonesa. Os fatos macaco regressam às suas actividades bélicas. O holofote passeia-se pelo palco. A música pára.
Clarão. Um fato macaco grita: Não consigo respirar... Clarão. Outro, grita também: Ar... Ar... Ar... falta-me o ar... A música japonesa continua. Máquina de fumo - (uma baforada). - Os fatos macaco lutam, mas sentem-se as suas respirações cada vez mais pesadas e difíceis. A música pára. Clarão. Um fato macaco grita:

bibRIA

Oxigénio... Oxigénio... Clarão. Outro, grita: Deixem-me respirar... Ahhhhhh! Clarão. Outro, ainda: Ai a minha garganta... Clarão. Um último: Socorro...sufoco... Clarão. Os fatos macaco tombam no chão e contorcem-se em convulsões. Arrastam-se e estendem as mãos suplicantes, para o público. Som de tambor ou congas, com estrépito.
Em voz off:

Está gente a morrer agora mesmo em qualquer lado
Está gente a morrer e nós também!

Um fato macaco levanta-se e pergunta: Podemos salvar-nos?
Um fato macaco levanta-se e pergunta: Ainda é possível salvarmo-nos?
Um fato macaco levanta-se e diz: Se é possível, salvemo-nos...
Um fato macaco levanta-se e diz: Porque esperam? Salvemos a Terra!

Correm todos a destapar as batas, ajudam-nas carinhosamente a erguer-se, limpam o chão e recolhem o lixo em baldes. Um deles vem à boca de cena apagar algumas chaminés e colocar filtros noutras.
A luz é geral, colorida de preferência. A música é alegre. Ouve-se, em voz off:

Já não vão a caminho de Marte
como quem foge à desdita
Mas há muito trabalho a fazer
se querem recuperar a Terra

A mulher grávida sorri
sonhando um futuro distante
para o filho que carrega.

Enquanto passa o poema, os fatos macaco juntam os varapaus, atam-nos ao alto com um lenço, formando uma tenda índia que cobrem com um tecido garrido. A mulher grávida está sentada, em posição de lotus, lá dentro - (mais à entrada do que lá dentro). - Os fatos macaco recolheram o lixo e não estão visíveis. Luz geral. As mulheres, em meia lua, afadigam-se junto da parturiente. A cena é obrigatoriamente rápida. Choro de criança:

Ua... ua... ua... ua...

As mulheres, orgulhosamente, erguem uma bola, representando o planeta. Música apoteótica - (2001, Odisseia no..., por exemplo).

Uma a uma, as batas claras vão buscar os fatos macaco. Cada um dos actores traz uma letra, formato A4, na mão. Dispõem-se em linha à boca de cena. Formam a frase: ECOLOGIA É VIDA. *A bata puérpere vem, por último, com a palavra VIDA num único cartaz. Enquanto batas e fatos se alinham, ouve-se em voz off:*

biblRIA

Pelo sonho é que vamos
comovidos e mudos
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos
basta a esperança naquilo
que talvez não teremos
Basta que a alma demos
com a mesma alegria
ao que desconhecemos
e ao que é do dia a dia

Chegamos? Não chegamos?
Partimos. Vamos. Somos.

Fim.

Os actores agradecem. Facultativo: largada de balões com mensagens sobre a Terra. Som de tambor festivo.

Composição têxtil a partir de vários tecidos de diferentes autores: Sebastião da Gama, Manuel Alegre,Sidónio Muralha e David Mourão Ferreira.

bibRIA

Amor em tempo de guerra

Escuridão.
Sons bucólicos da natureza. A água de uma cascata, pássaros chilreando, ovelhas balindo e chocalhos.

Relâmpago.
Sons de aviões. Rajadas de metralhadora. Tiros. Bombas. Granadas.
Clarões intermitentes. Fumo.

Penumbra.
Palco nu. 10 actores vestidos de farrapos, descalços, avançam lentamente, em linha, para a boca de cena. Alguns trazem sacos e malas. Faces lívidas, olhos esbugalhados, destilam desespero.
Pestanejam e protegem os olhos com as mãos sempre que há clarões mais fortes. Encolhem-se quando sentem as bombas. Agacham-se para evitar as rajadas.

1 – *(Olhando o céu)* - Deste lado não parecem cair tantas...

2 – O meu marido morreu aqui, ontem...

3 – Se passarmos depressa talvez não aconteça nada.

4 – *(Em surdina)* - Caminhem e não falem tanto...

5 – Eu tenho medo...

6 – Não tenhas... eu... Ai! Aiii

Os outros ultrapassam-no, repetindo-se o processo anterior.

9 – Já repararam que eles acertam nos que vão à frente?

Movimento de recuo geral.

10 – Mas eu tenho medo... - *(noutro tom)* - Foi aqui que perdi a minha boneca... Vou procurá-la... Ai! Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.... Dói tanto... Não me abandonem... - - (chora).

Os outros avançam. O nº5 cai também. Repete-se o mesmo processo.

1 – É horrível!

2 – É medonho!

3 – Maldita guerra...

4 – Mais depressa... vamos mais depressa... - *(aceleram a marcha)*

5 – Pai Nosso que estais no Céu...

6 – *(Tropeçando)* - Não disparem mais...

7 – Irmãos, não atirem...

8 – Deixem-nos passar...

9 – Nós estamos a fugir...

10 – Nós estamos a ir embora...

1 – Fugimos da guerra...

2 – Não nos matem...

3 – Por amor de Deus...

4 – E os meus filhos? Onde estão os meus filhos?

5 – *(Chorando)* - Perdi-me da minha mãe... Não sei da minha mãe...

6 – Ardeu tudo... - *(soluça)* - Ardeu tudo...

7 – Fiquei sem nada... Perdi tudo... Ai! Aiiiiiiiiiiiiiiii...

(Cai no chão, gemendo)

Os outros avançam, repetindo-se o mesmo processo.

8 – Se nos pudessem dar um bocadinho de pão...

9 – *(Gritando)* - Não disparem mais, porra!

10 – *(Tremendo)* - Estou cheio de febre... dói-me o corpo todo...

bibRIA

1 – *(Gritando)* - Não gritem, por favor... dói-me tanto a cabeça...

2 – *(Imobilizando-se)* - Pararam de disparar...

3 – Não se ouvem mais bombas...

4 – Terá acabado?

5 – Viva! Acabou!

Rajada. O nº5 cai. Metade do corpo pende para o fosso de orquestra. Mais rajadas. Agacham-se todos com a cabeça entre os braços.

6 – Miseráveis!

7 – Bandidos!

8 – *(Chorando)* - Piedade! Piedade! Piedade!

9 – Não aguento mais... - *(levanta-se, projecta-se para a frente e cai gritando desesperadamente)*

10 – Não vale a pena. Morre-se sempre...

1 – Tenho esperança... Esperança que isto acabe um dia...

2 – *(Chorando convulsivamente com um bébé ao colo)* - Diz-me que não morreste, meu amor... olha para a mãe.... não me deixes...

3 – Tenho saudades de quando não era assim...

4 – Não ouvem?

Os outros entreolham-se, intrigados.

4 – Não se ouve nada... - *(entusiasma-se)* - Não se ouve nada desde há bocado...

6 – Parou? Será que parou?

7 – Graças a Deus!

8 – Pode ser por pouco tempo...

10 – E pode estar já a começar em qualquer lado...

1 – Mas aqui, agora, parou... Pode até nem haver mais...

2 – Viva! Parou... parou... parou....

Abraçam-se, dão as mãos, acariciam as faces uns dos outros, saltitam alegremente.

3 – Eu não quero saber de mais guerras...

4 – Nem ódios...

bibRIA

6 – Nem violência...

7 – Aqui e agora!

8 – Em Angola...

10 – Na Bósnia...

1 – Na Palestina...

2 – Na Argélia...

3 – Na Techtchénia...

4 – No Ruanda...

6 – No Paquistão...

7 – Na Somália...

8 – Em Timor...

10 – Em qualquer lado da Terra...

Avançam até ao limite do palco.

1 – Procuremos uma palavra nova...

2 – Uma palavra que nos traga paz...

3 – Não há palavras novas...

4 – Todas as palavras são velhas...

6 – Temos é que as sentir...

7 – Para que entendamos o seu significado....

8 – Tolerância...

Os outros descem para a plateia, misturando-se com o público e repetem: Tolerância!

8 – Solidariedade...

A cada palavra dita pelo nº 8, os outros repetem, martelando as sílabas. O nº 10, discretamente, vai-se vestir de Pai Natal.

8 – Amor... / Compreensão... / Fraternidade...

Esta última palavra é repetida várias vezes. O nº 8 desce também para a plateia, como se procurasse os outros. O tom de "fraternidade" será interrogativo.

bibRIA

No palco, luz geral. Os actores nº 5 e nº 9 levantam-se, despem as camisolas e simulam lutar entre eles, corpo a corpo. Som de batuques. O Pai Natal sobe ao palco. Transporta um saco transparente cheio de pistolas e metralhadoras. Aproxima-se dos dois lutadores e, de pernas abertas e mãos nas ancas, diz:

Olá! Trago brinquedos maravilhosos para os meninos...

Os lutadores interrompem a luta e estendem as mãos para o Pai Natal.
Os outros actores acorrem ao palco, gritando com firmeza:

FRATERNIDADE!

Posicionam-se em meia-lua com o Pai Natal no meio. Continuam a murmurar a palavra "Fraternidade". Os lutadores olham-se nos olhos e abraçam-se. Ficam com as mãos nos ombros um do outro.

5 – Obrigado, mas já somos crescidos.

9 – Não precisamos de lutar uns com os outros.

Pai Natal – Então acabaram com este tipo de encomendas. Ainda bem!

(Despe a roupa de Pai Natal)

Os outros envolvem os braços uns nos outros, em linha.

1 – Somos jovens...

2 – Todo o amanhã nos pertence...

3 – Podemos, se quisermos...

4 – Decidir um novo rumo...

5 – Sem guerras...

6 – Perseguições...

7 – Intolerâncias...

8 – Repressões...

9 – E medos...

O nº 10 traz uma faixa e desdobra-a a partir do nº 1, ficando ele a segurar a ponta, no outro extremo da linha.
Cantam - (por exemplo: Os senhores da guerra, CD "Espírito da Paz" dos Madredeus).

bibRIA

Na faixa lê-se:
TEMPO VITALÍCIO DE FRATERNIDADE ENTRE OS HUMANOS

Fim

O. do B.
5 de Março 95

Letra de " Os senhores da Guerra" :

Lá fora estão os senhores da Guerra
e cantam já hinos de vitória
qual é a história desta terra?
é o medo
ali mesmo

Cá dentro estão os homens à espera
unidos no destino da Terra
já não há memória de Paz na Terra
e o medo
ali mesmo

Ó Terra
mais um dia a nascer
ai, é menos um dia a perder
é tão pouca a glória duma guerra
e os homens que as fazem sem vitórias
já não há memória de Paz na Terra
e o medo
ali mesmo.

bibRIA

Alunos de hoje / Professores do amanhã

Peça em um único acto
com 3 cenas à procura de um título

Cenário único: Pano de fundo sobre uma estrutura que pode ser um andaime. A cor do pano é branca crua. Luzes difusas apontando das laterais para o centro.

1ª cena

Ao abrir a cortina, estão vários actores pendurados no pano de fundo, através de cordas nos braços e nas pernas. As roupas são escuras e justas ao corpo.
No centro do palco um actor pedala numa bicicleta de ginásio. Tem um capacete na cabeça e uma garrafa de água a tiracolo.
Durante alguns minutos pedala compenetradamente. Bebe água de vez em quando. A bicicleta chia e range à medida que as pedaladas se tornam mais furiosas. O actor arqueja. Os outros actores, suspensos no pano de fundo, agitam-se e gemem.

A – *(Continuando a pedalar)* - Mais um ano lectivo... preparar mais um ano lectivo... requisição de professores... requisição de professores... um horário zero... um horário inferior a zero... um horário e três avos... a quinta parte de um professor... dois destacamentos... quatro partes de uma acumulação... mais requisições... um horário completo...
(Erguendo a voz) - saiem cinco horários para contrato a prazo e três horários para professores completos, de preferência profissionalizados e com lugar do quadro.
(sempre a pedalar, desdobra uma folha de papel e escrevinha) - Ofício número tantos dos tantos, dirigido à excelentíssima coordenação, com data de tantos a tantos e tantos. Cumpre-me informar que a requisição para este ano, atendendo à fraca colheita de alunos, será a seguinte: terréutetéu... terreteteu... terréutetéu... terreteteu... terantantan... terantantan... tantantantan... Assim, gratos pela amabilidade de Vossa Excelência, aguardo resposta breve, assinado tantos dos tantos em tantos dos tantos.
(dobra a folha, faz um avião e atira-o para o público)
A requisição já está... vou desligar o motor e pôr em ponto morto.
- *(Fica quieto, imóvel, olhando para o público)*

Depois de algum silêncio, vários aviões são atirados da plateia para o palco. O actor grita: "Chegaram os professores", desmonta da bicicleta, recolhe os papéis, aparenta consultá-los e dirige-se ao pano de fundo, soltando as cordas dos actores suspensos. Estes ao cairem no chão, rebolam-se de gozo, apalpam os braços no sítio das ataduras e erguem-se lestamente à voz de comando do actor A.

A – Já estamos atrasados. Apresentam-se hoje e começam amanhã. Nome, número e posto.

B – Quadro de zona pedagógica, assistente de oficial dia, pau para toda a colher...

A – Número?

B – Número constante do processo individual, barra, alínea, traço, ponto.

A – A seguir.

C – Quadro de nomeação definitiva sem vaga de quadro, operacional de milícias, especialidade talheres...

A – Número?

C – Número ainda por definir estatísticamente por gralha infinitesimal no cálculo do zénite.

A – A seguir.

D – Quadro de nomeação definitiva com destacamento por preferência conjugal, oficial no activo, especialização aos fins de semana.

A – Número?

D – Número desaparecido em combate com aproximação às décimas.

A – *(Enfastiado)* - A seguir.

E – Quadro a aguardar nomeação definitiva com profissionalização em serviço, medalha de mérito próprio e guarda de honra aos domingos e feriados.

A – Número?

E – Numericamente incalculável por defeito na leitura óptica com arredondamento à unidade de primeiros socorros.

A – *(Cada vez mais enfastiado)* - A seguir.

F – Habilitação própria e contratado para todos os efeitos com efeito a partir deste momento.

A – E número? Está numerado?

bibRIA

F – *(Como se apregoasse a lotaria)* - Doze mil e quatrocentos milhões, trinta e nove mil e duzentos e noventa e nove... Anda amanhã a roda...

A – Muito bem... estão apresentados... mostrem as vossas habilidades...

Os actores gesticulam e falam apressadamente como se estivessem a dar uma aula.

A – Atenção... Você aí, pede-se mais moderação nos gestos... e você, veja se endireita o tronco... hei, não olhe tão de frente os alunos... pode provocá-los... Sentido!
Muito bem... Vamos começar amanhã! Podem gozar o resto da tarde...

Volta a montar na bicicleta e recomeça a pedalar. Os outros actores correm a cortina, terminando a 1ª cena. Como alternativa pode haver um "black out".

2ª cena

Os actores atravessam o palco em todas as direcções, desenrolando cordas que amarram nos ganchos dispostos nas laterais. Nas cordas estão pendurados várias dezenas de babetes. Música acelerada alternando com música mais lenta. Os actores comportam-se como se cada fila de babetes fosse uma turma de alunos. As falas seguintes serão repetidas várias vezes por cada actor.

B – Claro que não aprendem... Umas cabeças no ar...

C – Explicações à hora é do que vocês estão a precisar...

D – Eu mandei decorar essa página e tu não decoraste nem metade...

E – Virados para a frente, meninos... virados para a frente, meninos...

F – Já é a terceira falta de material que apanhas esta semana...

Os actores trocam de turmas e continuam a repetir as mesmas falas.
Voltam a trocar de turmas e dizem as deixas uns dos outros.
Viram-se para o público e cada um diz todas as deixas. Primeiro, individualmente e depois todos em coro.

Todos – Claro que não aprendem... umas cabeças no ar... explicações à hora é do que vocês estão a precisar... eu mandei decorar essa página e tu não decoraste nem metade... virados para a frente, meninos... virados para a frente, meninos... já é a terceira falta de material que apanhas esta semana...

A – *(Entrando, com um saco às costas)* - Então, pessoal? Está tudo a correr bem? - *(os outros assentem, alegremente, com a cabeça)* - Sim senhor... trouxe-vos mais uns formulários para preencherem e umas minutas para declararem... não se esqueçam também dos relatoriozinhos diários e das actas de reunião por cada cinco sumários, em papel três vezes duplicado. E já sabem: não vale fazer batota... não se aceitam fotocópias - *(sai, deixando o saco)*.

bibRIA

Os actores abrem o saco e tiram maços de folhas de vários tamanhos. Sentam-se à boca de cena, com as pernas bamboleando para o fosso, enquanto escrevem nas folhas que depois atiram ao ar.

B – Se não me despacho não chego a tempo à fábrica...

C – E eu ainda tenho duas para dar hoje no técnico...

D – Então e os meus miúdos das explicações que já estão há meia hora sentados à espera?

E – Se não fosse isso, com o mal que a gente ganha... nem dava para trocar de carro...

F – E ainda querem que a gente se dedique à profissão... A mim o que me vale são os perfumes e a bijuteria...

B – Ainda ontem, o filho da minha empregada me contou que a namorada do primo dele tem um vizinho que só é engenheiro electrotécnico há dois anos e não só já ganha mais do que eu como até tem carro da firma.

C – Então havias de ver a esteticista da minha mulher que ganha mais do que eu e a minha mulher juntos.

D – Pois eu digo-vos que tiro mais em explicações por fora do que com este ordenado de professor.

E – Porque não estás colectado... se descontasses nos impostos lá se ia o lucro todo...

F – Eu, nos perfumes, como é à percentagem, sou obrigado a descontar... agora na bijuteria é que eu me safo bem com as comissões...

B – Pronto... acabou-se a papelada... - *(espreita para o fundo do saco)* - por hoje não há mais papéis. Vamos lá a fazer a reunião a ver se nos despachamos...

Levantam-se. Dirigem-se às turmas e passeiam por entre elas.

B – Este anda-se a portar mal... Ainda hoje me respondeu torto.

C – Já vêm mal educados de casa e a gente que se amanhe.

D – Parece que lá em casa o ambiente não é grande coisa.

E – O costume: o pai bebe e bate na mãe, os irmãos drogam-se, a irmã prostitui-se e o aluno já foi apanhado a roubar nos balneários...

F – Se fosse só isso... mas sei de fonte segura que o aluno trafica bicicletas e costuma dar-se com os ciganos...

B – Não sei o que é que anda um tipo destes a fazer numa escola...

bibRIA

C – Esta coisa da escolaridade obrigatória é que não nos deixa agir...

D – Fica cá a corromper os outros...

E – Viste ontem? Furaram os pneus ao Sopa de Massa...

F – Então e a mim não me riscaram as portas do meu Opel Astra? Um prejuízo para cima de cem contos... sabes que o metalizado não se pode só pintar aos bocadinhos... quando é a pintar tem que ser a porta toda... senão fica às manchas... Uns Vandâlos...

B – Se um dia apanho um a mexer-me no carro, escaqueiro-o todo...

C – Sabes que não te podem ver...

D – Podes apanhar com um processo disciplinar...

B – E eu não sei?

E – Só se perdem as que caem no chão...

F – Bem, vamos ao que interessa... este aluno está em riscos de chumbar... - *(puxa pelo babete)* - está preso só por um fio... Ao mínimo desatino vai de vela...

B – *(Puxando com mais força)* – Lamentável! - *(o babete cai)* - Não foi porque não o tivessemos avisado...

C – Um malandrão... Completamente desinteressado das aulas...

D – Não conseguiu superar as suas dificuldades de aprendizagem...

E – Não atingiu os objectivos mínimos propostos para a disciplina...

F – Terá que ficar retido até nova avaliação...

B – Não se safa... é um inadaptado social...

Os actores, deslocando-se por entre os babetes, vão puxando alguns para o chão.

C – E este? O que é que me dizem deste?

D – E este, então? Ou este?

E – Já agora, vamos analisar este...

F – Não me importo de ficar com fama de ruim... Comigo é que não gozam... Este, este e este, tenho-os debaixo de olho...

Quando todos os babetes estão espalhados pelo chão, os actores imobilizam-se, estarrecidos.

B – O que foi que fizemos?

bibRIA

C – Sem alunos, estamos condenados...

Atiram-se ao chão e recolhem alguns babetes, alisando-os com todo o cuidado.
Blackout

3ª cena

Penumbra.
Projectores varrem a cena como holofotes de um campo de concentração, os actores estão deitados no chão, olhando para o tecto.

A – No meu tempo, tinhamos mais respeito pelos professores.

B – E medo. Tinhamos muito mais medo.

C – Medo? Terror! Eu sentia terror.

D – Eu nunca gostei de palhaçadas. Os meus professores sabiam impor a sua autoridade.

E – Eu tive alguns professores porreiros.

F – Porreiros? O que é um professor porreiro?

A – Deve ser um professor baldas que deixa trepar os alunos...

B – Deixa-os fazer o que querem.

E – Não! Não me refiro a isso. Um professor porreiro era um professor que nos entendia. Mesmo naqueles tempos difíceis havia professores com quem se podia estar à vontade.

C – Na bandalheira!

D – Sem disciplina não há aprendizagem.

E – Eu tive um professor que conversava connosco e ouvia os nossos problemas.

F – Parvo! Os adolescentes não têm problemas.

A – Inventam-nos.

B – Lembro-me do Caveira. Um bom homem. Só me castigou uma vez. E eu mereci. Fui apanhado a copiar a definição dos Protozoários. Não me disse nada. Deu-me uma bofetada tão grande que até o sangue do nariz saltou para a parede. Tive as notas tapadas no fim do período e os meus pais tiveram que pagar a lixívia e depois a pintura da parede. Levou duas demãos de tinta para ficar bem.

bibRIA

C – Eu nunca fui castigado. Os professores gostavam muito de mim. Era sempre eu que apagava o quadro e dununciava os mal comportados. Uns ingratos. Eu nunca tive razão de queixa. Mesmo daquela vez em que me caiu o cromo do Eusébio e eu me abaixei para o apanhar... O professor Ratazana pisou-me a mão e ficou assim até ao fim da aula. Só tenho pena do cromo que era raro e nunca mais encontrei outro para a colecção.

D – Eu sempre fiz tudo para agradar aos professores mas eles tomavam-me de ponta. Não gostavam do meu cabelo espetado. Eu pedia tanto aos meus pais que não me levassem áquele barbeiro mas eles não me davam ouvidos. Isso foi antes de eu ser careca... antes de ser careca. Mesmo cá fora no recreio, quando se queriam divertir à minha custa, até os professores se vinham rir para a janela. Ainda me lembro nitidamente dos nomes que me chamavam: cabelo de piaçaba; cabelo de piaçaba; escova de arame; escova de arame...

(Enrola-se sobre si próprio e grita)

E – Eu lembro-me dos professores porreiros. Os outros, tento esquecê-los. Não aprendi nada com eles. Ou melhor aprendi. Aprendi a evitá-los e a não os imitar...

F – Foi por isso que quis ser professor. Para não ser tão bera como os outros.

E – Eu sempre senti que a Educação não tinha nada a ver com filhos da puta. E esta sensação dá-me esperança.

(Os actores começam a levantar-se lentamente)

A – A nossa função é transmitir conhecimentos.

B – A esperança, a nossa única esperança é que eles aprendam o que lhes ensinamos.

C – Ensinar o quê? Se calhar não estamos a ensinar.

D – Se calhar não sabemos ensinar.

E – Lá fora, o mundo continua a girar e nós aqui fechados dentro destas paredes, tentando transmitir conhecimentos que nem nós sabemos aplicar à realidade exterior.

F – Nem nós sabemos se ainda têm aplicação lá fora.

A – Desde cedo que aprendi a dominar os sonhos. A encerrá-los no domínio das quimeras para que não me pertubem no contacto com a realidade.

B – Eu já deixei de sonhar há muito tempo. Tenho muitas despesas com a educação dos meus filhos. Não tenho tempo para devaneios.

bibRIA

C – Às vezes, de manhã, acordo com vontade de chegar à escola e fazer tudo de maneira diferente. Mas quando saio de casa já esqueci tudo.

D – Eu vou-me embora daqui. Talvez ainda tenha tempo de fazer alguma coisa.

E – Eu gostaria de fazer ainda alguma coisa por mim nesta vida. Se tiver tempo.

F – Na linha do horizonte. Tenho que me lembrar de procurar na linha do horizonte.

A – Não será tarde demais?

Todos – Talvez nunca se possa dizer que é tarde demais...

A – Talvez?!!

Saiem em passo de ganso

FIM

bibRIA

O Último Viriato

Como cenário ideal, as próprias ruínas de Conímbriga.

Narrador:

Sentei-me sobre o áspero musgo incrustado na lage de ardósia.
Viriato, o homem cujas virias enchiam a metade mais musculosa do antebraço e gastrónomo de massas encefálicas, já lá se encontrava sentado.
De costas um para o outro, bebemos da velha cerveja celta, descontraidamente absortos na muda contemplação de nós mesmos.
A lua cheia, evoluindo num céu sem nuvens, espalhava uma claridade quase diurna.
A tarde fora quente e se o vento sul nos secara as narinas, a poeira levantada picava-nos as gargantas como aguilhões de ferro em queimaduras recentes.
Duas centúrias de latinos jaziam lá em baixo, no leito do rio seco.
Perseguidos pelo sufocante fumo da estopa incandescente, morreram abraçados às pedras habilmente despenhadas dos lugares cimeiros.
Ainda houve alguma luta corpo a corpo mas as sortes, lançadas de antemão, deram a vitória aos homens dos clãs.
Feridas, se as houve, depressa fecharão que para isso servem as mezinhas dos nossos curandeiros.
Agora a noite é de alegria. Na clareira, os homens saciam os apetites festivos nas opíparas cabeças dos latinos. Um pouco perfumadas de mais, mas úberes de abundante miolo, graças ao qual os espíritos dos clãs se tornarão ainda mais fortes.
O homem da planície ousou finalmente introduzir a cabeça por entre as minúsculas folhas de um medronheiro em flor.
Ditalco lhe chamavam e vinha da família dos Turdulos. Seguindo-o como um cão castigado apresentava-se Audax, um escravo cónio foragido de Conímbriga.
Bastante anãs são estas folhas, tão minguadas de seiva como carentes de terras menos agrestes, prefaciou Ditalco, querendo espantar-nos com o seu vocabulário de lusitano romanizado.
De costas um para o outro, Viriato e eu, ofertámos-lhes o silêncio das nossas libações.
Eh! Montanheses! Invectivou o homem da planície enquanto atravessava a esparsa folhagem, assomando à lage de ardósia: Mais facilmente se bebe o trago do que se saudam os companheiros de luta, hem?

bbRIA

Escudando o melífluo Audax que não ousava erguer os olhos, Ditalco, o prolixo homem da planície, surpreendido com o nosso mutismo, postou-se atrevidamente, de mãos nos quadris, frente a Viriato, interpelando-o:
Ó bebedor de água de cevada, porque te casaste com a filha do meu rei se não te deitas com ela? Afinal, dizes que somos decadentes, que estamos romanizados, que nem somos dignos de beber da tua cerveja e fazes alianças com o meu povo?

Sem rancor, só por curiosidade, ainda Viriato relanceou os olhos distraídos pela cabeça do visitante. Outrora ter-lhe-ia saboreado a suculenta mioleira de inimigo facilmente vencido.

Nos seus braços de rija têmpera, tilintavam ainda as orgulhosas pulseiras virias, como signos de prestígio, conquistado em razias e pilhagens nas surtidas à planície.
Mas agora, empurrado pelas legiões romanas para as rudes serranias, tornou-se guerrilheiro e dos antigos inimigos fez aliados, reservando os seus ódios para os invasores.
A onda latina, submergendo tudo à sua passagem, romanizou as aldeias e povoados das terras planas, pacificando as populações e expulsando os rebeldes para lugares mais agrestes.

Algumas tribos nómadas vieram pernoitar mais amiúde nas faldas dos Hermínios. Outros espíritos inquietos e amantes da liberdade se lhes juntaram. Entre todos, aclamaram a Viriato para que dirigisse o percurso das suas lanças na luta desigual contra os opressores.
Hoje, a poderosa Roma sabe que os Hermínios são um espinho encravado no Império. Depois da derrota do pretor Pláucio Hipseu e do cônsul Fábio Emiliano, Roma além de dar o título de AMIGO DO POVO ROMANO, a Viriato, passou a considerar a Lusitânia como terra independente.
E se pela força só conseguem revezes, os romanos não hesitam em recorrer à argúcia e à traição para aniquilarem o foco de rebeldia.
Assim como depois destes duzentos anos de guerras, muitos dos lusitanos já anseiam por tempos mais calmos em que se possam deixar romanizar sem sobressaltos.

O homem da planície poderia ter insistido, impunemente, nas suas invectivas mas, porque já se deixara possuir por algum do nosso silêncio, como mel derramado, na lage de ardósia se estendeu.
Audax mantinha-se de pé, quase agachado, sem tirar os olhos do chão.
Viriato, cansado de guerras e emboscadas, ajeitou o capuz de carneiro, encolheu as pernas às quais se abraçou e adormeceu sonhando com pastorícias felizes e tranquilas.
Ditalco! Minuro! – (sussurrou Audax enquanto desembainhava o facão – Matamo-lo antes de raiar o sol, vamos ao acampamento da Legião receber o prémio e ainda chegamos à tasca do Flavius a tempo de almoçar.

Este é um extracto do manuscrito que Minuro escreveu na noite que precedeu o assassínio de Viriato. Mas aproxima-se alguém... E eu que não gosto nada de ser interrompido...

bibBIA

Realizador de cinema – Não pude deixar de ouvir a sua lengalenga sobre Viriato e não só a considero interessante como vem precisamente ao encontro daquilo que me proponho fazer nestas ruínas. Repare na minha sinopse:

1 – Penedos - *(Meditação de Viriato)*
2 – Panorâmica sobre Conímbriga
3 – Quotidiano em Briteiros / Ataque romano
4 – Retaliação lusitana - *(serra da Estrela)*
5 – Destruição de Conímbriga / morte de Viriato

Narrador – Compreendo... Pretende fazer um filme sobre a morte de Viriato...

Rea– Não só sobre a morte mas tentar compreender toda a vivência da época... penetrar no espírito daqueles povos... Quer ver os planos já esquematizados?
Repare...

1º plano
Um penhasco. Moldura de Serras. Viriato medita olhando o horizonte. As sombras dos três assassinos.

2º plano
Conímbriga.
a) Visita de estudo. A viagem intencional no tempo. 2000 anos de recuo na História.
b) A fuga dos romanos após a destruição da cidade pelos suevos. Os escombros. Madeiras carbonizadas e fumegantes. Espirais de fumo.

3º plano
Citânia de Briteiros.
a) O quotidiano lusitano. Artesanato, pastorícia, artefactos agrícolas, trocas comerciais, etc.
b) Ataque romano sobre a aldeia castrense. A violência. A dor. A desolação.

4º plano
Serra da Estrela. Algures. A armadilha. Grupo de lusitanos em fuga. O engodo para os romanos. Projecção de pedras de grandes dimensões sobre uma centúria romana. Gritos holofrásicos de vitória. O saque.

5º plano
a) Penhascos. O assassínio de Viriato. A morte posterior dos traidores em vez do cobiçado prémio.
b) Conímbriga. O exôdo romano após a passagem sueva.

Plano geral sobre as ruínas.

bibRIA

Nar – Uma grande produção, a qual envolverá certamente consideráveis gastos, recursos humanos e técnicos, um potencial que nós não possuímos, naturalmente...

Rea – Deve estar a brincar. Isto sai barato. Qualquer turma pode fazer isto na área-escola.
Veja só a distribuição geográfica das filmagens:

Serra da Estrela ou outra de similares características:
1º plano / 4º plano / 5º plano a)

Conímbriga e eventualmente, villae do Rabaçal:
2º plano a) e b) / 5º plano b)

Citânia de Briteiros e eventualmente, Safins:
3º plano a) e b)

Como vê, bastam alguns adereços e duas ou três visitas de estudo.
Até seria interessante fazer tudo numa só visita. Seria como uma espécie de viagem ao passado.

Nar – Nesse caso, também se poderia fazer tudo no mesmo local. Aqui há montanhas, vales, as ruínas... Quanto à aldeia lusitana, teria de ser construída, claro... E a História? O guião para as filmagens?

Rea – Já lhe mostro... Até tenho um papel para si... Não quer ser o Velho? A história é assim:

1º plano
Fundo montanhoso ao longe. Alguma bruma a dissipar-se.
Passagem do genérico.
Viriato, sentado num penhasco, medita. De grande plano a plano geral sobre a postura de Viriato.

2º plano
(A partir deste momento, surge a turma de jovens actores, a qual começa a representar à medida que as didascálias são ditas)

a) Uma visita de estudo a Conímbriga. Desembarque alegre e efusivo dos alunos. Plano picado sobre a entrada no recinto. Alunos e professores especulam sobre como seria a vida dos habitantes da cidade.

Aluno – E se nos vestíssemos como os romanos para reviver os últimos dias de Conímbriga?

Professor – Óptima ideia. E podemos utilizar os lençóis que trouxemos para dormir na pousada. E toalhas... e outros adereços...

bibRIA

Alunos e professores vestem-se, conversando sobre as diferentes indumentárias. Planos médios encadeados.

b) - *(Possível rufar de tambores)* - Momento mágico do regresso simbólico ao passado. Os figurantes correm pelas ruínas. Estruturas fumegantes e archotes incandescentes estão espalhados pelos escombros. Um figurante sobe a uma muralha, prescruta o horizonte e anuncia:
Os suevos já vão longe...

Possíveis comentários:

1 – Bárbaros... Arrasaram a minha cidade...

2 – Horríveis e selvagens criaturas...

3 – Júpiter Máximo abandonou-nos...

4 – Destruíram os nossos altares...

Figurantes recolhem e choram os mortos, tratam os feridos, juntam objectos dispersos, erram pelas ruínas da cidade.
Um velho de longa barba branca aproxima-se apoiado numa lança quebrada. Os outros rodeiam-no com respeito.

Velho – Este é o fim da nossa civilização.
Roma levou cinco longos séculos a erguer este bastião da cultura latina no extremo mais ocidental do Mare nostrum e, num ápice, um punhado de bárbaros arrasou a História...
Os próximos tempos serão de esquecimento.
A barbárie dominará.
Muitos povos se cruzarão sobre estas pedras, uns do Norte, outros do Sul, todos disputarão a posse desta velha Lusitânia...
(Planos encadeados de chocar de espadas e de gritos de fúria).
Nós descendemos de povos que fizeram frente à invasão romana.
Eu próprio descendo de um bom romano cujo pai se fez romano traindo.

Um figurante – Velho sábio, respeitamos-te como tal, mas dizes coisas, nesta hora de tristeza e aflição que nós não entendemos.

Velh– Descendo de Primicius, naturalizado romano depois da traição de seu pai, Minuro, que com outros dois, Ditalco e Audax, lograram pôr termo à vida de Viriato, um defensor dos nossos antigos costumes lusitanos.

Outro Figurante – E como sabes tu isso? Nós sempre fomos romanos. E os nossos pais e os nossos avós. E todos os nossos manes e penates. Sempre tivemos estes deuses do lar...

bibRIA

Vel – Toda esta terra já foi devotada ao culto da lua. E uma vez na vida de cada um de nós, desciamos ao promontório sagrado, o velho rochedo Sagres, para estarmos mais próximos dos raios de luar da nossa deusa mãe. Por essas alturas, pontificava o benéfico deus Bandevelugo antes de ser destronado por Júpiter.

Outro Figurante – O Deus Pai de todos os romanos...

Vel – Nem sempre fomos romanos. Alguns séculos atrás, nesta mesma cidade, vivia um povo da hispânia, os Cónios. E por essas serras e vales em redor, muitos outros povos se estendiam.
Não digo que fossem tempos fáceis.
A serra pilhava a planície e cobrava o seu tributo em gado, mulheres e géneros. De modo que com a chegada dos romanos, a planície logo se aliou aos invasores, julgando garantir assim a sua liberdade cultural. Depressa se deram conta do logro porque aos romanos não era dado respeitar os costumes e os usos locais.
Os montanheses resistiram mais tempo. O apodado Viriato reuniu à sua volta um punhado de descontentes e de tal modo obraram que infligiram sérios revezes às legiões romanas. Morreu Viriato e pouco tempo depois morria a maneira de ser dos povos das Hispânias.

LOURIA

Outro Figurante – Mas como sabes tudo isso?

Vel – Sei-o há pouco tempo. Muito pouco tempo. Aprendi-o ontem.
Aprendi-o num escrito de carneiro do meu antepassado Primicius. Escrito esse que encontrei esta mesma noite, numa ânfora, quando escavava uma sepultura para a minha mulher na cave do nosso lar.
Tenho aqui o pergaminho. Primicius tendo aprendido a arte da escrita ao serviço do pretor Galeno, resolveu registar a memória de um povo que então se finava, como expiação pelo acto traiçoeiro de Minuro, seu pai. Quereis que vos desvende alguns dos usos de então?

Outro Figurante – Sim! Lê!
Já que perdemos tudo no presente, guardemos então alguma memória do passado.

O Velho repete a leitura do documento da introdução. Primicius escrevera como se estivesse no lugar de seu pai, Minuro. Plano geral a diluir-se lentamente. A leitura deixa de se ouvir dando lugar aos balidos de ovelhas e ao chamamento dos pastores. Eventual plano recuado de um rebanho contemporâneo.

3º plano
Citânia de Briteiros.

a) O quotidiano. As várias cenas do dia a dia. Plano geral para grande plano. Artesanato, bulício e azáfama das ruas da citânia, jogos do pau, fabrico de cerveja e de manteiga, tecelagem, pastorícia, etc. Crianças correndo alegremente por entre pessoas que trabalham, mercadejam, etc. - (limite máximo de duração: 3 minutos)

b) O ataque romano. O descuido da população e a má fé dos legionários. Ferimentos. Mortes. Dor. Desolação. Enquadramento sucessivo de primeiro para segundo plano. Restos de luta. Alguma resistência apenas esboçada. O choro de crianças perdendo-se ao longe, no horizonte. Plano geral. Uma leva de escravos acorrentados deixa a aldeia. As sandálias dos legionários pisando forte na estrada romana. Enquadramento de muito grande plano na sandália. Sons de marcha militar.

4º plano

Uma centúria persegue um grupo de lusitanos. Plano geral. É atraída para um desfiladeiro. Os lusitanos desaparecem. Grandes planos nas caras estupefactas dos soldados. Uma decúria é enviada em exploração. Não regressa. O centurião dá ordem de retroceder. Plano médio. Demasiado tarde. Grandes blocos de pedra caindo do alto bloqueiam a saída. Plano picado de baixo para cima. No alto dos morros surgem as cabeças dos lusitanos. Gargalhadas. Impotência dos soldados. Desespero. Pedras rolam do alto esmagando os romanos. Chovem setas. Surgem lusitanos em baixo, no vale, lutando com varapaus. Não se poupam vidas. O saque. Intermitentemente, gritos holofrásicos de vitória. Cai a noite. A imagem apaga-se lentamente.

5º plano

a) Viriato medita no penhasco. As sombras dos assassinos clarificam-se. O estertor da morte e o espasmo do corpo de Viriato. A imagem dilui-se vendo-se fugazmente o acampamento romano e a morte dos três assassinos.

b) Conímbriga. Uma decúria de soldados aproxima-se. Vêm cansados e andrajosos.

Decurião – Salvé! Já nada podemos fazer aqui... Somos os últimos soldados de uma legião que já foi gloriosa.

Vel – Ironia do destino! Estavamos precisamente a falar em vós...

Dec – Nós?

Vel – Vós! Os representantes das Legiões romanas. Antes de ser pacificada, esta província deu muito que fazer aos legionários da Roma Imperial.

Dec – Como assim? Houve tanta resistência assim?

Vel – A suficiente para ter irritado César Augusto...

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO BAIRRO
OFERTA

Dec – E como conseguiram isso contra os bem disciplinados exércitos de outrora?

Vel – Os lusitanos eram rudes mas não erravam pelas colinas da estupidez. E sobretudo, tratava-se de defender uma cultura ameaçada de extinção.

Dec – Legionários da Roma Imperial! Os suevos devem acampar esta noite nas margens do Mondego. Em marcha forçada, estaremos de madrugada às portas de Aeminium. Podemos encurralá-los. Avante! Marche.

Velho – Ide soldados. Mas é inútil! A vossa morte é inútil!

Os soldados partem, cantando. Plano geral, vendo-se os soldados a contornar os muros de Conímbriga, afastando-se ao longe.

Fig – E nós? Não podemos ficar aqui. Sem muralhas e sem soldados, estamos condenados.

Vel – Façam as trouxas. Empacotem o que puderem e seja fácil de transportar. Partam ainda esta noite e espalhem-se pela Hispânia. A região é vasta e poderão encontrar locais menos concorridos pelos Bárbaros.

Os figurantes, de trouxa às costas, dispersam-se pelas ruínas, abraçando-se e despedindo-se uns dos outros. Plano recuado. Em primeiro plano, o velho sentado numa pedra, monologando:

Mais povos vindos do norte se acercam já a estas paragens. Virão depois outros dos lados de Cartago e mais tarde, só muito mais tarde, um específico país florescerá aqui, tecendo as malhas de um reino que de pequeno se fará grande e, corajosamente, enfrentará perigos inumanos trazendo novos mundos ao mundo.

FIM

Realizador – E assim terminará o filme.

Uma vista aérea panorâmica sobre as ruínas. Enquadramento de moldura. Genérico final.

Realizador – Quando é que podemos começar?

bibRIA

Ao completar uma década de existência, entendeu o grupo de teatro "Viv' arte" (Escola Secundária de Oliveira do Bairro) compilar os textos produzidos e representados ao longo da sua actividade. Desse material acumulado, separaram-se os textos assinados por Mário da Costa daí resultando a publicação desta obra, a qual pretende, de forma despretenciosa e sem ambições, funcionar como fonte de inspiração para outros grupos, tentando ir ao encontro das dificuldades sentidas por tantas escolas em encontrar textos contemporâneos e que possam ser representados por elencos numerosos.

Apoios:
Instituto Português da Juventude
Fundação Calouste Gulbenkian
Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres
Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

Efémero Edições
– Fora de cena–

Uma produção do Laboratório de Expressão Dramática

Pecas de Teatro Para Jovens Alun
F.L. 821.134.3-2 COS e. 3
019658

Índice

Introdução 7

Histórias de arremedilhos e de histrões que não sabem arremedar 11

Desmemórias de um alquimista passado dos carretos 29

Algumas histórias de puxar as orelhas a meninos e meninas bem comportados 51

Quem sou eu? 61

Os 10 cobrimentos 71

Alguns exercícios de estilo à volta de uma estátua 91

Auto das Embarcadiças 107

Projecto sem dó nem piedade 115

O vagabundo e a estátua 123

Aos homens nada escapa, a não ser o vinho que elas bebem 131

Adaptação livre do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente 151

Alucinações de uma bruxa que queria ser palhaço 165

A Estreia - Peça Satirico-Infantil para idades indefinidas 179

Mas afinal quem somos nós? 191

Ecologia é Vida 195

Amor em tempo de guerra 199

Alunos de hoje / Professores do amanhã 205

O Último Viriato 213

bibRIA

bibRIA

Pecas de Teatro Para Jovens Alunc
F.L. 821.134.3-2 COS e. 3

019658

Nº de Registo: 19658
Data Entrada: 021/07/02
Cota: F.L. 821.134.3 - 2
M.F.N.: 5448

OUTRAS OBRAS DESTA EDITORA

VOLUMES PUBLICADOS:

1 – GUERRAS CURTAS - Luís Mourão

2 – NAUFRÁGIO DO GALEÃO - Joaquim Paulo Nogueira

3 – ALGUMAS PISTAS SOBRE O MAR SALGADO - Mário da Costa

4 – UMA ARCA DE VENTO - José Geraldo

5 – GUIA DE ESTRADAS - Luís Mourão

6 – A NAU CATRINETA, O MÉDICO E O MONSTRO - José Azevedo

7 – FRONTEIRAS - ATELIER DE ESCRITA - Daniel Simon

AGUARDANDO PUBLICAÇÃO

9 – O DOMINGO - José Moura Ramos

10 – CENAS DE AMOR E DE GUERRA - Colectânea de Autores

bibRIA